

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA
TRADUÇÃO**

Isaack Saymon Alves Feitoza Silva

**GÍRIA EM LINGUA DE SINAIS BRASILEIRA (LSB):
PROCESSO E INTERPRETAÇÃO**

FLORIANÓPOLIS

2015



“GÍRIA”

ISAACK SAYMON ALVES FEITOZA SILVA

**GÍRIA EM LINGUA DE SINAIS BRASILEIRA (LSB):
PROCESSO E INTERPRETAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução.

Orientadora: Prof. Dra. Ana Regina e Souza Campello

**FLORIANÓPOLIS
2015**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Silva, Isaack Saymon Alves Feitoza
Gíria em Língua de Sinais Brasileira (LSB) : Processo e
Interpretação / Isaack Saymon Alves Feitoza Silva ;
orientadora, Ana Regina e Souza Campello - Florianópolis,
SC, 2015.
162 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-
Graduação em Estudos da Tradução.

Inclui referências

1. Estudos da Tradução. 2. Gíria. 3. LSB. 4. Mudanças
Fonológicas. 5. Morfema-boca. I. Campello, Ana Regina e
Souza. II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. III. Título.

ISAACK SAYMON ALVES FEITOZA SILVA

**GÍRIA EM LINGUA DE SINAIS BRASILEIRA (LSB):
PROCESSO E INTERPRETAÇÃO**

Dissertação apresentada à coordenação ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina como parte requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução: Estudos da Interpretação.

Florianópolis, 02 de Julho de 2015.

Prof. Dra. Andréia Guerini
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução

Prof. Dra. Ana Regina e Souza Campello
Orientadora e Coordenadora da Banca Docente

Prof. Dr. Tarcísio Arantes de Leite
Membro da Banca – UFSC/PGET

Prof. Dr. Markus Weiniger
Membros da Banca – UFSC/PGET

Prof. Dra. Aline Lemos Pizzio
Membros da Banca -UFSC

Diante dos novos desafios de sermos os protagonistas de qualidade e competitividade, necessitamos de novos incentivos no processo de modernização e humanização.

Sendo assim, dedico este trabalho às pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para que eu pudesse chegar onde estou.

AGRADECIMENTOS

É com muita alegria e gratidão a Deus que externo meus sinceros agradecimentos pela conclusão desta dissertação.

Esse trabalho foi fruto de muitos esforços, pesquisas, leituras sobre gírias em LSB, e reuniu um grande número de colaboradores, onde posso citar meus amigos Nayana, Laryne, Rafaela Alves, Louize, Ludymilla, Michel Marques, Simone, Patrícia e outros; eles aceitaram intermediar, dedicaram seu tempo me relatando suas vivências – e, porque não dizer, suas histórias – colaborando nesta minha empreitada, para que eu pudesse abrilhantar esta dissertação; ajudando-me e contribuindo nas minhas pesquisas.

Não poderia deixar de citar pessoas tão importantes para mim que fizeram parte de minha vida acadêmica, meus amigos mestrandos e doutorandos: Rodrigo Machado, Betty Lopes, Germano Dutra, Francielle Cantarelli, Leticia Fernandes, Victor Hugo, Débora Wanderley, Fernanda Machado e Marcos Kluber, pessoas estas que ficarão para sempre em minhas lembranças, pois estávamos juntos nos momentos de discussão e de diversão e que através das entrelinhas do destino aprendi que cada um tem seu lado especial e que cada um teve sua participação em meu amadurecimento.

Aproveitando o ensejo, externo minhas sinceras gratidões pela dedicação e colaboração de Carolina Pêgo, que me emprestou seu ombro amigo para que eu pudesse chorar minhas saudades; a Afonso Loss, esposo de Carolina, o qual deixou que eu participasse de seu convívio, dando-me apoio, confortando-me com palavras amigas e pelos outros compartilhados para que eu pudesse dar continuidade a este trabalho.

Agradeço à minha mãe Vera Lúcia Alves Feitoza, pelo apoio, dedicação e orações, pois que sem ela meu mundo seria menos colorido.

Ao meu pai Francisco Inácio da Silva que muito se orgulha da minha formação.

Demonstro meu reconhecimento pelos familiares, Aldênia, Mara Jannayna e Agnelly, que quando precisei não me faltaram.

Evidencio meu apreço e consideração à minha orientadora Ana Regina Souza e Campello.

E como não poderia deixar de lembrar, minhas referências a Letícia Tobal e Natalia Rigo, minhas intérpretes e ao mesmo tempo amigas que, com seus jeitos meigos, me cativaram.

Agradeço a contribuição da CAPES.

Valendo-me da minha memória, não poderia deixar de lembrar minha vizinha e ao mesmo tempo amiga Ivonne Makhoul que apoiou-me com as ilustrações aqui apresentadas.

Não poderia deixar de agradecer a Markus Weiniger, Rachel Sutton Spencer, Aline Lemos Pizzio e Tarcísio Arantes de Leite pelo apoio, incentivo e criatividade a mim dispensados na produção da dissertação.

Assim, estou eu aqui a deixar um pouco de mim e com sinceros agradecimentos.

RESUMO

Discorrendo sobre gíria em Língua de Sinais Brasileira (LSB): processo e interpretação, a mesma relaciona-se com a ciência da língua que é a linguística; apresentamos as gírias em suas situações pragmáticas. Suas variações dependem do contato com outras línguas, grupos sociais, aspectos físicos, psicológicos e outras manifestações, incluindo artes, cinema, dança e outros. A comunidade surda faz sua integração nesta tradução cultural comunicando-se em LSB. Esta língua também traz suas variantes nas distinções dos sinais conforme a diversidade do falar das pessoas de um estado para outro ou de um grupo a outro, num sistema pragmático, mostrando a relação entre os signos e seus usuários. O povo surdo também utiliza gírias e estas adquirem suas modificações como toda língua viva em sua dinâmica evolutiva e sua forma popular/estigmatizada. Na fundamentação teórica é feita uma explanação da gíria como sendo uma linguagem de caráter popular; constituindo-se em sua relação à fonologia e a morfologia; os morfemas-boca e a pragmática. Quanto à contextualização é apresentada a gíria na sociolinguística, suas variações incluindo as expressões idiomáticas com suas metáforas. Fazendo referência à função da gíria, ela expõe-se interrelacionada à pragmática, apresentando-se em modo interno e externo, correlacionando sua tipologia, seu uso em contexto, sinais novos, enfim suas mudanças. Quanto ao processo metodológico é apresentado através do sistema descritivo e “linguista poltrona” citado por Charles Fillmore (1992); em seguida faz-se apresentar disparidades nos parâmetros da LSB, o método auto-reflexivo, em conjunção com as observações participativas na comunidade, verificando exemplos com os surdos da mesma; são apresentados exemplos de gírias usadas em LSB do estado do Rio Grande do Norte, capital Natal. Estes sinais não padronizados, não são conhecidos fora da região, nem mesmo pessoas que fazem parte íntima da comunidade. Segundo as teorias de mudanças fonológicas, foi identificado que as primeiras características da gíria têm foco na redução fonológica e morfológica, especialmente na dinâmica dos morfemas-boca e outros elementos não manuais, no caso aqui da gíria em LSB. Estas têm grandes implicações para formação de intérpretes porque precisam decodificar conhecer mais a fundo as marcas de uma tradução cultural, para que possam absolver o nível de intimidade dos sinalizantes. Por isso, é de extrema relevância a relação entre tradutor e surdo, tendo em vista as considerações relacionadas à importância do conhecimento da norma surda de tradução. Finalizando é ressaltada a ênfase à análise dos dados conforme Saussure que aborda a língua como heteroclítica e multifacetada.

Palavras chave: Gíria, LSB, pragmática, mudanças fonológicas, morfemas-boca.

ABSTRACT

Concerning slang in Brazilian Sign Language (LSB): process and interpretation, this research relates to the language science which is linguistics; we present slang in its pragmatic situations. Its variation depends on the contact with other languages, social groups, physical and psychological aspects, as well as other manifestations including arts, cinema, dance and others. The deaf community integrates this cultural translation communicating in LSB. This language also has its variants in sign distinction, according to the diversity of speech of the people state to state and from group to group, in a pragmatic system, displaying the relation between the signs and their users. The deaf also use slang and it also goes through modification like any other living language in its evolutionary dynamics and its popular/stigmatized variants. For a theoretical fundament, slang is explained as a language with a popular character; constituting itself phonologically and morphologically, mouth-morphemes and pragmatics. As for contextualizing, slang is presented within the frame of Sociolinguistics, its variations including idioms with its metaphors. Referring to the function of slang, it is exposed as inter-related to pragmatics, presented internally and externally, correlating its typology, its contextual usage, new signs, its changes. Concerning the methodological process, it is presented through the descriptive system and “couchlinguist” as coined by Charles Fillmore (1992); then the disparities are shown within the parameters of LSB, the auto-reflexive method, together with the participative observation of the community, verifying examples with its deaf people; A few examples of LSB slang used in the state of Rio Grande do Norte, and its capital Natal. Those signs are not pattern, they are not known outside of this region, not even by people who are intimate parts of the deaf community. According to the theory of phonological change, the first characteristics of slang have been identified to focus on phonological and morphological reduction, especially within the dynamics of the mouth-morphemes and other non-manual elements, in this case, in LSB slang. Those have immense implications on the formation of interpreters, since they need to decode and know the marks of cultural translation more in depth, so that they are able to absorb the level of intimacy between the signalers. The relation translator-deaf person is therefore extremely important, given the considerations related to the importance of knowledge of the deaf translation norm. Finally, we emphasize data analysis according to Saussure, who approaches language as heteroclitic and multifaceted.

Keywords: Slang, LSB, pragmatics, phonological change, mouth-morphemes.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Comunicação segundo Rabaça & Barbosa (2001).....	42
Quadro 2: Tipos de Comunicação, segundo Rabaça & Barbosa (2001)	43
Quadro 3: Tese de Santos (2014, p. 56).....	44
Quadro 4: Gíria (redução).....	52
Quadro 5: Morfema-boca segundo Bickford e Fraychineaud (2008) ..	61
Quadro 6: Morfema-boca segundo Bickford e Fraychineaud (2008), traduzido para o português por Pêgo (2013)	62
Quadro 7: Construção da Linguagem segundo Kadota (2009).....	122

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Pré-estudo da pesquisa sobre gírias em LSB	30
Figura 2: Configurações de Mãos	47
Figura 3: Tipologia dos movimentos	48
Figura 4: Localização: contato no corpo	48
Figura 5: Pares mínimos na LSB	49
Figura 6: Expressões faciais: chorar, fatiar, cebola.....	51
Figura 7: Dicionário vs. Gíria: Ocupado!	54
Figura 8: Morfologia de sinais compostos em ASL: Pensar, Casar, Acreditar	58
Figura 9: Dicionário vs. Gíria: Lábia	59
Figura 10: Caráter dinâmico do morfema-boca (pow), coordenado com o sinal manual "estourar". SINAL ESTOURAR + BOCA EM POW.	64
Figura 11: Sinal “SORVETE” com seu morfema-boca, obrigatório durante a produção do sinal.	64
Figura 12: “O QUE”: balanço de cabeça + elevação de sobrancelhas + boca em U.	65
Figura 13: “UVA”: boca formando um bico + dedos pegando a semente.	65
Figura 14: "SENTIR" com seu morfema-boca.	66
Figura 15: “ESCREVER CORRETAMENTE”: lábios apertados + sobrancelhas franzidas + sinal “escrever”	67
Figura 16: “ESCREVER DESLEIXADAMENTE”: língua em “th” + sobrancelha neutra + sinal “escrever”	67
Figura 17: "REGRA COM CARÁTER DE CERTEZA": sinal "regra" + lábios apertados.....	68
Figura 18: (a) morfema "th" produzido junto com o sinal. (b) sinal bilíngue.	69

Figura 19: Lábios semi-apertados com sopro, associado ao classificador que indica linha de tempo.....	69
Figura 20: "MULTIDÃO DE PESSOAS".	70
Figura 21: "ALGUNS NÃO", com lábios curvados para baixo.....	71
Figura 22: "DESESPERO", com o morfema-boca de língua para fora. 71	
Figura 23: "Bom Dia" (Campina Grande/PB).....	85
Figura 24: "Bom Dia" (Natal/RN).....	85
Figura 25: "Cerveja" (Natal/RN).....	86
Figura 26: "Cerveja" (Fortaleza/CE).....	87
Figura 27: "Cerveja" (Belo Horizonte/MG).....	87
Figura 28: Expressão idiomática da LSB: Situação interna não expressa em relação a uma situação.....	89
Figura 29: Expressão idiomática da LSB: Sinal arbitrário.....	90
Figura 30: Expressão idiomática da LSB: Presumir.....	91
Figura 31: Metáfora da LSB: Parece que a pessoa quer entender melhor.....	96
Figura 32: Metáfora da LSB: Estou folgado.....	97
Figura 33: Metáfora da LSB: Parece que está suando.....	98
Figura 34: Metáfora da LSB: Parece estar colocando papinha na boca da pessoa.....	99
Figura 35: Metáfora da LSB: Parece que tem um livro na mente.....	100
Figura 36: Metodologia de Pesquisa.....	103
Figura 37: Cartaz "Cine Holliúdy".....	107
Figura 38: Gíria: ah (ironia).....	109
Figura 39: Gíria: 'ah, não faz isso comigo, tu é malvado!'.....	110
Figura 40: Ah, valeu! (irônico).....	111
Figura 41: Gíria: Fica tranquilo! Relaxa!.....	112
Figura 42: Gíria: De novo?! (repetição de informação).....	113
Figura 43: Gíria: Não dá! Impossível!.....	113

Figura 44: Gíria: Vai ter que ir mesmo!.....	114
Figura 45: Gíria: Concordo! (animado)	115
Figura 46: Gíria externa: 007 (esperto).....	117
Figura 47: Gíria externa: Oxe!	118
Figura 48: Gíria Externa: Vixe (admiração)	119
Figura 49: Uso em contexto: (a) Deixe pra lá, (b) Nem ligo, (c) Não tem problema	123
Figura 50: Uso em contexto: Vergonha (sinal e gíria)	125
Figura 51: Uso em contexto: Sem palavras.....	126
Figura 52: Uso em contexto: Sacrifício (sinal e gíria) Videos originais:	127
Figura 53: Mudança de sinal: (a) superior, (b) inferior, (c) alimento ou pessoa que não gosta	130
Figura 54: Mudança de sinal: Maturidade e Imaturidade	131
Figura 55: Mudança de sinal: Nível alto e nível baixo	132
Figura 56: Mudança de sinal: Falando mal	133
Figura 57: Disparidades de Configuração de Mão: Alívio	136
Figura 58: Disparidades de Movimento: Coração.....	138
Figura 59: Disparidades de Localização: Evitar	139
Figura 60: Disparidades de Orientação da Mão: Para Cima / Para Baixo	141
Figura 61: Disparidades no contexto "Conversa boa", "Lábia"	144
Figura 62: Disparidades no contexto "Espera, deixa eu explicar"	145
Figura 63: Sinais em mudança lexical no mesmo sentido: Pare com isso!	147
Figura 64: Sinais com mesmos lexicais e mudança de localização: Ação interna (não expressa) sobre uma situação.....	149
Figura 65: Sinais com mesmos lexicais e mudança de localização: Presumir	151
Figura 66: Economia linguística: Não dá!	153

Figura 67: Economia linguística: Ocupado!.....	155
Figura 68: Economia linguística: ASNAT	156
Figura 69: Caráter dinâmico do morfema-boca (pow) e o fato dele exigir tempo coordenado com o sinal manual EXPLODIR, formando o “SINAL EXPLODIR+BOCA EM POW”	158
Figura 70: Ah, não faz isso comigo!	159
Figura 71: Tranquilo!	160
Figura 72: Sinal convencional ‘rico’	161
Figura 73: Gíria 'Tem muito dinheiro'	162
Figura 74: Expressão 'muito sacrifício'	163
Figura 75: Sinal 'aguento mais adulando'	164
Figura 76: Sinal 'belíssimo'	165
Figura 77: Sinal 'cuidado, evitar que a outra pessoa veja'	166
Figura 78: Morfema boca 'olha aí'.....	166
Figura 79: Aspectos da interpretação das gírias associados a sinais não-manuais e a morfemas-boca	168

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	19
1.1. Justificativa.....	22
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	29
2.1. Sinais LSB/GÍRIA	29
2.2. As Línguas de Sinais	35
2.3. Tradução	37
2.3.1. Estudos da interpretação: comunicação, compreensão, pragmaticismo e uso em gíria.....	38
2.4. Fonologia	45
2.5. Morfologia	55
2.6. Sinais não-manuais (Expressão facial)	60
2.7. Morfema-boca.....	60
2.8. Língua de Sinais na Pragmática.....	72
3. CONTEXTUALIZAÇÃO NA GÍRIA	77
3.1. Gírias de Natal – Rio Grande do Norte.....	77
3.1.1. Gírias na sociolinguística	78
3.1.2. Variação linguística.....	81
3.1.3. Gírias nas expressões idiomáticas	89
3.1.4. Diferenças entre gíria e metáfora	92
4. METODOLOGIA DE PESQUISA	101

5. PRAGMÁTICA E A FUNÇÃO DA GÍRIA	105
5.1. Gírias internas.....	106
5.2. Gírias externas.....	116
5.3. Tipologia das Gírias	120
5.3.1 Gírias (uso no contexto).....	120
5.3.3. Sinais novos e Neologismo.....	128
5.3.4. Mudança de Sinal.....	128
6. ANÁLISE DOS DADOS.....	135
6.1. Disparidades do sinal.....	135
6.1.1. Disparidades do Movimento	137
6.1.2. Disparidades da Localização.....	139
6.1.3. Disparidades da Orientação de mão.....	141
6.1.4. Disparidade no contexto, duplicação de palavras ou frase Morfológica composta	143
6.1.5. Sinais em mudança lexical no mesmo sentido.....	146
6.1.6. Sinais com mesmos lexicais e mudança de localização...	149
6.1.7. Economia linguística dos sinais	153
6.2. Morfema-boca LSB nas gírias.....	158
6.2.1. Morfema boca e aspectos linguísticos na pragmática	167
6.3. Discussão sobre os resultados	168
7. CONCLUSÃO.....	171
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	173

1. INTRODUÇÃO

O tema ora proposto surgiu, primeiramente, quando vislumbrado na disciplina de sociolinguística, na graduação do curso de Letras/Libras, a oportunidade de iniciar uma pesquisa sobre “Gíria em LSB¹”, entretanto, foi observada a escassez de informações acerca da referida abordagem. Assim, através da elaboração desta, no intuito de contribuir para a ampliação de novas pesquisas, foram realizados estudos a partir da vivência com a comunidade surda de Natal- Rio Grande do Norte, objetivando a análise das gírias que circulam na citada comunidade, fornecendo mais uma parcela de contribuição mediante as apreciações dos sinais usados entre os surdos de Natal, como também outros sinais adquiridos a partir da influência dos sinais utilizados por comunidades surdas de outros estados.

Deste modo, pretende-se pesquisar sobre as gírias da LSB no Brasil, realizando o resgate e registro por meio desta dissertação. A atividade orienta-se sob a mediação de um estudo descritivo dos processos fonológicos e morfema-boca, na perspectiva da sociolinguística. Estes elementos, descobertos recentemente, estão aqui reiterados na área da pesquisa, através de observações na convivência com pessoas da comunidade surda de Natal, no estado do Rio Grande do Norte.

Antes da legalização da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), pela lei Nº 10.436 de 2002, os surdos compunham os espaços sociais sem ter quem lhes intermediassem ou os entendessem, tendo em vista que sua usual e excêntrica maneira de se expressar não era facilmente compreendida. Precisavam de interlocutores para mediar suas comunicações sociais e, em consequência disso, surgiram profissionais os quais realizam essas intervenções.

Somado a isso, muitas divulgações são feitas sobre esta tão nova língua, no entanto, no contexto atual, estes surdos continuam a necessitar de mediações comunicativas em diferentes momentos. Ademais, com a difusão da LSB, passaram a ter maior liberdade de expressão, formulando novos sinais, absorvendo gírias circulantes entre seus próprios pares, ou até mesmo de outros utentes da mesma língua.

¹ Ora dissertada, apresenta registros discorridos por Anater (2009) onde configuram que a Língua de Sinais Brasileira é representada pela sigla LSB, no entanto a legislação determina que a língua dos surdos brasileiro passa a ser chamada pelo nome LIBRAS em qualquer parte do mundo.

Portanto, pretende-se aqui explicar como se dá o processo de construção das gírias na LSB.

Em primeiro momento, é significativo apresentar o conceito de gíria: conforme o dicionário Aurélio (1986) o conceito de gíria relaciona-se à conversação mais discreta; linguagem de pessoas que procuram não ser entendidas pelas outras pessoas; linguajar próprio das pessoas de uma mesma profissão; comunicação criada em determinado grupo social; dialeto dos artistas; linguagem anteriormente entendida como sendo aquela usada por grupos marginalizados, mas que hoje é usada e inserida entre todas as esferas sociais.

Esse trabalho se propõe a sintetizar também a própria experiência pessoal² do pesquisador, onde reside o interesse em descrever sobre o referido tema e, de certo modo, recuperar sua história individual enquanto sujeito surdo, desta feita percebendo-a por outros horizontes, enquanto profissional, como professor. Contudo, enquanto surdo, corpo que pulsa, questiona e pensa: como começar a desenhar o viver, o ser, a intelectualidade, os embates e as vivências, separadamente? Reafirma-se, portanto, que a implicação com o tema é de cunho pessoal e ao mesmo tempo profissional, e, mais recentemente, enquanto pesquisador.

A metodologia adotada baseia-se no levantamento, através de pesquisas, dos sinais utilizados entre a comunidade surda de Natal - Rio Grande do Norte. Os registros dos sinais foram feitos em observância às sutilezas e análise delicada e talentosa de quem também os usa, examinando minuciosamente as exigências dos processos fonológicos e morfema-boca empregados. Narrando desafios e potencialidades, nasce a oportunidade de galgar mais um degrau com novos conhecimentos, bem como apresentar com obsequiosidade a consolidação dos

² Surdo, pesquisador, militante das questões do povo surdo; graduado nos cursos de Serviço Social (FACEX) Natal-RN e LETRAS/LIBRAS (Polo IFRN da UFSC) Natal-RN; instrutor de LIBRAS, ex-coordenador de Instrutores de LIBRAS na ASNAT (Associação de Surdos de Natal), ex-coordenador dos Jovens Surdos do RN e líder de mobilização do movimento “Escola bilíngue para surdos do RN.” Imbuído de experiências, trajetórias e memórias que pulsam e se sobressaem através do meu modo de pensar, de escrever, inserido no seu discurso, na luta por mais conhecimentos e uso da língua de sinais e da cultura surda. Acredita que o povo surdo pode mover e produzir suas resistências surdas diante das diferentes faces perseverantes, apesar de sofrida.

mecanismos que atuam na criativa e vivaz produção linguística, processadas pelos atuantes do processo comunicativo.

No segundo capítulo, será feita uma abordagem sobre a fundamentação teórica e os dois tipos mais comuns de linguagens; destacando então a linguagem informal, deixando transparecer neste item, os conhecimentos culturais da comunidade surda de Natal – Rio Grande do Norte; conforme mencionado sobre a língua de sinais do Brasil, sua evolução dentro da comunidade surda e seu uso sob a ótica de seus aspectos, concernentes aos estudos da interpretação, fonologia, morfologia, expressão não-manuais, morfema-boca e pragmática³ na LSB.

Em seguida, no terceiro capítulo, far-se-á referência à contextualização das gírias e suas interfaces na sociolinguística, variação linguística⁴, expressões idiomáticas e metafóricas no contexto social dos sinais e uso das gírias; a gíria na pragmática, sua interação dentro da comunicação, seus sinais abreviados como forma de sigilo para que outras pessoas que não estejam inseridas no contexto da conversação, não entendam a mensagem veiculada, as sutilezas, os eufemismos e seus objetivos.

O capítulo quarto, terá como enfoque, a investigação sobre a metodologia de pesquisa e seus processos; no capítulo quinto as fontes de coleta da pesquisa e suas respectivas análises de processo fonológico e morfema-boca.

Em seguida, será abordada as considerações finais, ressaltando as necessidades da valorização das diferenças em suas peculiaridades para uma melhor qualidade de vida e maior aceitação da diversidade e diferenciação, quanto ao uso da gíria em LSB, suas aplicações, estudos e interpretações.

³ Dicionário de linguagem e linguística aborda que existe 2 tipos de significação para a existência do significado das palavras: o primeiro faz parte de uma expressão que o contém que é o semântico e o segundo que é o resultado da expressão linguística e o contexto em que é usado, que chama-se de pragmática.

⁴ Dicionário de linguagem e linguística aborda o conceito: diz-se da desigualdade na maneira de falar, visto que nenhuma língua é homogênea numa mesma comunidade. Assim sendo, podem-se observar as diferentes nuances no linguajar das pessoas. Desde que hajam duas ou mais diferentes maneiras concorrentes de falar, isto é variação.

1.1. Justificativa

A linguagem do homem tem aspecto singular, principal e imprescindível a qualquer ser humano que interesse entender e ou fazer-se entendido. Tratando-se de linguagem, retorno à palavra LINGÜÍSTICA a qual, conforme Saussure (2013) pode ser classificada como a ciência da língua humana que se ocupa com o estudo da língua como um fenômeno natural; enfim, é uma língua como um todo, envolvendo em vários aspectos e outras ciências como a biologia, a neurofisiologia e porque não dizer a psicologia, tendo em vista que a língua faz parte da biologia humana. Estudos são feitos para saber como surgiu a língua há milhões de anos, e são construídas hipóteses motivadas pelas mudanças na genética e, assim, estas peculiaridades são encontradas em todas as línguas, sejam elas línguas orais ou línguas de sinais.

O intuito principal deste é demonstrar como são diferentes os sinais ligados as expressões não-manuais, como também as orais; a importância da identificação cultural das pessoas, de acordo com suas diversidades e uso de suas gírias na língua de sinais e suas referências no uso das referidas expressões.

A gíria e sua evolução dentro da comunidade, conforme explicação posteriormente apresentada, ressalta-se por seu desenvolvimento a partir da diversidade de usuários que lançam mão para (re)criá-las. Cada pessoa apresenta sua própria e peculiar maneira de expressar-se, conforme descreve Luft (1973, p.91 *apud* Ribeiro⁵) na concepção a seguir:

Em sentido lato, [a] linguagem especial de um grupo social ou classe profissional; em sentido restrito, linguagem particular de um grupo caracterizada por deformações intencionais, criações anômalas, transformações semânticas, de caráter burlesco, jocoso ou depreciativo.

⁵ Simone Nejaim Ribeiro (UERJ e UNESA) o artigo sobre a língua do adolescente linguagem especial ou gíria? Acesso disponível: < <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/12/04.htm> > acesso em 26 de Setembro de 2014.

Aspectos sociolinguísticos: sobrecarregado pela forma individual do falar de certo grupo de pessoas que desejam, de certo modo, não serem entendidos, referido por Mounin (1993, p.40 *apud* Ribeiro):

Representa exclusivamente uma forma de língua na qual o léxico específico está ligado a um grupo social, ou porque o grupo tem uma vida fechada (a gíria politécnica), ou porque ele elaborou uma língua secreta que o protege (a gíria dos malfiteiros, a gíria dos mercadores, comerciantes).⁶

Situação da gíria na pragmática, onde apesar de sua diversificação e sua tendência, fica a circular quase que exclusivamente dentro do seu específico grupo proporcional à explanação feita por Cardona (1991, p.159 *apud* Ribeiro):

Variedade linguística compartilhada por um grupo restrito (por idade ou por ocupação), que é falada para excluir da comunicação as pessoas estranhas e para reforçar o sentimento de identidade dos que pertencem ao grupo.⁷

Ao apresentar Viotti (2008) o fato de que a língua faz parte do ser social, a linguística precisa explicar sobre as relações entre cultura, língua e classes sociais, como também entre uma língua e outras línguas em contato. Logo, sua importância dá-se através de sua associação a alguns fenômenos de muito interesse, conforme as variações e as mudanças linguísticas.

A língua como parte da psicologia é, sem dúvida, parte da cognição humana, pois ela investiga a relação entre língua, pensamento e sua capacidade motora, englobando a percepção visual e auditiva, gerando assim a construção da significação. Nesse entrelaçamento, a construção dos significados também revelam-se como resultados de

⁶ Texto original: *il désigne exclusivement une forme de langue dont le lexique spécifique est lié à un groupe social, soit parce que le groupe a une vie fermée (l'argot de Polytechnique), soit parce qu'il a élaboré une langue secrète qui le protège (l'argot des malfaiteurs, l'argot des maquignons).*

⁷ Texto original: *Variedad lingüística compartida por un grupo restringido (por edad o por ocupación) que es hablada para excluir a las personas ajenas de la comunicación y para reforzar el sentimiento de identidad de los que pertenecen al grupo.*

contatos mediados pela cultura e por grupos específicos, espaços nos quais localizam-se as gírias.

O estudo da linguística para Saussure (*apud* Viotti, 2008) determina que linguagem é uma faculdade humana, uma capacidade que os homens têm para produzir, desenvolver, compreender a língua e outras manifestações simbólicas, semelhantes à língua; com aspectos físicos, fisiológicos e psíquicos pertencentes aos indivíduos tanto individual quanto socialmente. Para Saussure (*apud* Viotti, 2008) é impossível descobrir a unidade de linguagem, pois ela é diferente dependendo das diversidades de grupos sociais, é um produto social da faculdade da linguagem e ao mesmo tempo é um conjunto de convenções necessárias adotados por um grupo social, para o exercício da faculdade da linguagem. Generalizando, a língua é a norma para todas as manifestações da linguagem. Conforme o pensamento de Saussure (*apud* Viotti, 2008), os homens têm grande capacidade de produzir sistemas simbólicos como a língua, as artes plásticas, o cinema, o teatro, a dança e esta capacidade é uma linguagem e que somadas, forma o produto de uma comunidade e assim como o português brasileiro é a língua de uma grande comunidade de pessoas ouvintes, nascidas no Brasil; a LSB (Língua de Sinais Brasileira) é a língua de uma grande comunidade de pessoas surdas nascidas no Brasil e que se desenvolvem no âmbito de um grupo social.

Numa comunidade surda também existe a conversação em gírias, (gíria na LSB); os jovens surdos, em situação paralela aos ouvintes, almejam inovações na sua conversação. Assim, conforme a contextualização dos assuntos criam novos sinais no seu diálogo informal: narrativas, piadas, histórias, mitos e as realidades de sua época. Desse modo, independente das classes sociais, gênero, opção sexual, militantes ou não, a abordagem dissertada nas entrelinhas acima, demonstra que o surdo pode ter duas identidades; ouvinte e surda, sendo assim classificados como sujeito bicultural.

A variação linguística faz parte da construção democrática de uma sociedade, a qual mostra a identidade cultural da comunidade e dos indivíduos em suas particularidades. Deste modo, condenar essa variedade linguística, equivale a condenar esses indivíduos que a usam, como se fossem incapazes ou menos inteligentes.

É preciso divulgar para todos que a língua de sinais varia tanto quanto a sociedade em seus diversos contextos, que as gírias estão tão inseridas na sociedade ouvinte quanto na sociedade surda, são vivas, ativas e inovadoras. Assim, forma-se um país de pessoas multilíngues, com línguas heterogêneas (que apresentam variações em todos os seus

níveis estruturais: fonologia, morfologia, sintaxe, léxicos, e outros) e em todos os seus níveis de uso social: variação regional, agremiação, estilística, e outros.

A importância da contribuição da LSB na comunidade surda faz-se de forma significativa e elaborada, concedendo-lhe status de língua compartilhada pelos seus iguais, trazendo sentido expressivo, enaltecendo o visual, produzindo significados e artefatos culturais do povo surdo, trazendo em si o mesmo valor das línguas orais. Os surdos produzem suas lutas e suas resistências, por terem a certeza de que não são pessoas a serem corrigidas, e sim entendidas.

Toda e qualquer língua tem sua própria gramática, e aqui no Brasil a LSB é reconhecida conforme LEI N° 10.436/2002. As primeiras pesquisas linguísticas sobre as línguas de sinais foram feitas pelo linguista Willian Stokoe nos anos de 1960, quando estudou sobre a linguística da língua de sinais americana e comprovou que ela possui sua própria gramática e unidades mínimas que compõem os sinais: configuração da mão, ponto de articulação ou locação e movimento. O “sinal não era visto, mesmo pelos sinalizantes, como uma língua verdadeira, com sua própria gramática” (SACKS, 1990, p.76).

A língua de sinais não é gesto, nem mímica, nem tampouco código secreto etc. Na língua de sinais existem os sinais abstratos e os icônicos. Conforme a argumentação de Ferreira Brito (1995, p. 108), “a iconicidade é utilizada [na língua de sinais] de forma convencional e sistemática”, nessas duas formas, os sinais abstratos e icônicos fazem parte da gramática de língua de sinais. Aqui no Brasil, a LSB apresenta sua variação linguística tanto na forma usual dos sinais em sua conversação formal quanto no uso da gíria; em diferentes estados e em diversas comunidades surdas brasileiras; da mesma forma que existem variações na Língua Portuguesa, com o dialeto de cada estado, conforme afirma Gesser (2009 p. 29-40):

Negar a variedade das línguas, quando de fato nenhuma língua é uniforme, homogênea. A variação pode ocorrer nos níveis fonológicos (pronúncia). Morfológico (palavras) e sintático (sentenças) e estão ligadas aos fatores sociais de idade, gênero, raça, educação e situação geográfica. Assim, os surdos adultos e adolescentes variam em seus sinais, da mesma forma que os surdos cearenses, paranaenses, cariocas.

É impossível padronizar as variações linguísticas e as gírias de cada estado, o mais viável é que se respeite estas diversificações, mas procurando conhecê-las. Muitas vezes, a sociedade quando aprende a LSB em determinado estado e ao entrar em contato com a LSB de outro estado, pensa está entrando em contato com sinais errados, por não conhecer aquela realidade linguística específica.

A sociedade precisa valorizar a produção dos sinais, cultural, histórica e linguisticamente. Conforme se pode observar a seguir: “Alguns sinalizantes da língua de sinais resistem em aceitar a diversidade e acabam dizendo algo como “esse sinal é errado” ou “esse sinal não existe”, quando de fato se trata de variantes da língua” (GESSER, 2006, p.176).

Os surdos têm identidade própria, cultura e jeito de falar; sua língua e visão comunicativa são próprias para seu conforto e diálogo social. Segundo Gesser (2009):

Reconhecer a existência da cultura não é fácil, porque no seu pensamento habitual acolhem o conceito unitário da cultura, ao aceitarem a cultura surda, eles têm de mudar as suas visões usuais para reconhecerem a existência de várias culturas, de compreenderem os diferentes espaços culturais obtidos pelos povos diferentes. (p.53).

A cultura surda é visual, conforme afirma Quadros (2002, p. 10): “Os surdos, sabemos, têm características culturais que marcam seu jeito de ver e se relacionar com o mundo, a cultura do povo surdo traduz-se de forma visual”. É importante pensar que existe pluralismo no mundo do surdo.

Assim sendo, o auxílio à divulgação e quebra de preconceitos e equívocos deve ser mútua, ajudando um ao outro. Quanto mais pessoas aprenderem a língua de sinais, melhor será para o conforto linguístico da comunicação com o surdo.

A principal motivação da necessidade desse trabalho reside na carência de pesquisas que tratam dessa linguagem tão peculiarmente usada por membros pertencentes a um grupo social ou profissional, nos quais se usam sinais não convencionais para determinar outras palavras com a intenção de gerar um segredo, graça ou simplesmente para destacar-se dos outros, criando sua própria comunicação ou trazendo tal linguagem de outros convívios ou grupos: conhecidos, amigos de outras cidades ou países.

A principal visibilidade foi a observação da comunidade dos surdos em seus diversos aspectos, onde, notoriamente, vêm adquirindo novos sinais, motivados pelo convívio com pessoas de outras associações e sendo influenciados por outros dialetos.

Quanto às observações da pessoa surda que utiliza a LSB, foi identificado que os surdos utilizam as gírias também em LSB, vindo estes sinais a sofrerem diversas modificações, pois ela é uma língua e, se é língua, ela é viva e perpassa pelo tempo, no qual advém modificações inerentes a sua dinâmica evolutiva.

Considerando como propósito refletir acerca da tradução e de suas múltiplas materializações, este estudo se justifica pelo fato da *interpretação de gírias* ser uma das estratégias muito usada nos processos de compreensão da língua de sinais para o significado descritivo, mas não se tem registros de pesquisas que mostrem onde e quando usar este recurso no entendimento simultâneo.

Pretende-se apresentar o porquê do uso desse recurso diante do processo de interpretação. LSB tem gírias? Por que a LSB apresenta ocorrências de sinais formatados em gírias?

1.2. Objetivos

As finalidades aqui descritas apontam para a compreensão, análise e clara explicação sobre o conceito de gíria na LSB, considerando o processo de construção destas dentro da pragmática e quanto ao seu uso na comunicação. Sob o ponto de vista sociolinguístico da comunidade surda, estes estudos, especificamente, pretendem ainda:

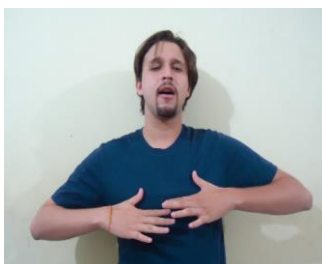
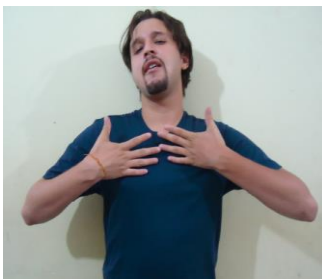
- Documentar a ocorrência e contextualização da gíria;
- Fundamentar a identificação das diferenças linguísticas de classes dentro na comunidade surda de Natal - Rio Grande do Norte na perspectiva da função pragmática uso em gírias;
- Considerar a estrutura do processo fonológico e morfema-boca e seu uso na gíria em LSB;
- Delimitar a ocorrência das gírias, por meio da análise do seu papel entre as pessoas que as usam;
- Contribuir para que os pesquisadores tenham novas possibilidades de tradução das gírias em LSB.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O gramático Roberto Melo Mesquita (1997, p.28) define a gíria como nível relaxado da linguagem. Em paralelo, Isabel Cabral (1995) no seu livro “Palavra aberta”, trata a gíria em uma perspectiva descritiva; inclusive fala que a gíria é uma linguagem de caráter popular, criada e usada por determinados grupos sociais para substituir termos ou conceitos oficiais usados tradicionalmente. Assim como na gíria falada, existe gíria em LSB e muitas destas gírias são usadas por grande parte da população surda que acabam sendo incorporadas no cotidiano dos surdos. Segue algumas coletas de dados nesse “pré-estudo”⁸:

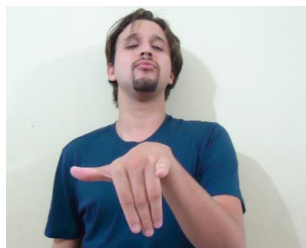
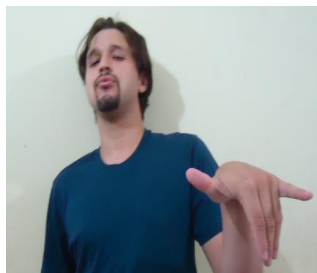
2.1. Sinais LSB/GÍRIA

SINAL LSB



(TRANQUILO)

GÍRIA



Não se preocupa com a situação de desespero, tá ligado? Relaxa.

⁸ Experiência vivenciada na comunidade surda do Rio Grande do Norte.

SINAL LSB

Expressão não-manual negativa e o sinal de não gostar

GÍRIA

Expressão não-manual morfema-boca U inferior (soprar a boca) expressão sobrancelha: abismado e surpreso. Quer dizer: ‘não acredito’ agregado ao sinal ‘não gostei’.

Figura 1: Pré-estudo da pesquisa sobre gírias em LSB

Conforme Marcos Bagno (2009):

Cada vez mais se torna evidente que é preciso analisar a nossa realidade sociolinguística sob três focos: de um lado, (1) o da norma-padrão, isto é, o modelo idealizado de língua “certa” descrito e prescrito pela tradição gramatical normativa – e que de fato não corresponde a nenhuma variedade falada autêntica e, em grande medida, tampouco à escrita mais monitorada -, e, do outro lado, como extremos de um amplo *continuum*, (2) o conjunto das variedades prestigiadas, faladas pelos cidadãos de maior poder aquisitivo, de maior nível de escolarização e de maior prestígio

sociocultural, e (3) o conjunto das variedades estigmatizadas, faladas pela imensa maioria da nossa população, seja nas zonas rurais, seja nas periferias e zonas degradadas das nossas cidades, onde vivem os brasileiros mais pobres, com menor acesso à escolarização de qualidade, desprovidos de muitos de seus direitos mais elementares.(p.11/12).

Podemos observar Silva (2013) o registro de dois tipos de linguagens: a FORMAL e a INFORMAL. No entanto, o principal foco aqui analisado detêm-se na linguagem INFORMAL e suas atividades interpretativas a partir do uso das gírias. No tocante à produção: ritmo/velocidade, tamanho/parâmetros e os movimentos corporais; na fonologia: flexibilidade dos parâmetros e a utilização das mãos, se uma ou ambas; a morfologia: os classificadores, os aspectos temporais e os sinais não manuais sincronizados em sua informalidade, conforme modelos e registros em ASL⁹ pela *Western Oregon University (WOU)*¹⁰.

Esses dados são mencionados como forma de explicar aspectos externos que tendem a chegar até nós através da importação da língua, de uma forma cultural, articulada e expandida em sua informalidade entre pessoas dispostas a absorvê-las, com trejeitos diferenciados e até mesmo fora do usual enquadramento, dependendo de cada situação e/ou informalidade dos seus interlocutores e suas formas estéticas nas reduções e ou ampliações dos sinais.

Com isto, notamos que, se a língua falada não possui um único modo de falar, a língua de sinais segue seu estatuto linguístico de modo também criativo, com suas diversidades de usuários, os quais adotam seus distintos modos de comunicação diversificados em relação à norma-padrão. Nesses termos, os ouvintes têm dificuldades de conseguir acompanhar seus rápidos e modificados sinais, chegando a pensar que os surdos estão inventando sinais quando, entretanto, estão inovando ao introduzir à LSB gírias adquiridas e comumente executadas não “ao pé da letra”, mas compreensíveis no contexto da mútua comunicação.

Assim, tal como existem milhões de brasileiros sem terra, sem escola, sem teto, sem trabalho, sem

⁹ *American Sign Language*.

¹⁰ (Silva, 2013) link o acesso disponível < <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/122823/322578.pdf?sequence=1> > Acesso em 28 de Abril de 2014.

saúde, também existem milhões de brasileiros que poderíamos chamar de “sem língua”. Afinal, se formos acreditar no mito da língua única (identificada com a norma-padrão tradicional), existem milhões de pessoas neste país que não têm acesso a essa “língua”, que é a empregada pelas instituições oficiais, pelos órgãos do poder - são os sem-língua. É claro que eles têm uma língua, também falam o português brasileiro, só que falam variedades linguísticas estigmatizadas, que não são reconhecidas como válidas, que são desprestigiadas, ridicularizadas, alvo de chacota e de escárnio por parte dos falantes urbanos mais letrados – por isso podemos chamá-los de sem-língua. (BAGNO,2009, p.29/30).

Conforme Bagno (1999, p.65/66):

... nada na língua é por acaso: toda e qualquer forma linguística amplamente difundida dentro de uma comunidade de falantes tem sua razão de ser e pode ser, sim, bem explicada, desde que a pessoa tenha o mínimo interesse... Achar que a gramática normativa é único instrumental válido para analisar os fenômenos da língua é de uma estreiteza intelectual a toda prova.

Com base nos estudos relacionados às questões do uso da gíria, Bagno (1999) considera a gíria como sendo um conjunto de unidades linguísticas (itens lexicais simples ou complexos, frases, interjeições) que caracterizam um determinado grupo social e a gíria em LSB é a caracterização viso-espacial utilizada na língua, a qual permite que sejam expressas sensações, apelos, emoções usadas por um mesmo grupo de acordo com a cultura de cada lugar e, conseqüentemente, de cada grupo.

É imperante ressaltar, nesse instante, que esta pesquisa relaciona-se com a estrutura de processo fonológico e morfema-boca da LSB e com as gírias na LSB, em seu aspecto sociolinguístico da interpretação. Isso é importante para ampliar o conhecimento da área, em paralelo, considera-se também de fundamental importância para a questão social.

A língua está associada à tradução cultural, assim, seu processo se adequa à pragmática, dependendo do contexto relacionado aos grupos sociais. Explanado através do pesquisador Edward Hall (1976), que

pesquisou e determinou dois tipos de culturas, as de alto e de baixo contexto: 1) de ALTO CONTEXTO são as que mais estão envolvidas uns com os outros e as 2) de BAIXO CONTEXTO são caracterizadas por pessoas mais individualistas, as quais não se interessam pelo outro. Visto por esse viés, os surdos estão classificados como sendo cultura em contexto alto (MINDESS, 2006, p.46), pois interagem significativamente na comunicação.

Reavaliando o contexto afirmado pelo autor Edward Hall, pode-se concluir que a gíria, culturalmente, ainda continua dentro da denominação de Alto Contexto, pois ela está inserida em toda nossa sociedade fazendo parte do nosso contexto cultural de modo criativo e produtivo. Por assim dizer, não poderá ser desprezada. Entretanto, é importante considerar que algumas gírias tendem à concepção de Baixo Contexto, quando circulam sem produtividade e de modo limitado e contínuo em um mesmo espaço, ou ainda circulando dentro das empresas, são as palavras principalmente de cunho científicos.

Em se tratando da língua na cultura popular, será aqui referenciada a linguagem regional/popular: numa visão léxico-gíria, conforme cita Vivian Shelling (1990, p. 31):

A cultura, segundo a definição antropológica, é um fenômeno supra individual. Ela é aprendida, partilhada e adquirida, tornando-se permanente através do tempo e independente de seus portadores.

Esta cultura engloba, imprescindivelmente, a língua. Além disso, culmina com questões que refletem mutuamente sociedade e culturas, tendo em vista que a maneira de viver de uma sociedade é reflexo de uma cultura. Todavia, um grupo organizado de pessoas atuam e colaboram entre si, nas singularidades das relações sociais, onde transmitem valores religiosos, sociais, culturais e políticos dos usufrutuários de uma língua.

Sendo avaliada a subjetividade do ser surdo, será acrescentado uma estrofe de uma crônica de Ruben Braga:

A gente para a gente mesmo é a gente... A gente para o outro, não é a gente; é o outro... ser a gente, e ao mesmo tempo, ser o outro. Pra gente, gente é a gente. Para o outro, a gente é o outro..." (Crônicas)

Perlin e Quadros (2006) fazem uma síntese observando os trocadilhos descritos no trecho da crônica acima, onde cada um isola-se, quanto ao Eu do Outro e, em contrapartida, o diferente de mim, que depende de quem o define e de que o definido sejam pessoas diferentes: o Outro (ouvinte) e o Outro (surdo). Objetivando, então, observaram a pluralidade das diferenças, os aspectos linguísticos e culturais que compreendem a comunicação dos surdos. Estes parâmetros, estão intimamente relacionados aos conhecimentos médico-científico terapêutico, nos quais há prevalência do discurso do especialista determinando o “desvio” e a “incapacidade” do ser surdo. Esses discursos são feitos como verdades absolutas, tentando reabilitar o órgão faltoso, no caso “o ouvido”: concomitantemente, estes profissionais tornaram-se envolvidos com a comunidade surda e assim permitiram-se confirmar, através de depoimentos, que os surdos adultos que não tiveram acesso à língua de sinais, possuíam uma forma específica e característica de lidar com a cultura surda, suas regras e seus valores, onde perceberam a diferença da linguagem através da valorização do corpo de quem as usam, sem usarem metáforas, onde transmitiam suas mensagens ao pé da letra.

Em contrapartida, colocaram a família de origem em segundo plano, e se sentiam como estrangeiros em relação a sua própria família, concentrando-se em torno da comunidade surda que o acata e logo lhe admite um sinal, ressaltando uma característica sua, no lugar de seu nome próprio. Desses ternos, notamos aspecto de hospitalidade e receptividade.

Separando os diferentes tipos de surdos, por exemplo: Surdos filhos de pais ouvintes e os surdos filhos de pais surdos entre outros, nota-se que cada um tem sua diferente constituição de subjetividade, seus diferentes níveis de surdez e isso os identifica como paradigmas em suas compreensões de que são surdos na condição de pessoas diferentes e não deficientes.

Assim, são descritas suas histórias, divididas entre o antes e o depois da comunidade surda e seus contatos com a língua de sinais. O que era, anteriormente, marcado pelo sofrimento, isolamento, discriminação a que eram submetidos, refaz-se, na atualidade por marcas de contentamento, de constatar a aceitação de sua língua através da obtenção de leis e decreto que os resguardam, conservando a continuação de sua cultura.

Sendo assim, relacionando todo conceito social e comunicativo, poderá ser feita uma comparação entre a comunicação do surdo anteriormente e a comunicação usualmente de hoje, onde havia a

discriminação da pessoa que usava a gíria e eram denominadas como maus elementos, usuários de drogas, marginalizadas, no sentido mais pejorativo da palavra. Hoje, a gíria está infiltrada em todas as camadas sociais e algumas tornam-se tão conhecidas no cotidiano das pessoas que passam a fazer parte dos dicionários. Por essa mesma ótica, podemos ressaltar a gíria em LSB, a qual aparece graciosa em seus trejeitos culturais ou notoriamente metafóricas.

2.2. As Línguas de Sinais

Conforme Sapir (1969), o responsável pela organização da experiência do povo que fala é exclusivamente o léxico de uma língua, pois a língua é quem organiza todas as nossas reflexões. De igual modo, para os surdos, a língua de sinais é vista como um instrumento de participação e comunicação e para melhor visão de sua história, será aqui retratado um breve relato.

Até os fins da década de 1950 nenhum cientista deu atenção à língua de sinais, até que por porventura Willian Stokoe, um jovem medialista e linguista foi designado a ensinar no *Gallaudet College* nos Estados Unidos, justamente foi-se ter com os surdos e ficou maravilhado pelo extraordinário meio linguístico daquele povo.

A comunidade surda Brasileira usa a LIBRAS é reconhecida oficialmente por meio da Lei de LIBRAS Nº 10.436 de 24 de Abril de 2002 e apresenta os seguintes direcionamentos legais nos artigos a seguir:

1º; assim reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – Libras possui outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, tem sua estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil

2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais -

Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

Todas estas regulamentações aqui citadas estão em conformidade com as necessidades dos surdos. Nas línguas de sinais, quando ainda não existe o determinado sinal da expressão a ser dita, é feita a utilização da datilologia, isto é, o alfabeto manual usado por letra. Como no caso de expressar os nomes de ruas, lojas, países, pessoas, e os outros; este alfabeto manual tem 27 formações porque o “Ç” é feito diferente em seu movimento. Aqui no Brasil, a língua LSB apresenta sua variação linguística, seus empréstimos e suas soletrações, conforme anuncia Gesser (2009, p.30)

Soletrar não é um meio com um fim em si mesmo. Palavras comumente soletradas podem e de fato são substituídas por um sinal. Assim, podemos afirmar que esse recurso funciona potencialmente nas interações para incorporar sinais a partir do entendimento conceitual entre os interlocutores – uma vez que apreendida a ideia, convencionam-se os sinais para substituir a datilologia de um dado vocábulo.

É impossível padronizar todos os sinais e assim como já foi dito anteriormente, é preciso respeitar as variações linguísticas de cada estado. Quando os surdos de um lugar se transportam a outros lugares, constata-se as variações existentes; do mesmo modo que os ouvintes notam as diferenças regionais dentro da língua portuguesa a ponto de conseguir notar, através de algumas expressões regionais, de qual região algumas pessoas são.

Na mediação da comunicação entre surdos e ouvintes, destaca-se a figura do profissional intérprete, é um profissional mediador que se move nas atividades comunicativas traduzindo e interpretando para os surdos terem a possibilidade de melhor entendimento. “A maioria dos intérpretes brasileiros têm desenvolvido sua proficiência e habilidade de interpretar a partir, digamos de uma situação de “emergência” comunicativa na interação surdo/ouvinte” (GESSER, 2009, p.47).

A sociedade pensa que os surdos vivem silenciosos, isso se configura como mais um mito que permeia a cultura surda, como confirma a autora Gesser (2009, p.48): “Os surdos falam com as mãos e as mãos não fazem barulho, não emitem som”, assim os surdos escutam

com os olhos e quando muitos falam ao mesmo tempo, eles têm a sensação de uma barulho muito grande”, um ruído visual (GESSER, 2006).

Cada grupo social tem seu próprio modo de falar, seu próprio idioleto, apesar de que cada pessoa é única com suas peculiaridades.

Pensar o surdo no singular, com uma identidade e uma cultura surda, é apagar a diversidade e o multiculturalismo que distingue o surdo negro da surda mulher, do surdo cego, do surdo índio, do surdo cadeirante, do surdo homossexual, do surdo oralizado, do surdo de lares ouvintes, do surdo de lares surdos, do surdo gaúcho, do surdo paulista, do surdo de zonas rurais... (GESSER, 2009, p.55)

De modo geral, as pessoas também se sentem intimidadas em lidar com o surdo, porque desconhecem a língua de sinais, e esquecem que o corpo fala, os gestos correspondem à dinâmica da linguística em sua forma de atuar no mundo. No cotidiano, todos os surdos utilizam sinais, na forma de gestos com os braços, as mãos, a cabeça e o olhar, construindo um conjunto integrado que expressam sentimentos, ações, e reações cotidianas, entretanto, eles se aperfeiçoaram nisso pela própria necessidade de criar um código de comunicação com a realidade e, assim, basicamente visualizam tudo que está ao seu redor para compreender e se comunicar.

Com um pouco mais de cuidado, podem conquistar pouco a pouco a capacidade de se comunicar, relacionar-se com o diferente, pois as mediações podem ser realizadas, a partir da vontade, destreza em aprender alguns sinais e necessidade de respeito pelo outro; assim sendo, um ajuda o outro e quanto mais pessoas aprenderem a língua de sinais, melhor será para o conforto linguístico da comunicação com o surdo.

2.3. Tradução

A gíria está associada aos estudos da tradução num sistema de focalização ao seu processo de interpretação; e a perspectiva de comunicação do sujeito surdo, refere-se a aspectos visuais, com probabilidades de uma possível conversação, envolvendo os movimentos corporais, olhar e expressão facial; sinalizando a

comunicação da língua de sinais numa formação de linguagem conforme percepção visual e assim, a língua de sinais está imbuída aos estudos da tradução, englobando afinidade; interligando relacionamento, pesquisa e gíria. Na língua de sinais, os relacionamentos da tradução com a gíria está representada pelas características da conversação, formato de interpretação e panorama no pragmatismo do sujeito surdo conforme seus grupos sociais; ressaltando então as diferenças perante as percepções, conforme a situação da conversação formada no cotidiano, suas contextualizações nos grupos sociais; demonstrando provável visibilidade na interligação entre o sentido da leitura visual e sua comunicação, em referência à conversação; captadas pelo olhar e sinalizadas quanto ao uso de contexto das pessoas sinalizantes que estão a empregar a configuração da língua de sinais, e assim, num contexto de estudos da tradução estão associados os estudos da interpretação.

2.3.1. Estudos da interpretação: comunicação, compreensão, pragmaticismo e uso em gíria.

Charlie S. Pierce, um dos pioneiros a estudar a pragmática; apresenta então, o conhecimento dividido em duas vertentes: o conhecimento prática e o conhecimento teórico; ramos estes divergentes em seu relacionamento “o autor chega o ponto de compará-los como água e óleo. Por mais que se misturem e se agitem, pouco tempo depois eles voltam a se separar e cada um segue o seu caminho” (MADEIRA, 2012, p. 61).

Assim sendo, estes tão distintos ramos, sempre tomam rumos diferentes, e ao mesmo tempo tão próximos conforme palavras do autor “o traço mais notável da nova teoria era seu reconhecimento de uma conexão inseparável entre a cognição racional e o propósito racional[...]” Madeira (2012, p. 62 *apud* Semiótica, págs. 284 e 285) .

Segundo fontes históricas, é relatado que em meados de 1870, Pierce relatou sobre pragmatismo com seus amigos; por outro lado, veio Willian James e Ferdinando S. C. Schiller que em apoderamento do termo o tornou conhecido ao público e para não destoar o seu conceito, Pierce readotou- o com nova terminologia e o batizou por pragmaticismo “ Pierce... crenças que sejam, decorrentes de investigações científicas baseadas no raciocínio lógico e que influam na conduta humana, para tanto, tais crenças devem se basear em proposições verdadeiras... Madeira (2012, p. 65) logo, as “crenças” aqui citadas estão voltadas para as ações que os indivíduos acreditam e a “conduta” está ligada ao feito, às ações, ao agir; concomitantemente,

este dueto se faz presente nas investigações, num processo lógico; contribuindo para o autocontrole nas experiências e para a elucidação da ocorrência dos fenômenos experimentais; ocorrências estas que no futuro, poderão ser verificadas, como diz Pierce “num futuro vivo”, onde poderão ser contatadas: “...esses fenômenos experimentais produzem significados racionais que, por sua vez, geram crenças e, estas geram hábitos, os quais representam o todo do objeto que pode afetar a conduta humana. Madeira (2012,p. 67).

Quando o pesquisador se propõe a investigar sua experiência é porque ele acredita no resultado final, o qual poderá influenciar na conduta humana.

Em face destes esclarecimentos, faz-se necessário destacar subseções 2.7 e 3.2 sobre a relação língua de sinais em pragmática e a função gíria.

Focando a linha de pesquisa; esta se faz voltada à área de interpretação, focalizando compreensão e forma de conversação com a pessoa surda; conforme própria estrutura, semântica, pragmática e sintática em relação à gíria na língua de sinais, utilizadas pelos surdos espontaneamente numa conversação e assim, vale ressaltar que todo país tem sua própria língua de sinais e aqui no Brasil, esta língua chama-se LIBRAS. Seu sentido pragmaticista conforme autora Fanti (2003); o autor Bakhtin que faz sua elucidação sobre internacionalização da conversação, expondo as limitações entre o que observamos e o que é observado:

...está em vários lugares e não se limita à “língua” ou à “linguagem”. Em outras palavras, não encontramos nos estudos do Círculo uma noção, como a de língua e linguagem, desenvolvida “linearmente” sem um movimento dialógico que exija atitudes responsivas do leitor, isto é, gestos de respostas à teoria em um movimento de aproximação e/ou distanciamento entre o que apreendemos e o que é apreendido. (p.96).

Na produção da conversação dos surdos sinalizados, encontramos contatos sigilosos entre os grupos sociais que fazem uso em contexto dos sinais na gíria em LSB, em suma, suas possibilidades comunicativas se fazem em diversos aspectos de compreensão; conforme seu próprio entendimento da interpretação e costumeira forma de sinalizar, da convivência dos grupos sociais, em admitirem a concepção dos novos

sinais em transição, absorvendo naturalmente esta diversificação no sentido dos surdos poderem expor sua compreensão face às novas expressões, conforme as gírias do cotidiano; contudo sua situação perante as novas informações que cada sujeito absorve, tem sua própria elaboração, conforme feedback na conversação sigilosa, onde o pesquisador percebe, em consequência de seu costumeiro contato diário com o citado grupo; identificando no grupo social sua própria cultura, no jeito de expressar, nas características específicas de cada uma delas. As dificuldades encontradas estão na insuficiente quantidade de pesquisas relacionadas à conversação da gíria em LIBRAS e seus significados; contudo, estes assuntos estão aqui abordados conformes estudos exploratórios na relação de conhecimentos presenciais, numa contextualização quanto ao uso dos sinais das gírias em LSB; exteriorizando as percepções em estudo num sistema lúdico e direto, fazendo os devidos registros dos sinais da gíria.

A relação sinalizada da gíria em LSB é peculiar aos sujeitos surdos e seu uso em contexto na informalidade, interliga aspectos visuais, aparecendo novos sinais na espontaneidade da comunicação, expondo assim, os significados das características dos sinais:

Intuição, contato, uso sinalizado em gíria, vivência dos grupos sociais são segmentos imbuídos de experiência e domínio de aptidões que em decorrência dos contatos estabelecidos, sobressai-se sua experiência visual, advindo a interação na interpretação e compreensão da gíria do Rio Grande do Norte em Natal, consequência da forte conexão de uso em LSB, resultado de suas análises e estudos para a compreensão de usuários dos sujeitos surdos interlocutores dos grupos sociais.

A referente pesquisa exploratória, aborda diferentes aspectos da gíria em uso, em LSB, num processo auto-reflexivo, espontaneamente empreendida, conforme uso do grupo social, no processo pragmatista, na situação conforme contato com a LS expressa pelos surdos sinalizados, num sistema olho-sinalizado-olho, aspectos estes, de instrumento da conversação dos surdos, interação, ampliação no anseio de novos conhecimentos e na aflição pelo sistema igualitário da comunicação surda. Faz-se perceptível a adequação da gíria na compreensão viso-espacial do interlocutor na produção da comunicação dos surdos na gíria em LSB. A análise arraigada no processo fonológico e morfema-boca, a influência da conversação situacional em contexto, do significado pelo sinal uso na gíria, e assim, estes processos das gírias em contato com os surdos, aspectos visuais em LSB, diferenças dos processos fonológicos e morfema-boca pelos seus significados em

contexto situacional, englobam num todo, especificamente, a percepção visual.

Em se tratando de comunicação, existem diferentes filósofos do dicionário de comunicação, entre Rabaça & Barbosa (2001) que a conceituou e para melhor esclarecer, faz-se aqui citar o conceito de S. Stevens:

3. Atividade profissional voltada para a utilização desses conhecimentos e técnicas através dos diversos veículos (impressos, audiovisuais, eletrônicos etc.), ou para a pesquisa e o ensino desses processos. Neste sentido, a comunicação abrange diferentes especializações (jornalismo audiovisual, publicidade e propaganda, marketing, relações, teatro, rádio, internet, etc.) que implicam funções, objetivos e método específicos.

4. Palavra derivada do latim *communicare*, cujo significado seria “tornar comum”, “partilhar”, “repartir”, “associar”, “trocar opiniões”, “conferenciar”. Implica participação, interação, troca de mensagens, emissão ou recebimento de informações novas. (p.156).

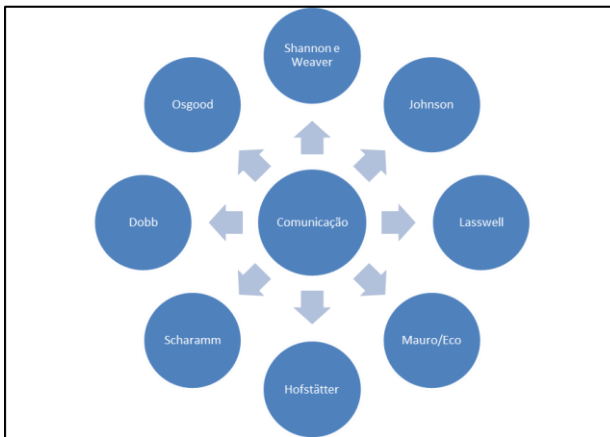
Complementando, Segundo B. Berelson e G. Steiner que referenda a comunicação como sendo a “transmissão de informações, idéias, emoções, habilidades etc., por meio do uso de símbolos – palavras, imagens, figuras, gráficos etc.” (p.156).

Sendo assim tão amplamente conceituada por diferentes autores, conforme seus conceitos: Etimológicos, biológicos, pedagógicos, históricos, sociológicos, antropológicos, psicológicos e estruturais; onde segundo J. Bordenave “na comunicação encontram-se mundos diferentes de experiências vividas”. (p.159) e que considera “esse processo multifacético, já que ocorre ao mesmo tempo vários níveis – consciente, subconsciente e inconsciente.” (p.159) por outro lado, “o receptor seleciona as informações e as interpreta com base em múltiplos fatores – psicológicos, sociais, culturais, conjunturais etc.” (159).

Fazendo uma comparação com história bíblica, onde as pessoas queriam construir uma torre tão alta que fosse até o céu “A torre de Babel” e esta construção não foi possível porque repentinamente, as pessoas começaram a falar diferentes línguas e assim, um não entendia o

que o outro queria falar, ficando então impossível a comunicação, também o seu intuito na construção; generalizando, não existe comunicação sem que um não entenda o outro; sem *feedback* fica impossível qualquer tipo de relacionamento. Assim, conforme observado por Diatay B. de Menezes, as diferentes representações de esquemas do processo comunicacional, muito se assemelha às antigas afirmações de Platão, Aristóteles, os estóicos Cícero e Quintiliano. Em todas elas segue a mesma tríade comunicativa: Primeiro, a pessoa que fala; em seguida, o que escuta e absorve a conversa; e a terceira, a pessoa que é o assunto.

Os autores Rebaça & Barbosa (2001) abordando diversos autores sobre os fundamentos da comunicação, mostram informações acerca de explicações e gráficos relacionados entre o sistema comunicacional, envolvendo a situação de interpretação, forma e panorama das pessoas que fazem a interpretação da fala.



Quadro 1: Comunicação segundo Rabaça & Barbosa (2001)

Comunicação: conforme o gráfico acima, diferentes filósofos conceituam a comunicação sendo diversificados conhecimentos abrangentes ao processo comunicativo; disciplina que abrange conhecimentos e técnicos; atividade profissional em suas abordagens e quando esta se faz ser respondida; troca de idéias e ou experiências sociais; etimologias, pedagógicas, históricas, psicológicas, entre outras; fato é que, como toda língua, a comunicação também é viva e dinâmica,

abrangendo o consciente, o inconsciente e o subconsciente, num processo evolutivo do ser.

Sem que um não entenda o outro, sem *feedback*, fica impossível qualquer tipo de relacionamento.

Existem processos que poderiam muito bem ser aplicados ao funcionamento de uma máquina, mas o processo cognitivo pode sobressair-se além de qualquer processo manipulável, pelo fato do ser humano ser pensante e não um autômato.

Como estes citados, também temos Hofstätter, Schramm; Dobb; entre outros Osgood que também apresentou seu diagrama e suas distintas formas de comunicação: administrativa, coletiva e de Massa e assim, conforme discordância de alguns teóricos como Adorno e Horkheimer, onde falam não ser comunicação, pois numa cultura de Meios de Comunicação de Massa (MCM) não existem *feedback* e sim, um modo e conforme Eco que diz: “o silêncio não é protesto, é cumplicidade; o mesmo ocorrendo a recusa ao compromisso”(REBAÇA & BARBOSA, 2001, p.174).

Pffromm Netto onde classifica três tipos de MCM aqui usado no Brasil comunicação coletiva, comunicação social e comunicação cultural e fala que este são confundidos com comportamento coletivo, quanto ao relacionamento das massas e assim, as gírias se fazem presentes nestes confrontos comunicativos.

Tipos de
Comunicação

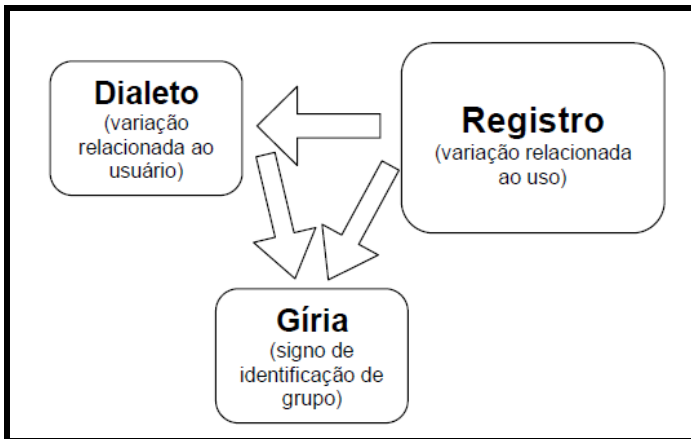
- Retorno- "com feedback".
- Diádica - "um pronunciamento".
- Empresárial - "as regras de uma empresa".
- Externa - "propaganda".
- Institucional - "informações de interesse público".
- Intergruppal - "ocorre entre um grupo".
- intrapessoal- "conforme no pierre Janete onde fala a própria reflexão é uma discussão interior".
- Organizacional - "uma empresa".
- Rural - "no campo" e no processo agropecuário
- Social - "entre as comunidades e as relações públicas".
- Visual - "entre meios verbais ou não verbais" - programa visual e identidade visual".

Quadro 2: Tipos de Comunicação, segundo Rabaça & Barbosa (2001)

Aqui podemos muito bem exemplificar a gíria que circula entre pessoas de determinada adesão. Vendo assim, a gíria está inserida em toda sua magnitude no processo de comunicação de massa, visto que, atualmente, existem palavras em gírias, tão comumente usadas, que já faz parte do dialeto¹¹ das pessoas.

Nos dias atuais, muito se acentua a necessidade da leitura, compreensão e interpretação do que está sendo lido e ao mesmo tempo, do registro escrito de acontecimentos socioculturais; os quais nos permite rever fatos históricos relacionados às diferentes situações correlatas, dando-nos a oportunidade de adquirir arquivos de memórias; informações sobre diferentes segmentos, inclusive os semânticos, os pragmáticos os léxicos, os sintáticos e além destes, os acontecimentos, as descobertas as pesquisas, os registros históricos de uma cultura, de uma sociedade que estão intrinsecamente inserido nos livros. Estes dados lidos e entendidos, levam a pessoa a reformular suas opiniões e estratégias comunicativas, visto que: o homem é capaz ler e entender conceitos e significados.

Assim, o englobando o processo cognitivo para a compreensão do que foi lido; a compreensão é tão importante quanto a conclusão do aprendizado do leitor; como a relação: influência, pessoas e dialetos formado através do uso da conversação, existência pelo registro e formado pelo signos usados na gíria:



Quadro 3: Tese de Santos (2014, p. 56)

¹¹ Dialeto seria a peculiar maneira falar de um povo ou de um grupo de certa região.

O gráfico anterior, descreve a relação do panorama da situação conforme uso em contexto das pessoas, no processo comunicação do grupo, afinidade do usuário, relacionamento do registro na forma de acordo com o dialeto utilizado pelo grupo, da gíria em forma de dialeto, dos aspectos dos elementos em comandar a comunicação na conversação da pessoa, a representação dos sinais em LS, mostra o significado identificado pelo grupo formado pelo registro de interação do usuário.

2.4. Fonologia

Em se tratando da fonologia, faz-se necessário relatar que as suas significações em LSB apresentam diferenciais porque estão relacionadas com os parâmetros dos sinais e suas possíveis variações entre morfemas¹² e fonemas¹³; proporcionando assim o conforto fonológico da constituição do sinal.

Em conformidade com Martinet (1973) acenando sobre princípios e características, o meio mais precípuo das línguas naturais é a “dupla articulação”, em que idealiza o conceito de que a primária articulação cita os morfemas e os termos de palavras e a segunda articulação é estabelecida por subsídios sem substância de costume peculiar, os fonemas.

Pêgo (2013 p.23) ressalta “essa propriedade relaciona-se ao fato, de um número restrito de elementos terem a possibilidade de representar um número irrestrito de significado, conferindo produtividade às línguas humanas...”, e foi demonstrada por Stokoe (1960) e Stokoe et al. (1965) ao afirmar estar presente também nas línguas dos surdos.

Adotando uma ótica estruturalista, o autor contrapõe-se a pares mínimos e consiste que o mesmo modo de estrutura do termo vem do próprio nome de quirema (do grego *khéir*, mão) Ou seja, das propriedades dos sinais desajustados não emanam significados, mas que aliados de diversas formas, nomeavam os lexemas¹⁴ ou morfemas. Stokoe vale-se do termo quirema, pois considerava que o termo fonema

¹² Dicionário de Linguística aborda o conceito: Num sentido amplo, é a parte da palavra que pode variar: ex. flor, sol, escuro, perfume entre outros.

¹³ Dicionário de Linguística aborda o conceito: É cada parte da palavra, unidade mínima. Em LSB poderá ser citada as configuração da mão.

¹⁴ Dicionário de Linguística aborda o conceito: Palavras diferenciadas por sua terminação: ex. morfema: cantar e o lexema: cantare**ri**, ás, ia.

relacionava-se somente som, na busca por adequar-se às propriedades das línguas de sinais.

Stokoe (1960) em consonância com outros cientistas da área de linguística da ASL (*American Sign Language*) e de diversas línguas de sinais, juntamente com Quadros e Karnopp (2004) argumentaram o uso do termo fonologia, a despeito do debate de modalidade das línguas orais e sinalizadas, onde asseguram que “as línguas de sinais são língua naturais que compartilham princípios linguísticos subjacentes com as línguas orais, apesar das diferenças de superfície entre fala e sinal” (p.48) pois a existência abrangia a concretização linguística no campo viso-espacial.

Resgatando os estudos de Stokoe, seminal de linguista da ASL, faz-se necessário dizer que foram identificados três formas associadas na estrutura dos sinais (Stokoe,1960) a saber: configuração de mãos (CM); localização (L) e o movimento (M), e em uníssono ao estudo de Silva (2013, p.39) cada parâmetros da língua de sinais será abordado a seguir:

1. Configuração de Mão: É a forma empregada com apurado desenho. Por exemplo, a CM L ou 2 - pode ser utilizada para a ênfase do sinal TRABALHAR ou do sinal Vídeo. Imediatamente a CM em mão aberta com 5 dedos pode ser utilizada para a ênfase do sinal CALOR ou para o pronome demonstrativo MEU. No esclarecimento abaixo é provável considerar as diferentes ênfases manuais apropriadas às CM da LSB:



Figura 2: Configurações de Mãos
Gravura por Silva (2013)¹⁵

¹⁵ Fonte: <http://www.cbsurdos.org.br/imagens/alfabeto2.jpg> > acesso: em 20 de Maio de 2014.

2. *Movimento*: Existem vários tipos de movimentos que demonstram a direção de origem e destino de um sinal onde identifica ou não a produção deste, que por sua vez representa os sinais de objeto, animal, entre outros à medida que mostram exemplos de movimentos demonstradas na figura abaixo de Strobel e Fernandes (1998).

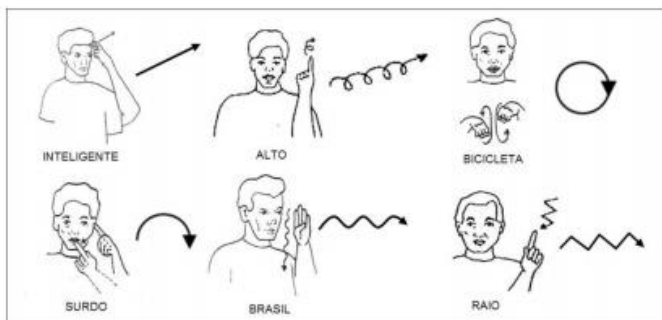


Figura 3: Tipologia dos movimentos
Gravura por Silva (2013)

3. *Localização*: Este pode ser chamado de ponto de articulação¹⁶ que são as marcações de referenciais do espaço para utilização dos sinais ou contato utilizado pelo corpo dos sinalizantes, onde eles formam o sinal. Segue abaixo, ilustração das localizações usadas pelo corpo identificadas em vermelho.

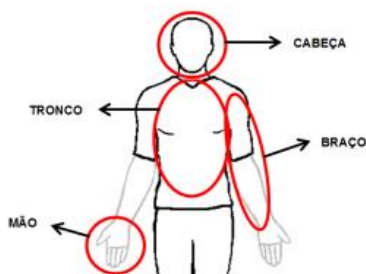


Figura 4: Localização: contato no corpo
Gravura por Silva (2013)

¹⁶ Esse termo de Ponto de Articulação também é considerado com ênfases por uns autores com o termo de Locação (L).

Espaço de sinalização incluindo locais que normalmente são usados em língua de sinais, da mesma forma, devemos lembrar que os processos seguem três parâmetros (STOKOE,1960)

É fundamental o uso dos três parâmetros para a formação de um sinal, se por acaso um dos três parâmetros for excluído, fica mais difícil sua constituição. Se somente uma mínima unidade, por exemplo, um dos parâmetros for sinalizado, dificilmente o sinal conseguirá uma importância semântica. Se um valor semântico do sinal for adaptado, temos que respeitá-lo; caso este tenha a concordância de dois e/ou mais parâmetros; na multiplicidade dos casos, somente os três parâmetros ficam ressaltados para este desenvolvimento; nesse sentido, esses três parâmetros serão denominados nessa investigação como parâmetros principais.

Os estudos dos três parâmetros de fundamentação de Stokoe (1960) remetem-se aos três princípios acima exposto, veremos com maior abrangência alguns exemplos, à partir do estudo de Leite (2008, p.22), onde ele esclarecer pares mínimos em seus parâmetros.

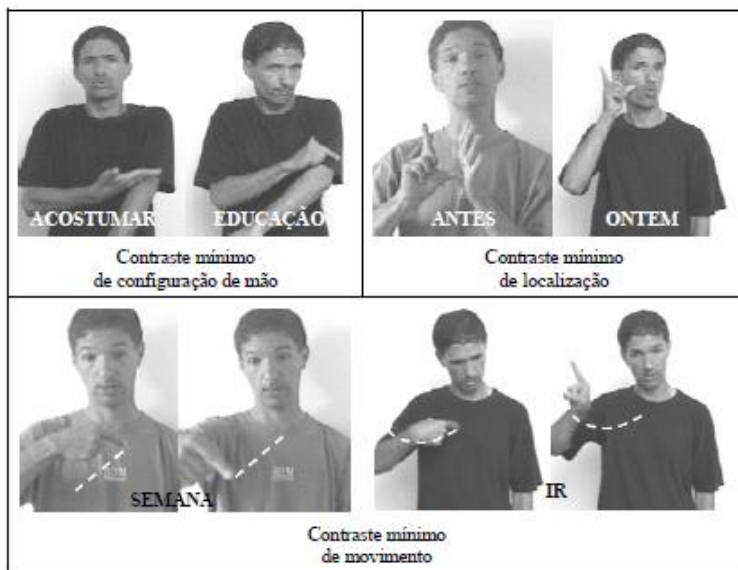


Figura 5: Pares mínimos na LSB
Gravura por Leite (2008)

Estes pares mínimos, citando como exemplos, ACOSTUMAR e EDUCAÇÃO, têm conglomeração de parâmetros iguais, diferenciando apenas na CM (configuração de mão), que, no primeiro sinal, é atingida com a configuração “B”, no entanto, no segundo, é atingida junto à configuração de mão “L”, outro exemplo, no par mínimo consequente, “ANTES” e “ONTEM”, apresentam o parâmetro L (localização) assim como o singular contraste, apresentando no primeiro caso, concretizado na palma da mão passiva e no segundo na bochecha. Esclarecendo finalizando o par mínimo explicado por (LEITE, 2008) onde “SEMANA” e “IR”, tendo como exclusivo parâmetro dispor o movimento (M), no sinal SEMANA em obter uma trajetória retilínea e, no sinal IR, em formato de arco.

A orientação da mão relaciona-se a um elemento congruente na concepção dos sinais que está associado à acondicionar a palma da mão. O desempenho deste parâmetro é de caracterizar os sinais segundo o direcionamento da mão. Na concepção dos sinais, a mão pode, por exemplo, estar direcionada para dentro e/ou para fora para cima e/ou para baixo, para a direita e/ou para a esquerda, conforme o autor Battison (1974 e 1978) e alguns outros pesquisadores que discorrem sobre as línguas sinalizadas e expressam mais um parâmetro “não-manual”. Posteriormente, esses parâmetros foram apreciados também como fatores determinantes para a formação dos sinais (QUADROS e KARNOPP, 2004; FERREIRA, 2010).

Ademais, Battison afirma (2000, publicado originalmente em 1978), existirem duas exceções ao modo de dois articuladores: categoria de dominante (uma mão adota um papel ativo e a outra um papel passivo – auxiliar); Liddell afirma que essa alteração permite uma dilatada gama de forma do conhecimento, porquanto, “comparativamente falando, as LOs¹⁷ são um tanto limitadas nos tipos de contrastes articulatórios a elas disponíveis” (2003a, p 11).

No que concerne à categoria de simetria (caso duas mãos equivalassem a ativas, passam a ter movimento peculiares e mesma CM – citando como exemplo o sinal de livro). Assim como Liddell (1984) considerou a ação morfológica de composição na ASL, demonstrando uma sequência fonológica: identificação, em que quaisquer parâmetros ou elemento de um ou de dois sinais eram determinados, para um maior acordo da sequência. Leite (2008) cita o exemplo de dois sinais: CHORAR e FATIAR, para esclarecer esta ação linguística. Esses sinais

¹⁷ Línguas orais

consistem em atingir o dicionário online, com mais apreço idealização do exemplo dado por Leite (2008). Retirado do estudo de Pêgo (2013,p.29), mostrando assim a configuração dos sinais, onde em seguida, será melhor detalhado em suas explicações.



Fonte: Dicionário Acesso Brasil
www.acessobrasil.org.br/libras

Figura 6: Expressões faciais: chorar, fatiar, cebola.
 Gravura por Pêgo (2013)

O esclarecimento comprova o procedimento fonológico encontrado por Liddell, o entendimento, no processo dos parâmetros de um sinal e elisão, assim como fenômeno antes a outro sinal, constituindo a influência pelo movimento, orientação ou outro parâmetro fonológico aqui abordado.

O sinal <CHORAR> é apresentado pela reprodução de movimento (flexão 2 vezes, dos dedos, na altura dos olhos).

O Sinal <FATIAR> é a maneira de elaborar um sinal com as 2 mãos, sendo que uma parece segurar algo e a outra cortar.

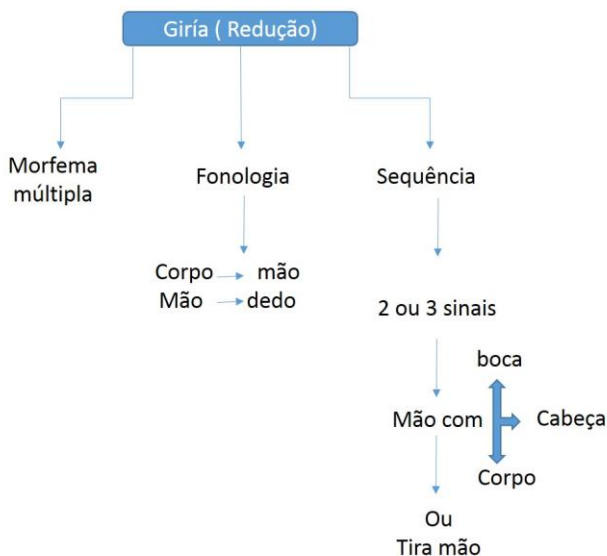
O sinal <CEBOLA> corresponde ao movimento duplo, onde é apresentado pela ação com reprodução de movimento <CHORAR> (flexão dos dedos duas vezes com ambas as mãos); e assim, seguido do

movimento duplo do sinal fatiar com a mão passiva (a mão se pronuncia aparentando segurar alguma coisa, no momento em que a outra corta algo imaginário CHORAR + FATIAR= CEBOLA).

Tudo que as apreciações fonológicas contemporâneas na LSB apresentam são fontes de Quadros e Karnopp (2004, p. 53-61) onde consistem entre os parâmetros dessa língua: Configuração de mão (CM), Movimento (M), Locação (L), Orientação da mão (Or) e Expressões não- manuais (ENM).

Dentro do processo fonológico dos sinais, faz-se sobressair a gíria em sua forma reduzida, sendo assim, elaborada em diferentes espaços, conseqüentemente, com variação na configuração de mão, movimento, orientação de mão, morfema-boca, entre outros aspectos e assim, apresentam-se em suas diferentes formas, no entanto exprimem igual significado no processo interpretativo do diálogo, de acordo com o da pragmática, aparecendo assim, na elaboração da situação, a significação interpretativa da ação informal e ao mesmo tempo a apresentação informativa do sinal apresentando.

Aqui será ressaltada a fluidez do processo na formação da gíria; tema este focalizado por motivo da crescente utilização dentro das comunidades surdas.



Quadro 4: Gíria (redução)

Esclarecendo o gráfico acima exposto, poderá ser visualizada a diferenciação na conformação dos critérios utilizados na configuração de um determinado sinal, morfema múltiplo, aspectos dos sinais diminutivo de localização e também morfema-boca, onde apresenta diversos significados; seu processo de redução fonológica que pode ocorrer onde o corpo é configurado pela mão e a mão é configurada pelo dedo; localização de mão, cabeça, corpo e até mesmo as expressões faciais e assim, este sinal torna-se reduzido em sua apresentação, além disso, também em sequência do sinal podem ocorrer 2 ou 3 sinais para as 2 mãos ou 1 mão de contato juntamente com a boca, cabeça e corpo, expondo na expressão, o formato do significado; podendo ocorrer sem o uso da mão, só configuração do morfema-boca, movimento da cabeça e expressão do corpo; e assim, somente o usuário poderá lê-lo e entendê-lo no contexto de uma conversação; gerando então a mudança fonológica no contexto de seu morfema, no processo da influência da gíria e suas mudanças; ressaltando exemplo abaixo relacionado.

Glosa: OCUPADO!**Dicionário**

(Capovilla, Raphael,
& Mauricio, 2009)

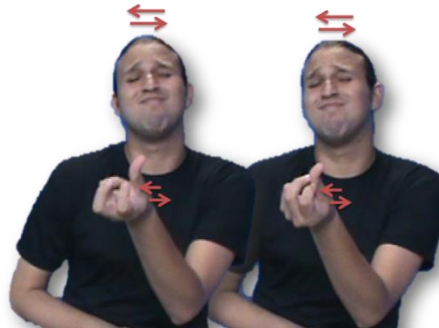
**Gíria**

Figura 7: Dicionário vs. Gíria: Ocupado!

Video Dicionário: < https://www.youtube.com/watch?v=q_7qIJj130w >

Video Gíria: < <https://www.youtube.com/watch?v=mU7xwpbPAC4> >

Melhor explanando a figura acima exposta, esclarece-se que o sinal de ocupado é executado pelo movimento do dedo de uma mão no pescoço, seguido do movimento da cabeça em sinal de negação e na gíria, este mesmo sinal de ocupado configura-se em elaborar o número 6, onde a cabeça é representada pelo polegar e na falange do polegar, configura-se o pescoço e este sinal configura-se num espaço neutro á frente do corpo, e em seguida mostra o movimento de negação, seguida da expressão facial, como mostra a figura acima.

2.5. Morfologia

As palavras têm “empregos” de ordens múltiplas em uma língua. Assim, as pessoas que as usam se apoderam de dados para poderem exprimir suas ideais ou qualquer outra coisa que queiram falar. No habitual exercício da comunicação, novos sinais normalmente vão surgindo e assim, os sinais aparecem como modificadores.

Em consonância com Quadros (2004, p.86) existem diversos itens a serem analisados para que se possa avaliar e explicar circunstâncias presentes na “tradição decorrente do estudo das línguas orais”. Nesses itens, revela-se o impasse de comparação da língua oral com a LSB. São dificuldades constatadas pela delimitação do estudo linguístico, seja na “omissão”, por motivo de barreiras presentes pela falta de informação teórica na “pesquisa” ou pelo motivo de faltar melhores explicações linguísticas e de “nomenclaturas”. Deste modo, busca-se melhores questionamento no tocante às denominações obtidas através da apuração de levantamento de dados sobre as LSB. Entretanto, definição de morfologia e morfema segundo Quadros e Karnopp (2004, p.86) se apresenta da seguinte forma:

Morfologia é o estudo da estrutura interna das palavras ou dos sinais, assim como das regras que determinam a formação das palavras. A palavra morfema deriva do grego *morphé*, que significa forma. Os morfemas são unidades mínimas de significado.

Sua estrutura dá-se com o envolvimento das mãos, corpo e rosto e assim, elas se desenvolvem tanto no espaço neutro, quanto no contato com algumas partes do corpo, parecendo um balé das mãos, com seus movimentos ágeis e frenéticos captados pelos olhos.

Segundo Stokoe (1960), “elas são compostas por sub-lexicais e diferenciadas pela duplicidade de uniformização”; melhor esclarecendo, observar-se que esta língua é também composta por forma convencionais, e não convencionais, evidenciando no sinal as suas iconicidades, não deixando de esclarecer também as suas formas arbitrárias deixando e própria parecer sua diferente e própria forma de comunicação.

Através de pesquisas realizadas por Fernald e Napoli (2000) foi denominada por “íon-morph¹⁸” uma nova estrutura linguística e assim, fazendo uma comparação entre ASL e LSB, pode-se deduzir que no nordeste do Brasil, apresentam em muitos sinais semelhanças ao mesmo tempo diferenças na sua configuração onde sua diversificação está relacionada a um parâmetro apenas, conforme explicação (tradução nossa) do texto rodapé e assim, fazendo uma explanação do sinal mãe, pai, tio, tia, irmão, irmã, pode-se evidenciar a congruência na adequação do elaboração do sinal, ressaltando assim, apenas uma diferença nos parâmetros realizados. Melhor esclarecendo, será aqui detalhado quanto a elaboração do sinal mãe e pai, que conforme tradição de beijar a mão quando na hora da benção, este sinal é configurado pela forma natural beijando a mão e sua diversificação entre a determinação de homem e mulher fica na configuração de mão onde para o homem a mão configura-se um movimento pegando o queixo como se estivesse alisando a barba e para o sinal de mulher, a mão configura-se no nº 1 fazendo movimento de cima para baixo na bochecha, e assim, os dois sinais se completam com a finalização do beijo dorso da mão.

Tomemos, por exemplo, o sinal de mãe e pai em ASL: eles têm o mesmo movimento, orientação e configuração de mãos. Eles diferem no que diz respeito à localização: queixo para a mãe, para o pai testa. Dentro deste conjunto restrito de sinais, a combinação de movimento específico, orientação e configuração de mãos ter o significado de "pai". O queixo e na testa, por sua vez, são de íon-morphs denomina fêmea e macho em sinais que expressam termos de parentesco, como a irmã-irmão, sobrinha, sobrinho, avó, avô¹⁹.

¹⁸ Fonte: < <http://babel.ucsc.edu/Jorge/ferald.html> > Fernand and Napoli denomina esse termo de Íon-Morphs.

¹⁹ Texto original: *Take, for example, the signs mother and father in ASL: they have the same movement, orientation, and handshape. They differ with respect to the location: chin for mother, forehead for father. Within this restricted set of signs, the combination of specific movement, orientation, and handshape have the meaning of 'parent'. The chin and the forehead, in turn, are ion-morphs denoting female and male in signs expressing kinship terms, such as sister-brother, niece-nephew, grandmother-grandfather.*

Nas suas formas lexicais, são também encontrados os lexemas, estes podem ser totalmente arbitrários, pois no processo de formação do sinal, podem ser combinados formando assim o registro lexical na língua de sinais. Johnston e Schembri (1999, 126) apresentam a peculiar forma em meio a sinais e assim, apresentam diversidade na representação morfológica do lexema representando por signo diferentemente constituído em sua forma lexical, conforme citação abaixo:

Que é (a) imprevisível e / ou um pouco mais específico do que o significado do sinal componencial potencial, mesmo quando citado fora de contexto, e (b) completamente alheios à sua componencial componentes significado (ou seja, lexemas pode ter ligações arbitrárias entre forma e significado)²⁰.

Numa sequência lógica, os sinais também podem ser apresentados num sistema morfológico composto por mais de uma configuração de mão, onde podem ser apresentados tanto com uma mão quanto com as duas, dependendo do contexto da situação informal e assim, segundo Brennan (1990) deduziu este termo composto classificador para os sinais diversificados pela complexidade de sua elaboração. Abordando a estrutura de morfologia e os compostos dos sinais ASL, será abaixo exemplificado:

²⁰ Texto original: *which is (a) unpredictable and/or somewhat more specific than the sign's componencial meaning potential even when cited out of context, and or (b) quite unrelated to its componencial meaning components (i.e., lexemes may have arbitrary links between form and meaning).*

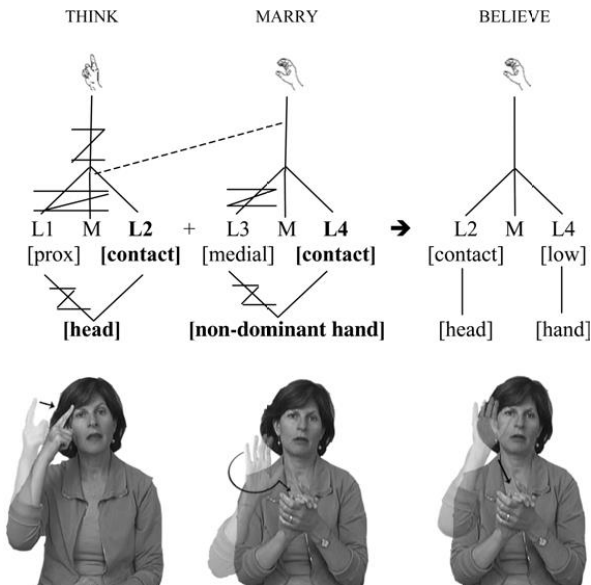


Figura 8: Morfologia de sinais compostos em ASL: Pensar, Casar, Acreditar
Gravura por Sandler e Lillo-Martin (2006)

Em sua composição morfológica, a LSB pode apresentar-se de forma coesiva, onde às vezes junta-se através de dois ou mais sinais configurando-se num só contexto explicativo. Podemos ver acima o exemplo em ASL onde une os sinais Pensar + Casar formando o sinal acreditar e, em LSB, podemos exemplificar com o sinal de Casa + Cruz formando o sinal de Igreja.

Segundo Sandler (1999) a apresentação dos segmentos que compõem o movimento dos sinais configuram critérios em que o movimento da segunda parte é, além disso, excluído, e o movimento rápido torna-se o singular movimento do composto, procedendo num sinal mono silábico com um só singular movimento, assim como sinais canônicos simples.

A língua de sinais apresenta em sua morfologia os classificadores, os aspectos temporais e os sinais não manuais apresentados formais ou informalmente conforme suas articulações, executadas por pessoas surdas, seus familiares ou amigos, simpatizantes das línguas de sinais ou outras pessoas que sabe LSB e assim, Quadros e Karnopp (2004) apresenta o processo de derivação dos sinais; processo este advindo de uma palavra resultando na formação de uma outra, com

mudanças no significado ou na categoria lexical, mudando de substantivo para verbo.

Fazendo a explicação do sinal abaixo relacionado em LSB, será evidenciado dois segmentos de sinais para um mesmo contexto conceitual do sinal apresentado, onde este sinal representa uma conversa, uma boa lábia, em LSB ele é representado pela configuração da mão em S, com o dorso da mão para cima e a outra mão espalmada, alisando o dorso da outra mão e, na gíria, este sinal apresenta-se pela mudança de localização, pela influência fonológica; batendo-se com a mão espalmada no pescoço (bom papo, xavecar) sinal este, representado pelo contexto dos parâmetros dos sinais. Exemplo da comparação dos sinais em LSB e gírias:

Glosa: CONVERSA BOA, LÁBIA



Figura 9: Dicionário vs. Gíria: Lábia

Video Dicionário: <<https://www.youtube.com/watch?v=1ITwVC-wcoI>>

Video Gíria: <<https://www.youtube.com/watch?v=109fd8Us5OM>>

Estes sinais nos mostram também a configuração do morfema-boca, configurando a pluralidade da morfologia apresentada, composta pela morfologia do movimento das mãos, cabeça e boca, para um só significado.

2.6. Sinais não-manuais (Expressão facial)

Pfau & Quer (2010) mencionam em sua literatura que existem questões próprias sobre a LSB, onde falam que é a “língua nas mãos”, estes mesmos autores abordam a morfologia e a sintaxe dentro da língua de sinais onde são feitos pelo corpo todo (corpo, cabeça e face). Observaram também os “marcadores não-manuais” ou simplesmente “não-manuais”. No entanto, estes pares ao se comunicar não concentram sua atenção na mão do outro e sim na face (SIPLE, 1978; SWISHER et al, 1989), onde usam as expressões não manuais, constituindo-se o lexema e o morfema.

Um dos precursores no estudo da linguística que focalizou as expressões não-manuais foi Liddell (1977; 1980) que investigou por meio das estruturas sintáticas, suas orações relativas e condicionais, mostrando assim os sinais não-manuais gramaticais e suas diversificadas composições formadas pelas pessoas que os usa.

Segundo Corina et. al (1999), existem pelo menos quatro características que marcam os temas faciais das linguísticas de sinais. Além destes, podemos observar nas expressões da face e suas muitas características expressas pela postura (inclinação da cabeça), gestos e olhar (levantamento de sobrancelhas, piscar de olhos). (REILLY,2006), que também delimitou os sinais manuais, determinando limites gramaticais, relacionados pelo início, meio e fim de alguma comunicação a ser feita, no arranjo ou relato da alocação nas expressões da face.

2.7. Morfema-boca

A língua de sinais apresenta em sua formação vários aspectos em contexto, incluindo as muitas expressões faciais e assim, em harmonia com o morfema boca que ela tende a unir-se fortalecendo assim o contexto da conversação. Não tão longe, dos sinais convencionais encontra-se constituída a gíria englobando sua peculiar forma de expressão, onde geralmente se apresenta em forma modificada no intuito de despistar a conversa às outras pessoas ao seu derredor e assim, somente o interlocutor é quem entenderá a mensagem a ser apresentada na sua forma diferenciada.

Segundo Pêgo (2013), afirma que alguns sinais não manuais, podem ser considerados como morfemas, ou lexemas e assim será

analisada a LSB a partir de dados obtidos por meio de estudos realizados.

Segundo afirmação de Boyes Braeme e Sutton-Spence (2001), onde constata as diferentes formas no uso da boca nas línguas de sinais, mostrando que estas podem utilizar movimentos completos ou parciais, podendo ou não ser emprestados da língua oral, com representações óbvias ou sem ascendência “icônicos” com ou sem estilo linguístico, acercando-se de opiniões sobre que os morfemas boca e estabelecendo expressões a serem proferidas concomitantemente a outro sinal não manual; há autores de Bickford e Fraychineud (2008) que apresentam os morfemas boca como sinais prosódicos, seguidos do balanço negativo da cabeça ou arqueamento das sobrancelhas, apresentando características sintáticas e até morfológicas.

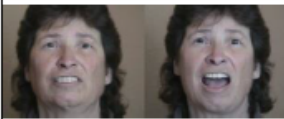
O morfema boca apresenta-se em suas instâncias, os movimentos da boca apresentando-se diferentemente, conforme o contexto facial e especialmente no desenrolar da contextualização do que está sendo dito.

O presente estudo de Bickford e Fraychineud (2008) delinea as propriedades dos morfemas-boca, avaliando sua importância onde será apresentado a seguir.

4.2. <i>cha</i>	
citations	Baker-Shenk and Cokely 1980:24, Bridges and Metzger 1996:38, Struxness 1996 03:00
phonology	Phase 1) Jaw closed, upper teeth visible. Some signers start with lips thrust forward (squared or with large rounded opening). Phase 2) Mouth opens quickly at same time as manual sign reaches its final hold.
semantics	'large'
grammar	Only used with adjectives expressing size or quantity, such as size-and-shape specifiers. Used redundantly with lexical adjectives such as LARGE, TALL.
notes	Often produces an audible [tʃ] or dental/alveolar click, which indicates contact of the tongue with the alveolar ridge during phase 1.



Quadro 5: Morfema-boca segundo Bickford e Fraychineud (2008)

citações	Baker-Shenk and Cokely 1980:24, Bridges and Metzger 1996:38, Struxness 1996 03:00	
fonologia	<p>Fase 1) mandíbula fechada, dentes superiores visíveis. Alguns sinalizantes começam com os lábios para a frente (quadrado ou com grande abertura arredondada)</p> <p>Fase 2) boca abre rapidamente ao mesmo tempo que o sinal manual atinge sua preensão final.</p>	
semântica	"grande, largo"	
gramática	Só é usado com adjetivos para expressão o tamanho ou quantidade, como especificadores de tamanho e forma. Usado com adjetivos lexicais como grande, altura.	
notas	Muitas vezes produz um clique audível ou dental alveolar, que indica o contato da língua com a crista alveolar durante a fase 1.	

Quadro 6: Morfema-boca segundo Bickford e Fraychineaud (2008), traduzido para o português por Pêgo (2013)

Sua função e etimologia quanto Boyes Braeme e Sutton-Spence (2001) a seguir:

1- São dinâmicos e exigem tempo para se coordenarem com os sinais manuais, nos momentos de transição de um movimento a outro da boca.

Exemplo: em “chá”, a boca atinge a sua posição final aberta, ao mesmo tempo que as mãos alcançam sua posição final.

2 - Envolvem mais do que somente a boca, abrangendo os articuladores não manuais, cabeça e ombro.

3 - Mudanças do movimento manual – o morfema boca “*th*” com movimento diferenciado.

4 - Alguns possuem funções consideradas adverbiais como: tamanho, reguladores de distância, quantidade, relativização, entre outros.

5 - Possuem restrições pois se relacionam com sinais e modulações de aspectos e assim, combinados aos sinais manuais.

Conforme Pêgo (2013, P.58):

As propriedades descritas nos fornecem uma base inicial para transcrição e análise dos morfemas-boca na LSB. Pretende-se, com esse estudo, verificar as ocorrências desse morfema, analisá-los, permitindo uma melhor compreensão do papel gramatical dessa marcação não-manual da LSB que ainda não foi elucidada.

Nesse estudo, foi visualizando a identificação de traços fonológicos e morfológicos dos sinais das gírias não-manuais da LSB, com base nas propriedades analisadas e descritas por Bilford.

Os morfemas-boca possuem caráter dinâmico e exigem tempo coordenado em consonância com a elaboração dos sinais manuais diz conforme Pêgo (2013).

Nas descrições dadas aos sinais das gírias em seu contexto, faz-se a observação de um trabalho juntamente elaborado ao movimento da boca, onde são simultaneamente coordenados com os sinais manuais e assim na análise sobre as gírias, foi detectado que os processos de todos os sinais não manuais têm propriedades de morfemas, conforme citação a seguir:

Possuem significado e não podem ser separados em unidades menores sem perda de significado, combinam-se entre si com outros morfemas manuais e não-manuais, entre outras propriedades que serão descritas a seguir. (Pêgo, 2013,p.65).

No entanto, por ter sido registrado pelo dinâmico sistema de vídeos, tal fato pôde ser observado quanto às suas características na linguística tão peculiar e sincrônica das línguas de sinais. Pêgo (2013, p.65) “Os morfemas manuais e não-manuais ocorrem simultaneamente, em consequência das ações coordenadas, sendo que os morfemas não-manuais apresentaram esse fato de forma mais frequente” e será previamente abordados conforme as comparações, observadas nos morfemas-boca dos sinais da LSB da autora Pêgo (2013)



Figura 10: Caráter dinâmico do morfema-boca (pow), coordenado com o sinal manual "estourar". SINAL ESTOURAR + BOCA EM POW.
Gravura por Pêgo (2013)

Como já foi explanado anteriormente, agora reafirmando o envolvimento do morfema-boca com outros membros associados, faz-se concomitantemente elaborado, movimentos com os braços, expressões faciais e corporais ora visualizados, formando assim, diferentes movimentos associados aos sinais, e assim, estes morfemas-boca foram observados somente com movimentos da boca, e assim observados que eles mudam ou são recriados, vindo assim até a serem modificados em seu significado conforme os diálogos em contexto e a construção das sentenças.

Observemos, a seguir, o morfema-boca assumir a função gramatical como na sequência:



Figura 11: Sinal “SORVETE” com seu morfema-boca, obrigatório durante a produção do sinal.

A língua em frequência de movimento, como se estivesse lambendo o sorvete.



Figura 12: “O QUE”: balanço de cabeça + elevação de sobrancelhas + boca em U.

Neste sinal é claramente observado o morfema-boca, as expressões faciais, o movimento do rosto, interrogando-o, inclusive muito usado na gíria com ou sem o movimento das mãos, mas enaltecendo principalmente a face com o morfema boca.



Figura 13: “UVA”: boca formando um bico + dedos pegando a semente.

Nesta classificação, pode-se, nitidamente, observar a semelhança do sinal, a expressão que é feita quando a pessoa está comendo uva, principalmente pela forma da boca fazendo um bico e a mão com os dedos polegar e indicador em formato de pegar uma uva e levando à boca.

Pêgo (2013, p. 68) conforme disse “Um fato importante a destacar é que a produção desse morfema boca que pode vir ou não associado ao sinal manual <O-QUE > ...onde há a realização desse morfema simultaneamente ao outro morfema manual, mantendo os seus próprios significados”. Sendo assim, a expressão facial dá ênfase ao sinal apresentando afeição, assim, o morfema boca auxilia ao seu significado:



Figura 14: "SENTIR" com seu morfema-boca.

Nos aspectos de sentir afeição, sentimento que pode-se demonstrar um para o outro, retrata o morfema-boca numa sequência de movimento de bater no peito, como que sentindo algo e assim, este processo sinalizado, ligado aos sinais manuais e, conseqüentemente, no sentido de interpretação interrogativa, forma afeto para outra pessoa; prosseguindo a sequência com movimento da boca, temos outro significado, que levado para a gíria, será obtido o significado de “sinto muito” ocorrência diferenciada no sinal da LSB; obter-se-á também outro sinal da gíria quanto a mesma expressão formando outro sentido, de “tranquilo”.

Em consequência, o morfema-boca pode vir associado ao sinal manual Pêgo (2013, p.69) “ Na ASL, Bilford dá um exemplo de um morfema-boca “*th*”que significa NEGLIGENTE, quando associado ao sinal manual exige que esse sinal apresente movimento diferente, acompanhando o significado alterado pelo morfema-boca “*th*”. Ao contrário de modulações aspectuais apontados por Klima & Bellugi (1979:243-271), esta mudança no movimento não tem qualquer status morfêmico, o qual só ocorre com “*th*”, e é, portanto, parte desse morfema.”

Esta explicação pode apresentar-se com diferenciação do morfema-boca e assim representando diferentes significados conforme o contexto. Pêgo (2013) acrescenta: “Um exemplo observado na LSB seria o morfema com a mesma configuração da boca “th”, com o mesmo significado de desleixo. Observe a produção do sinal manual sem o morfema e seu significado; e a produção do mesmo sinal manual com o morfema e significado”.



Figura 15: “ESCREVER CORRETAMENTE”: lábios apertados + sobrancelhas franzidas + sinal “escrever”.



Figura 16: “ESCREVER DESLEIXADAMENTE”: língua em “th” + sobrancelha neutra + sinal “escrever”.

Podem ser observadas as configurações do morfema-boca onde mostra algo que parece desleixo, indicando que a pessoa escreve errado e assim, no sentido das gírias ele pode ser usado nas situações informais dependendo do contexto da conversação.

O morfema-boca pode ser apresentado como advérbio, segundo Pêgo (2013, p.71), há muitos estudos que colocam o morfema-boca como advérbios, expressam forma, grau, com os significados associados a prototípicos adverbiais, e quando utilizados, modificam o verbos, adjetivos ou advérbios” e assim a gíria segue a mesma forma utilizando os aspectos do morfemas-boca.

Na produção de expressão dando ênfase não-manual lábios apresenta-se franzidos de forma reta denotando algo, enfatizado como certo, conferindo temos. Intensidade ao sinal manual.



Figura 17: "REGRA COM CARÁTER DE CERTEZA": sinal "regra" + lábios apertados.

Forma de expressão afirmativa, demonstrando o morfema-boca juntamente com o sinal manual, formando o sinal de “regra”, e assim, faz-se imprescindível a sequência dos tópicos: expressão da mão ativa dominando, apontando significativamente num processo onde a forma do movimento da boca na gíria significa “evitável e/ou sigiloso”; os grupos sociais utiliza-os com morfema-presos, com o lábio inferior apertado no sentido de se esquivar, advindo assim, o contexto na situação de societário no espaço grupal.

Segundo Pêgo (2013, p.71) onde aborda o sinal de desleixamento Fig 18 a)

O Sinal manual de Bilingue, quando associado ao morfema boca “*th*” tem, o significado de negligente. Fig 18 b) No entanto se apertar os lábios, o sinal terá a configuração de CERTO, sem precisar acrescentar o sinal de certeza ao sinal manual.



Figura 18: (a) morfema "th" produzido junto com o sinal. (b) sinal bilíngue.

Fig. 18(a) e (b) mostra uma sinalização convencional e outra não convencional, que expõe significados em diferentes níveis e graus, e assim esse sinal elaborado, mostra que a gíria utiliza a quebra dos parâmetros no sentido e na forma da interpretação semântica e em consequência da forma dos grupos sociais na compreensão da instrução na pragmática.

Este sinal apresenta-se e contexto e segundo Pêgo (2013, p.72)

Apesar das pesquisas atuais mostrarem essas características adverbiais, a análise de Bilford demonstrou que, ao observar de forma mais profunda, alguns morfemas boca possuem funções que não são consideradas adverbiais, como tamanho, reguladores de distância, quantidade, relativização.



Figura 19: Lábios semi-apertados com sopro, associado ao classificador que indica linha de tempo.

Outro morfema boca onde aparece sinal seguido de sopro, porém com os lábios apertados, significando quantidade elevada, movimento este, como no caso da **Fig 20**, indicando muitas pessoas, multidão, conseqüentemente o sentido do sopro tem vários significados dependendo do contexto e/ou panorama social da comunidade usufrutuária e também utiliza-se de sinais não-manuais, mostrando no morfema-boca da gíria, a relativização do sinal de negatificação, ou seja, zombando, inferior, nada a ver.



Figura 20: "MULTIDÃO DE PESSOAS".

Neste sinal, podemos observar a função dos parâmetros que trabalham mãos a face, ressaltando a boca em toda sua forma visual e esclarecendo a significação do sinal no contexto da situação de sua conversação informal. Reforçando sobre a movimentação do morfema boca, este vem associado à função “soprar” determinando então que algo está muito longe, tem muita chuva, muita confusão, enfim, movimento que devota, algo muito intenso.

Morfema boca como sinal de negação constância de Pêgo (2013, p.73) Conforme a **Fig 21 e 22** “O morfema-boca abaixo (lábios apertados, curvados para baixo), normalmente confere intensidade a uma ação, porém, quando associado a um sinal manual também configura-se uma negação, como nos exemplos abaixo, realizados em momentos distintos. Não ocorre o balanço de cabeça, pois o morfema

boca cumpre a função de negação, necessitando do sinal manual para conferir-lhe o significado.”



Figura 21: "ALGUNS NÃO", com lábios curvados para baixo.

Fig. 21 sinal demonstrando mão em forma da letra S, abrindo os dedos indicadores, palma das mãos voltadas ou mão para o corpo (dependendo da variação), passando uma pela outra num movimento rotatório e lábios apertados denotando o sinal de negação.

Morfema boca apresentado com outros significados quanto as explicações de Pêgo (2013) Conforme a **Fig 22** – “Quando há a presença do morfema-boca na figura (língua para fora) muda o significado, mostrando desespero. O mesmo sinal, com morfemas-boca diferentes, possuem significados totalmente distintos.”

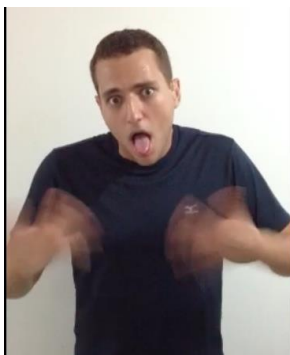


Figura 22: "DESESPERO", com o morfema-boca de língua para fora.
Gravura por Pêgo (2013)

Aqui, o sinal é configurado pelas mãos balançando como que mostrando desespero de algo e a associação do morfema boca com a língua de fora, reforça na transferência do significado do sinal elaborado em contexto.

2.8. Língua de Sinais na Pragmática

O Estudo da Língua de Sinais (LS) Britto (1993) onde origina o capítulo do livro sobre a LS na pragmática; aborda “o que já foi dito anteriormente que LIBRAS é a principal língua dos surdos na comunicação dos sinais”, esta envolve a pessoa surda com a Língua Sinais em seu conforto linguístico e cognitivo. Em se tratando das crianças surdas, elas aprendem em sua primeira língua materna que é chamada Língua de Sinais (LS) ou primeira língua e posteriormente em sua segunda língua, num processo cognitivo da pessoa surda na comunicação da instrução de linguística dos surdos.

Configurada por segunda língua, explicando para estas crianças a gramática dentro na LS, o ato da fala envolve a conversação, interação com a língua, literatura, englobando, narrativa, conto, humor; e assim, seu conforto linguístico em contato com a pragmática, processo cognitivo do entendimento dos surdos para os surdos, é enfim, a comodidade de LS, conforme Lucinda Brito (1993) “A estrutura semântica da LSCB²¹, intimamente ligada ao sistema conceitual da comunidade surda que dela se serve, codifica a visão de mundo que caracteriza e orienta o conhecimento de mundo por parte de nossos surdos.” (p.86) dentro da lógica do instrumento de cognição dos surdos onde sua estrutura própria é definida conforme a teoria do livro de Britto (1993):

Para uma comunicação efetiva em qualquer nível, pressupõe-se que os interlocutores dominem perfeitamente não apenas as regras ou convenções fonológicas e sintáticas como também semânticas e pragmáticas. E como diz J. Gumperz

Lucinda Britto (1993) denominou a língua de sinais no Brasil de LSCB (Língua de Sinais do Centro Urbanos Brasileiros); a FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos), no entanto, já tinha criado antes o termo LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais); agora por lei este mesmo termo é reconhecido por lei.

(1982:209), o conhecimento de como as convenções funcionam sempre se toma pré-requisito para participação efetiva em encontros verbais mais longos e para incorporar a cooperação de outros em atividades do lar, do trabalho e dos negócios públicos. (p.89)

Em se tratando de sua comunicação, os surdos evidenciam as LS, pois se incorporam às suas primordiais necessidades, porquanto remetem a contatos visuais sinalizados que se formam através das expressões faciais e corporais, transmitindo através do cognitivo, seu emocional, seu desenvolvimento social entre os diversos grupos de surdos. Enalteceremos as formalidades e as informalidades na conversação destes, no algoritmo da pragmática, na situação de diálogo entre seus pares, como também através de interação com os surdos de outros grupos ou de outras cidades, adquirindo assim um harmonioso feedback com a outra pessoa quer seja surda ou ouvinte, desde que usuária da LSB.

O contato “cara a cara” em situações que permitam um *feedback* máximo é necessário. Ficando prejudicado o *feedback*, o conhecimento das convenções linguísticas fica limitado. Para que estas sejam adquiridas sem bloqueios, o conhecimento de uma Língua de sinais pelos surdos é condição primordial. (BRITO, p.89)

Há princípios que regem as influências mútuas e/ou consecutivas, consistindo na definição dada por Grice, em 1975. O adjacente de quatro regras que o mesmo relata, é determinado pelo “Princípio de Cooperação”, uma vez que vão encostar-se no pressuposto de que têm convívio implícito aceitável e assim estão dispostos a serem habilmente subsidiados para que os integrantes venham a cooperar.

Os quatro princípios de cooperação ou máximas, assim denominados por Grice, anseiam por avaliar os aspectos quantitativos, qualitativos, relevância e forma da comunicação por meio dos sinais. As Regras de Grice foram fundamentadas na apreciação e da influência mútua da língua, no intuito de que ela seja universal e necessita, deste modo, ser observada e adequada para a comunicação da linguagem gestual, não à língua de sinais, no entanto, as quatro máximas se sobrepõem da mesma forma em línguas de sinais.

As palavras, para serem compreendidas, devem estar num contexto lógico de conversação, pois como se pode perceber nas citações acima relacionadas, quando a pessoa A fala que estará de férias na próxima semana e a pessoa B fala: meu pai é pintor, esta comunicação torna-se uma brincadeira sem contexto comunicativo, pois a pessoa B falou algo solto, que não teve pergunta, nem resposta nenhuma, pois para se ter uma conversação, a pessoa B poderia ter perguntado se A iria viajar para algum local. Assim sendo, pode-se concluir que também na LSB é preciso um diálogo em contexto para que haja uma boa comunicação e assim, para que a comunicação venha a fluir espontaneamente devemos evitar a obscuridade de expressão, evitar ambiguidade, ser breve, ordenado e passar fidelidade ao opositor.

Aqui neste capítulo, muito foi abordado as expressões visuais, ressaltando os parâmetros das mãos, incluindo o morfema-boca para compor as várias faces comunicativas das expressões na LSB; abrangendo assim a fraseologia juntamente, com a língua para fora, emitindo ou não sons, compondo a formação do sinal durante a comunicação.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO NA GÍRIA

Através do conhecimento adquirido, podemos fazer bom uso da gíria em toda sua contextualização, abrangendo a área da sociolinguística, procurando saber suas diferenças entre as formas usadas, os conflitos existenciais da sociedade e seus conceitos na linguística, tendo a oportunidade de fazer comparação dando ênfase à ação da gramática na gíria conforme Preti (1977, p.1)

O caráter social de uma língua já parece ter sido fartamente demonstrado. Entendida como um sistema de signos convencionais, que faculta aos membros de uma comunidade a possibilidade de comunicação.

Assim, a sociolinguística tem muita seriedade ao abordar a questão da fundamentação social, através do uso da gíria, os indivíduos que utilizam estes sinais, seu processo no linguajar despojado das pessoas que as usam.

3.1. Gírias de Natal – Rio Grande do Norte

É perceptível no contexto das gírias na comunidade surda de Natal-RN a absorção da influência de outras regiões, pois eles têm contato com pessoas surdas que passam por lá – nas festas, eventos, desportivos, entres outros – e assim captam diferentes conhecimentos adquirem diversas gírias e assim passam a sinalizar diferente, imitando o outro, num linguajar despojado e informal.

A Gíria para os surdos serve, contudo, para ampliar sua conversação, para torná-la um tanto mais graciosa e, ademais, como se fosse para forjar uma situação sigilosa. Entretanto, sua conversação na interação dos surdos, tem seu sentido englobando à pragmática, no entre face; à face do olhar, pelas estratégias, como também pelas semelhanças dos sinais e o que acontece nestas diversificações de sinais na LSB é que sua tendência vem ampliando através dos tempos e das pessoas.

Tal diversidade advém de mudanças da gíria quanto à sua locação e, conseqüentemente, novas percepções de uso, em diferentes contextos, manifestados pela expressão não-manual e sim, expressão facial, envolvendo o morfema-boca, expressando diferentes sinais da gíria, onde cada um tem seu próprio significado no uso contextualizado dos diferente sinais da LSB, em toda expressão de sua Gíria.

Levando em consideração o fenômeno da expansão da LSB do Brasil suas divulgações e o crescente interesse de novos conhecimentos, não podemos deixar de considerar as grandes e rápidas transformações que a sociedade surda vem atravessando neste final século. Não é pretensão discutir aqui, visto que a língua é uma instituição tradicional por excelência, contendo um conjunto de palavras e regras empregadas por um povo, seu idioma e algumas de suas formas, como a sintaxe resiste a quase todos os modismos da fala espontânea. No entanto, observamos o léxico, trazendo-nos transformações, como em toda língua viva e sua dinâmica social se refletindo nos modismos linguísticos, dos neologismos, dos vocabulários desusados que se tornam obsoletos e arcaicos.

Sendo assim, como num processo de contínua renovação, está também a língua, aqui manifestada, onde o léxico popular tem essencial importância e os modismos linguísticos ganham a força de leis e assim, devem conhecer as atuais formas de falar, para que melhor possam interagir com o grupo ou com seu interlocutor.

3.1.1. Gírias na sociolinguística

Quando se remete à pesquisa da gíria em LSB é surpreendente observar quão poucos dados temos registrados, implicando assim, na dificuldade da comprovação da linguística, no vocabulário das pessoas surdas. Talvez o desconhecimento, o desinteresse ou até mesmo o caráter efêmero do vocabulário gíria em LS, tenham colaborado para tal indiferença desta tão rica e interessante língua do jovem povo surdo, todavia, faz-se necessário observar e fazer registros dos seus linguajares, apesar de que a gíria infringe a norma culta da gramática.

Em se tratando de “gíria”, podemos observar certo número de pesquisadores ao longo dos tempos, visualizando grupos sociais bloqueados ou de pouco significativo, marcando assim, seu conflito com o coletivo, que vivem no povo que usa a gíria, pessoas que estão envolvidas com as drogas, com o meretrício, os malandros, os homoafetivos, as pessoas que vivem na rua das grandes metrópoles, as gírias das pessoas ligadas aos grupos românticos, aos poetas, as músicas, as diversões noturnas, aos pontos de encontros nos shoppings, as pessoas ligadas a internet entre outros e porque não ressaltar o falar da gíria em LSB, que até bem pouco tempo atrás também era muito recriminados.

Esse trabalho de identificar ao que chamamos gírias de grupos, historicamente está mais ligado ao interesse de sociólogos, especialistas de História oral ou história social da Linguagem (como por exemplo, Peter Burke e Roy Porter), que encaram o fenômeno como uma das fontes para a análise dos grupos sociais e de sua história, da pesquisa dos linguistas ou lexicógrafos. (PRETI,2000,p.214).

E assim, a palavra, gíria entra nos grandes dicionários e citando um dos mais populares (o Aurélio, por exemplo), que rotula como sendo, linguagem comum, linguagem conhecida, entre outros, fazendo perder seu poder de signo de grupo, desfazendo-se no léxico popular e podemos citar como exemplos, as palavras usadas pela imprensa escrita: grana, legal, bárbaro, etc. também em outras épocas elas foram discriminadas e hoje, estão amplamente divulgadas na linguagem do dia a dia, outrossim podemos classificá-las como sendo gírias comuns, conforme o autor Preti (2000, p.215).

Mas o que dissemos não quer dizer que a gíria não tenha sido objeto do estudo teórico de alguns linguistas deste século. Podemos citar, entre outros Albert Dauzat, que escreveu duas obras importantes sobre o assunto, *L'argot de la guerre* (1919) e *Les argots* (1956); Pierre Gulraud que produziu um estudo teórico muito didático: *L'argot* (1956); Alfredo Niceforo que escreveu *Le génie de l'argot* (1912) , uma obra clássica sobre o assunto, brilhante pela linguagem e pela intuição, embora profundamente marcada pelas doutrinas, naturalistas do começo do século, em particular pelas teorias de Lombroso sobre o criminoso nato; Connie Eble, com vários trabalhos recentes, nos Estados Unidos sobre a gíria de universitários, em especial *Slang & Sociability* (1996); Denise François, com um capítulo fundamental sobre o tema na obra coletiva organizada por André Martinet, *Le Laguage* (1968) Amílcar Ferreira de Carro, com seu ensaio sobre *A gíria dos estudantes de Coimbra* (1947); Antenor Nascentes, pesquisador brasileiro que, respeitadas as devidas idiossincrasias dos filólogos pelo tema, escreveu

duas obras importantes, *O linguajar carioca* (1822) e *A gíria brasileira* (1953), este um dicionário muito bem documentado; etc. Além deles, um grupo de curiosos pelo assunto também escreveu obras teóricas sobre gíria, como Mário E. Teruggi, geólogo erudito que estudou a gíria argentina em *Panorama del Lunfardo*; Ernesto Ferrero, crítico literário italiano, que produziu excelente trabalho sobre a gíria da Mafia, um dicionário muito bem documentado, precedido de valiosa introdução: *I Gerghi dela Malavita* (1872); etc.

De acordo com Preti, algumas obras se configuram no cenário brasileiro chamando atenção para aspectos relacionados às gírias e aos grupos nos quais elas são usadas, podemos nos referir aos trabalhos de J. Serra e Gurgel (1984) e seu Dicionário de gírias, temos ainda Mônica Rector (*A fala dos Jovens*, 1994) Ana Rosa Cabello (*Gíria, vulgarização de um signo de grupo*, 1989) e assim, quase toda a bibliografia sobre a temática, abrange o estudo da gíria de grupo, dos costumes sociais, de um grupo social em particular, sua faixa etária, grau de escolaridade e outras variantes sociolinguísticas.

Pode-se traduzir a gíria dentro das culturas e estas passam, ou melhor, diversificam-se de geração a geração, contextualizadas de forma diferenciada, perpassando pelo tempo, adquirindo experiências vivenciadas em outros espaços socioculturais, englobando diferentes tipos de pessoas que demonstram através de seu linguajar, sua marca, seu valor, seus trejeitos decididos ou não, fundidas ao seu corpo em movimentos que em concordância com a língua de sinais, denotam sua rotina cotidiana e de dimensão viso-espacial, resultando assim na excentricidade de sua comunicação e vindo assim a postergar suas objetividades reveladas no desempenho da língua de sinais, que expõe sua coreografia em movimentos precisos e ritmados, transpondo o lado social, gracioso, humorístico, lírico e, porque não dizer, sagaz e peculiar de fazer-se prudente e disposto a atrair a atenção de seu receptor.

O contexto narrativo da pessoa surda, apresenta-se em diferentes aspectos, quanto ao enredo, cenário, recursos dramáticos utilizados, abordando em sua explicação uma performance sofisticada, demonstrando expressões exageradas, numa interação de expressão facial e corporal com recursos dramáticos pra que possam atrair seu interlocutor; identificando as pessoas através de seu deslocamento de corpo, para um lado e para outro, fazendo-se entender na interpretação

de sua história, tentando passar informação em toda a sua íntegra e minuciosa explanação dos detalhes possíveis de explicação entre sua lógica e a clareza da elucidação em seus detalhes e movimentos lógicos e claros dentro do discurso, em animações sequenciais em conformidade com seu relato.

Será ressaltado um item curioso a respeito da criação da gíria na pesquisa deste trabalho, foi coletada a informação que esse tipo de comunicação foi criada através de códigos secretos, como meio de resguardar algo ou alguém, onde somente o destinatário é quem a decifrava.

No entanto, a pretensão aqui pesquisada é mostrar o crescente uso da gíria em LSB, nos contextos das gírias internas; gírias externas ou gírias adquiridas; enfocando na gíria em língua de sinais o seu uso em contexto; as mudanças de sinais e os novos sinais.

Sinais estes que estão espontaneamente entrando na vida diária do sujeito surdo.

3.1.2. Variação linguística

A variação linguística da LSB configura-se pelo motivo do sinal geralmente absorver traços característicos de algo que sobressaia no que deve-se denominá-lo e assim sua variação pode ser confundida como sendo gíria, no entanto não é, elas adquirem o sinal conforme a diversidade cultural adquirida do seu sinal no território geográfico em uso. Pode-se citar como exemplo o sinal de cerveja, que é elaborado em diferentes formas, conforme o marketing ou design apresentado na propaganda; ou até mesmo pela aparência do produto ou pelo seu resultado final apresentado; pelo símbolo ou pelo signo do produto.

Conforme a lei N° 10.436 de 20 de Abril de 2002 que dispõe no art. 1º: Parágrafo único: Sistema linguístico de natureza viso-espacial, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transição de ideias e fatos.²³

Podemos, primeiramente, explicitar o que seja linguística; conforme Martelotta (2012) onde fala que é a: “ciência da linguagem e das línguas, sendo que a linguagem está associada ao sistema de comunicação por meio de SIGNOS ou de sons usados no vocabulário por uma pessoa ou por um grupo de indivíduos, que tem especialmente a intenção de externar suas ideias ou sentimentos.” Assim sendo, observamos estas variações: regionais, sociais e nas mudanças

²³ Fonte: <http://www.oabsp.org.br_noticias,2002>

históricas, das línguas orais e porque não dizer, das línguas de sinais que aqui esta descrito, tentando produzir em detalhe, sua evolução na variação regional, lexical e nos processos linguísticos em LSB, conforme seus diversificados níveis, funcionamento e organização, no intuito de abrilhantar a pesquisa, os registros dos sinais, e suas estratégias embasadas teoricamente.

É imperante, nesse sentido, a explanação da variação linguística, fundamentada nas comprovações de que:

- 1) É uma língua que podemos dizer nova;
- 2) Falta incentivo na política da Educação e dos movimentos dos surdos pelos seus direitos humanos e linguísticos; assim sendo, faz-se necessário uma maior divulgações sobre estas variações, para que tenham uma maior abrangência quanto à realização desta língua no país, à medida que é, grandemente, aceita entre os seus pares e opostos a isso, temos opiniões tentando difundir sua não variação linguística, discriminando-a a respeito de seu registro e uso diferenciado nas diversas regiões do Brasil, segundo Cabral (1988, p.208) destaca que:

(...) Os falantes podem estar expostos a situações variadas e é de maior interesse para o planejamento de uma política da língua e da política educacional efetuar o levantamento das línguas que são faladas numa dada comunidade, quantas pessoas a(s) praticam, quais as suas variedades e o que é importante, qual a atitude desses falantes em relação a isso.

Perante as discriminações entre duas línguas, podemos distinguir a LSB, com suas disposições descritas e opressivas pelas pressões sociais da cultura ouvinte onde determinam normalidade/anormalidade, língua oral/ língua de sinais, certo/errado; flutuando entre a ambivalência destas duas línguas, cabe citar:

(...) a linguagem é restringida por determinados princípios que fazem parte do conhecimento humano e determinam a produção oral ou viso-espacial, dependendo da modalidade das línguas (faladas ou sinalizadas). (QUADROS & KARNOPP, 2004, p.16)

Há diferentes fontes no registro dos sinais, na elaboração fornecida pela diversificação de suas variantes linguísticas e isto somente se faz sucinto, por motivo da comunicação partilhada pelos usuários da LSB, os quais geralmente pertencem a uma comunidade, revendo Labov (1966) onde diz que toda língua tem um sistema heterogêneo ordenado, gerando assim, a base teórica da variação linguística.

No Brasil, 1981, foram feitas pesquisas sobre a LSB, por Gladis Knak Rehfeldt, cuja pesquisa resultou no livro intitulado “A língua de sinais do Brasil”, posteriormente, Lucinda Brito (1995) publicou “Por uma gramática das língua de sinais” ; Felipe (1993), onde escreveu sobre verbetes em LSB e Quadros (1999) estruturou a LSB usadas pela FENEIS, razão pela foi de extrema importância quando do reconhecimento legal da LSB no Brasil.

É importante ressaltar um questionamento feito por Santana (2007, p.100) onde diz que se não há língua portuguesa “ideal” nem falantes “puros” por que teríamos língua de sinais “pura”? e assim, podemos exemplificar com um sinal onde por exemplo: MÃE e PAI no Rio Grande do Sul e em São Paulo, são diferentes, tanto nos aspectos fonológicos quanto nos sintáticos.

Podemos então definir suas variações dentro dos sistemas de regras: mostrando relações, estabelecendo formas e estruturas de causar admiração assim, podemos observar diferentes personalidades, sistemas inerentes à inclusão destas variações linguísticas e seus diferentes contextos sociais, podendo assim constituírem como sendo suas gírias, nas diferentes formas do léxicos ou configuração de mãos, nos processos pragmáticos aqui relatados. Diante disto, será concluído que, se fossem tentar tornar a língua de sinais uniforme, seria o mesmo que tentar uniformizar a língua portuguesa.

Nesse contexto a variação, esta abordagem que é tão verdadeira e usada no dia-a-dia das pessoas; tanto as que falam o português, quanto as que falam a LSB pode-se, podemos observar os livros didáticos, as músicas, os poemas as pessoas de diferentes regiões e porque não dizer dos diferentes grupos, onde as variações são aceitáveis.

Apresentando o que Strobel e Fernandes (1998) descreveu sobre variação linguística na LSB: “... no mundo, há pelo menos uma língua de sinais usada amplamente na comunidade surda de cada país, diferente daquela língua falada utilizada na mesma área geográfica. Isso se dá porque estas línguas são independentes das línguas orais, pois foram produzidas dentro das comunidades surdas.”.

Como já foi dito anteriormente, em toda língua ocorre suas variações. Brien & Brennan (1995) discorre sobre 5 diferentes, publicações de dicionários de língua de sinais e estão relacionados a 5 diferentes regiões ou 5 escolas de surdos Schermer & Harder (1086); Timerman & Mans (1990); *apud* Brennan & Brien (1995).

Estas variações existem entre jovens e idosos; pessoas de diferentes regiões; de diferentes identidades, grupos ou formação acadêmica.

Estes estudos referem-se a faculdade de perceber o mundo e à disposição dos significados quanto aos seus aspectos sociais, políticos e culturais da vida dos surdos e sua relação com a LSB e a língua portuguesa; na sua língua, crença, costume, hábitos e ideias. Suas experiências são muitas, entre pessoas ouvintes e surdas, mas a organização desse estudo dar-se-á à partir dos próprios surdos, que perfazem mudanças em sua linguagem, desenvolvendo seu vocabulários nos processos da língua e suas interações sociais.

Para Bagno (2001) a língua de sinais deveria ser estudada olhando as diferenças dos conceitos estabelecidos para as línguas orais.

(...) o termo *variedade* implica, na sociolinguística, um uso concreto, efetivo por parte de falantes reais. Ora, não existe uma “variedade-padrão”... todo padrão é estabelecido com vistas a uma uniformização, a uma homogeneização de formas e de usos... é possível criticar (e descartar) o uso de outras expressões com língua-padrão e dialeto-padrão. Afinal, não existe língua-padrão, mas sim um padrão-língua, uma medida abstrata que serve para medir e avaliar os usos linguísticos empíricos dos falantes nativos. (p.11).

Sintetizando estas descrições, ressaltam-se nas pesquisas os aspectos gramaticais, sendo que não foram levados em conta seus pormenores, suas apresentações diante de cada contexto, suas declarações à parte.

A respeito da variação linguística na LSB, segundo Camacho (1998 *apud* Sordi-Ichikawa, 2003, p.44) existem 4 diferentes tipos mais usados de variação:

- 1) Histórica, ligada às mudanças sociais;
- 2) Geográfica, que difere conforme a região onde é falada;
- 3) Social, que depende de pessoas de uma mesma classe (social, econômica, idade...); e
- 4) Estilística, que varia de acordo com a fala, mostrando assim a heterogeneidade e abrangência sociocultural a elas determinadas pelo falante; evoluindo e obtendo formas próprias ao seu uso.

Classificações das variantes conforme exemplos abaixo:



Figura 23: "Bom Dia" (Campina Grande/PB).
Video original: < <https://youtu.be/vlb2FQKFfnA> >



Figura 24: "Bom Dia" (Natal/RN)
Video original: < <https://youtu.be/HQAKo1kHZXc> >

As figuras acima possuem o mesmo significado: “BOM DIA”, entretanto, a variação do sinal é configurada de acordo com a construção deste, em cada região.

Fig 23 – Em Campina Grande/PB o sinal BOM DIA foi adaptado conforme o estereotipado sinal ajustado ao termo acordar feito na cabeça, ao lado da testa.

Fig 25 – Em Natal/RN o sinal de BOM DIA faz referência ao empréstimo linguístico da língua portuguesa onde o sinal de Bom é executado com a mão em O à frente da boca e abrindo, os 5 dedos e a letra D (empréstimo linguístico) de DIA fazendo um semicírculo em frente ao corpo, mostrando essa variação regional através de seus aspectos sociolinguísticos



Figura 25: "Cerveja" (Natal/RN)
Video original: <<https://youtu.be/di8CTGL6SxQ>>



Figura 26: "Cerveja" (Fortaleza/CE)
 Video original: < https://youtu.be/zf_RKtEuOqQ >



Figura 27: "Cerveja" (Belo Horizonte/MG)
 Video original: < <https://youtu.be/x-ZKN-KCYw> >

Nestas figuras são observadas as variações dos sinais, com isto pretende-se mostrar a diversificação de sinais nas diferentes regiões conforme sua variação linguística.

Fig 25 – CERVEJA em Natal/RN, configura-se pelo elemento icônico por causa da semelhança com certa propaganda publicitária. Mão em S fazendo um semi-circulo à frente ao corpo.

Fig 26 – CERVEJA em Fortaleza/CE, caracteriza-se pela demonstração da espuma q vai baixando. Mão em O, palma da mão para cima, abrindo e fechando a mão.

Fig 27 – CERVEJA em Belo Horizonte/MG, apresentado por um sinal arbitrário, mostrando a letra V na bochecha passando para frente e para trás.

Em continuação à explanação sobre variações linguísticas, será apresentado como forma de contexto, as funções abaixo relacionadas.

- 1) Diatópicas (de uma região para outra);
- 2) Diastráticas (referem-se aos grupos sócias- jargões e as gírias);
- 3) Diafásicas (variam dependendo de cada situação, usam uma fala mais formal ou não) também podem ser fonética, lexical e sintática.
- 4) Diacrônicas (relacionadas ao tempo- arcaísmo ou neologismo da fala). Vilhalve (2009, p.36): *(Língua vernácula) observação da linguagem caseira entre pai, mãe e filhos, outrossim podemos citar a variação na literatura visual (poesias, cantos, romances, novelas), onde usam a liberdade de expressão.*

Apresentando a importância da pesquisa da variação linguística, em suas diferenças, abordam (SCARTON; MARQUARDT: 1981, p. 6) e concluem que:

As múltiplas variações observadas no sistema linguístico ocasionadas por fatores vários dão uma ideia multicolorida da língua, realçando seu caráter maleável, diversificado. Tal imagem corresponde a uma realidade evidente e desconhecê-la ou não levá-la em consideração o suficiente, significa ter uma concepção mutilada da língua.

Diante das citadas explicações, quanto às diferentes modificações linguísticas, podemos visualizar as apontadas variações existentes também na língua de sinais. De igual modo, a confusão se dá enleando as gírias, no entanto, seus fatores são distintos e relevantes perante a lógica da construção do sinal e suas variáveis quanto à delimitação no processo linguístico do tema em questão, onde são distintas e classificáveis.

3.1.3. Gírias nas expressões idiomáticas

Podemos personificar uma língua, exprimindo seus pensamentos por meio de gestos, palavras escritas, faladas, ou ditos populares, fisionomia, intensidade de um sentimento ou estado moral; representação ou manifestação. Como foi dito anteriormente, cada língua tem sua diferente maneira de expressar-se e cada cultura tem seu peculiar modo de ver o mundo.

Temos como exemplo particular os provérbios, as expressões idiomáticas, as máximas, os aforismos (sentenças metafóricas), com valores semânticos (estudos das mudanças das palavras ao longo do tempo). Estas expressões, às vezes, de forma grotesca, servem para explicar uma situação dia-a-dia, dentro de certo contexto.

Exemplo de um ditado popular: a pessoa junta dinheiro, guardando moedas e chega um período em que consegue unir um montante suficiente em suas economias. Sabe-se que moedas, trocos e pequenos valores são quase desprezíveis para comprar algo realmente valoroso, mas com o contínuo ato de guardar pequenos valores, obtém-se um grande valor, nesse contexto diz-se: de grão em grão, a galinha enche o papo.

Exemplo de expressões idiomáticas em português: “Abra o olho”, Ter cuidado; “Apertar o cinto”: Aperreado, desempregado, sem dinheiro.



Figura 28: Expressão idiomática da LSB: Situação interna não expressa em relação a uma situação

Video original: <<https://www.youtube.com/watch?v=VxVSeY8Lufo>>

Descrição: Acima, sinal configurado pelo dedo médio na cabeça, subindo e descendo mostrando a má impressão de que você está tendo do outro e remete-se a dizer que o outro é mal educado, mal comportado, sem educação, sem noção, sem argumento, entre outros adjetivos, dependendo do contexto do assunto, sobressaindo a expressão do morfema-boca que denota algo não agradável.



Figura 29: Expressão idiomática da LSB: Sinal arbitrário
 Vídeo original: < <https://www.youtube.com/watch?v=X6FtrZHgBEM> >

Fig.29 sinal é utilizado em diferentes situações: citando um exemplo: A pessoa está com frio, pega um lençol grosso e se aquece, em seguida faz este sinal no sentido de: ainda bem que o frio diminuiu (sinal arbitrário)

Descrição: Com o dedo formando a letra D próximo ao ouvido, faz um movimento de giro como o de uma laçada e vira a mão ao contrário, colocando a mão (letra b, palma virada para dentro e mão no rosto) destaca-se também o morfema-boca em diferentes modos num só sinal.



Figura 30: Expressão idiomática da LSB: Presumir

Vídeo original: < <https://www.youtube.com/watch?v=UfETDzG4WiQ> >

Indicação: Sinal usado para lembrar algum segredo que já foi contado, por exemplo: ao encontrar com o amigo que contei um segredo sobre pessoa X, faço este sinal como dizendo: lembra sobre aquela pessoas que eu falei para você, olhe é essa pessoa. (Se a pessoa X estiver próximo, faço o sinal sem que ela perceba que estamos falando dela).

Descrição: Uma mão formando o número 5, com o dedo indicador batendo na orelha, em seguida a mão desce e junta os 5 dedos batendo na outra mão que também está com 5 dedos juntos em conexão podemos observar a expressão facial englobando o sobrelhas, boca e outros aspectos não- manuais.

Estas locuções envolvem a compreensão da mensagem, do sinal, em três aspectos:

1. Emocional;
2. Gramatical;
3. Aspectos Não Manuais, que englobam: olhar, sobrelhas, boca, nariz, face, pescoço, ombro, tronco, entre outros.

Esses sinais são conhecidos como expressões idiomáticas e tiveram sua personificação demonstrada pelos pensamentos, gestos, palavras que foram modificadas conforme a convenção dos sinais da LSB, onde utilizaram a comunidade surda, seu envolvimento social e cognitivo para formarem certos sinais e assim estes se espalham por outros estados e utilizaram-se de sinais já existentes e outros se transformam formando sinais com suas próprias padronizações.

3.1.4. Diferenças entre gíria e metáfora

Aqui discutimos os aspectos e as diferenças entre metáfora geral e metáfora na LSB; objetivando assim, mostrar a contribuição da LSB, seu desenvolvimento de acordo com os sujeitos surdos de determinado grupo. Faz-se necessário fazer uma breve explanação da diferença entre gíria e metáfora, assunto este confundido por muitas pessoas que os usam:

Gíria: forma sinalizada usada com infinitos aspectos pelos grupos sociais da comunidade surda;

Metáfora: conforme Daltóe (2013) está associada tanto ao ilógico, quanto às contradições, sua ideologia e seus aspectos imaginários são controversos, face ao contexto da situação, onde transfere o sentido da palavra para o âmbito semântico²⁴ que não é o do objeto que reflete, no entanto fundamenta-se numa relação de semelhança entre o próprio sentido e o figurado ou tropológico²⁵; citando um exemplo: chama-se Raposa a uma pessoa astuta.

Como figura, será apresentada a pesquisa feita, as imagens e suas descrições, desse modo, este esboço está composto por uma discussão sobre metáfora da LSB, desafios e estudo de caso. Será também mostrada a importância da LSB dos surdos.

Toda língua viva tem em seu vocabulário suas variações, seus fraseologismos seus trocadilhos e suas metáforas. Assim, podem também encontrar, na língua de sinais brasileira suas diferenças e semelhanças, quanto à sua metodologia e seus sinais.

Que mistérios estão subjacentes em um sinal? (...)
O que acontece com a forma e com o sentido de sinais comuns em ASL quando eles são articulados e personificados diariamente pelos surdos? O que as metáforas têm mapeado nas 'juntas dos dedos', nos dedos, na pele e nos 'ossos' dos sinais? (WILCOX 2000, p.27)
(FARIA, 2006 p.179)

²⁴ Arte da significação; estudo das mudanças sofridas no tempo e no espaço.

²⁵ (Uso de linguagem figurada).

Para melhor esclarecer o que seja Metáfora, primeiramente será abordada sua origem que remete do Latim *metaphora* e da palavra grega metáfora, conforme o dicionário Aurélio.

Por sua afinidade com as figuras de linguagem, a metáfora consiste numa relação de semelhança entre pessoa e objeto e incide na transferência de uma palavra para um domínio semântico (significado) que não é o do objeto que ela indica e que se motiva numa relação de afinidade, implícita entre o sentido próprio e o figurado. Por exemplo, chamar uma pessoa de raposa = pessoa astuta.

Segundo Silva (2001) a linguagem faz parte do processo cognitivo das experiências culturais, sociais, individual, aprendizagem, desenvolvimento psicológico fazendo a construção do sentido quando falamos ou pensamos, ela vem através de pensamentos às vezes até nos sentidos metafóricos. Lakoff e Johnson (1980) definem três tipos de metáforas:

1. *Orientacionais*: experiências com o corpo, para cima/para baixo, dentro/fora, frente/atrás, centro/periferia; dando uma orientação espacial (espaço) e podem variar de acordo com determinada cultura. Ex.: está alegre=para cima, está triste = para baixo
2. *Ontológicas*: referentes a objetos e substancias físicas. Ex: já estou de cabeça cheia, como se a mente fosse um recipiente.
3. *Estruturais*: estrutura uma atividade em termo de outra. Ex: Não vejo esta questão como você ver (vejo=entendo).

Em resumo, as metáforas são como instrumentos fundamentais à comunicação, tanto da comunidade ouvinte quanto da surda. E assim, se firmam nas experiências vivenciadas pelos indivíduos onde o mundo é visto de modo pragmático e a forma como vivenciam são as concepções socioculturais e cognitivas desiguais em seus diversos aspectos, dando-se assim, face aos falantes de diferentes línguas.

A metáfora da LSB possui diversas concepções, em se tratando dos diferentes pesquisadores do tema, conforme suas épocas. Estas concepções estarão aqui destacadas nesta pesquisa, no embasamento metafórico e na atual visão pragmática aqui destacada.

Para Lakoff e Johnson (1980; 2002, p.46-48), proponentes da concepção cognitiva da metáfora, “o modo como pensamos, o que experienciamos e o que fazemos todos os dias são uma questão de metáfora”. Para eles, “a essência da metáfora é entender e experimentar um tipo de coisa em termos de outra”, o que significa dizer que as metáforas têm base cognitiva e, por isso, não são assuntos da língua, mas do pensamento ou da ação. Nesse sentido, praticamente tudo o que se diz ou se escreve carrega um conteúdo extremamente metafórico (FARIA, 2006 ,p. 181).

O sistema conceitual é metafórico por natureza, onde os conceitos estruturam o modo como percebem e lidam com os fatos do mundo e são até mesmo determinantes no modo como relacionam socialmente; de como pensam e agem.

Conforme Lakoff e Johnson, a metáfora tem um papel especial na linguagem e na mente, contudo não devemos pensar nelas apenas como uma figura que adorna a linguagem e sim, como todo o contexto do nosso pensar, falar e agir.

Quanto à visão pragmática atual, sintetizou Levinson (1983) e Mey (1999):

Para eles, as metáforas são um tipo de atividade que não tem origem no cérebro, nem estão exclusivamente conectadas a alguns domínios conceituais dos quais elas podem estabelecer relações com outros domínios ou combinação deles. Elas são vistas como atos pragmáticos que envolvem estreita relação com o que se diz – o ato de fala.

É verdade que os grupos sociais são formados diversamente, onde pessoas podem ver uma mesma imagem de forma diferenciada formando assim, através dos desiguais modos de pensar, as distintas composições metafóricas, de acordo com os contextos vivenciados, as ideologias, as posições sociais que maximizam ou minimizam os sujeitos perante sua cultura, em suas visões cognitivas e pragmáticas.

Nesse contexto, elaboram-se as metáforas a partir dos pensamentos, ações, conhecimentos e crenças conforme as assimilações da realidade vivenciada, pelos aspectos e implicações sociais de

determinado povo, onde mudam conforme as concepções e conhecimentos oriundos da compreensão, informações e experiências estabelecidas, perante as relações simbólicas compostas pelo sistema formado por pessoas de um domínio de origem (concreto) a um domínio alvo (abstrato), onde pessoas participam ativamente da construção de novos sinais, conforme Faria (2006):

É possível agrupar sinais individuais num conjunto que partilha a mesma metáfora subjacente e nota que a comunicação efetiva, frequentemente encontrada entre os sinalizantes de diferentes LS, pode ser oportuna para as relações do código visuo-espacial partilhado e para a exploração dele com a construção sobre a qual a metáfora está baseada. (FARIA, 2006, p. 184).

O pensamento de Ferreira Brito (1995) assemelha-se ao de Lakoff e Johnson (1980: 2002), quanto às metáforas orientacionais na LSB; onde representam, por exemplo, o futuro, por um movimento rotatório com as mãos para frente, ou quanto ao passado, por um movimento rotatório com as mãos para trás, com sinais próximos a determinadas partes do corpo pertencendo muitas vezes a um campo semântico específico, organizado, às vezes com características icônica.

Ponto de articulação referente às características, os sinais referentes à visão são realizados perto dos olhos; à alimentação, perto da boca; os sentimentos perto do coração; ao raciocínio perto da cabeça, conforme os movimentos de certos indivíduos, os sinais são metaforizados através do tempo e da versão adaptada conforme os movimentos gestuais e corporais de cada pessoa e seu jeito único, copiados ou criados conforme a maleabilidade de todo seu ser, deixando aflorar as metáforas exageradas, até as mais sedutoras e sutis.

...Pode-se dizer que um item lexical é criado em LS a partir de uma metonímia do referente. Nos exemplos ‘cavalo’, ‘coelho’ e ‘boi/vaca’, as partes do corpo – orelhas ou chifres – são escolhidas, prototipicamente, por muitas línguas de sinais para representar o referente, ou seja, para especificar o animal inteiro. Em síntese, os chifres – representação metonímica dos bovinos. O sinal que designa um boi é um ícone de chifre; chifre é

uma metonímia de boi; boi é uma metáfora de presidente em ASL (WILCOX, 2000, p.90); (FARIA,p. 181, 2006).

A metáfora envolve a linguagem e a cognição, buscando a quebra de um paradigma, nas mudanças quanto ao modo como a entenderam; questionando conceitos já consagrados, colocando em xeque todo um modo de pensar ocidental, filosófico e linguístico, tornando-se um dispositivo da imaginação poética.

Ela se faz presente em nosso cotidiano, permeia nossos pensamentos e ações e não se limita apenas ao ambiente linguístico, apresenta uma pesquisa extraída de protocolos verbais registrados em diversos contextos de interação formal e ou informal.

Conceitos metafóricos são aqueles que são compreendidos e estruturados não apenas em seus próprios termos, mas sim em termos de outros conceitos. Isso envolve a conceituar um tipo de objeto ou experiência diferente. (JOHNSON, P.195,1980)

Lakoff e Johnson nos mostram que as metáforas não devem ser repensadas apenas como uma figura de retórica, responsável pelos ornamentos da linguagem; na verdade o modo como pensamos, agimos e falamos, é uma questão essencialmente metafórica na LSB.



Figura 31: Metáfora da LSB: Parece que a pessoa quer entender melhor

Descrição: Este sinal subtende que a pessoa pega o olho e limpa na camisa, apresenta também sinais não manuais: boca, sobrancelhas e outros. Esclarecendo: quando a pessoa X explica algo para a pessoa Y e a pessoa Y pede para X repetir para ver melhor e, finalmente, entender.

Exemplo: ENCONTRAR PESSOA X EXPLICAR VER PESSOA Y FESTA, PESSOA Y NÃO ENTENDER PEDIR FALAR DE NOVO PESSOA X, PESSOA Y (OLHO LIMPAR OLHO) AGORA ENTENDER // Encontro com a pessoa X e ela me fala que viu a pessoa Y na festa, então faço o sinal acima, como para dizer: Como assim? Não entendi, diga de novo, não estou acreditando.



Figura 32: Metáfora da LSB: Estou folgado

Descrição: Este sinal acima lembra uma pessoa que não está preocupado, parece estar lixando as unhas, para dizer que está folgado, sem nada para fazer, ocioso. Sobressaem aqui as expressões não manuais, cara de felicidade, morfema-boca e outros. Esclarecendo: Quando a pessoa termina algo primeiro, faz este sinal acima, como para dizer que agora está livre da tarefa.

Exemplo: JÁ TERMINA PROVA RAPIDO, AGORA LIVRE. // Terminei minha prova logo, agora estou livre. (Parece estar zoando com quem ainda não terminou.)



Figura 33: Metáfora da LSB: Parece que está suando

Descrição: Sinal elaborado com os dois braços, um levantado, enquanto a outra mão em 9 e depois abre os dedos, como para mostrar que a camisa está pingando de suor, algo que a pessoa explicou muito e o outro continua sem entender e pede para a pessoa repetir a explicação. Aqui aparece os sinais não manuais, principalmente o morfema-boca.

Exemplo: PESSOA X EXPLICAR PESSOA Y FIM PERGUNTAR ENTENDER? PESSOA Y RESPONDER, NÃO ENTENDER, EXPLICAR DE NOVO. PESSOA X (SUANDO SUVACO). // A pessoa X explica algo à pessoa Y e no final pergunta: entendeu? A pessoa Y responde, não entendi, explique de novo. A pessoa X faz este sinal como para dizer: Estou suado de explicar, preste mais atenção, não aguento repetir outras vezes.



Figura 34: Metáfora da LSB: Parece estar colocando papinha na boca da pessoa

Descrição: Com uma mão em forma de prato e a outra parece pegando uma colher; ela parece pegar a comida para colocar na boca do outro – quando a outra pessoa fica batendo muito papo

Exemplo: PESSOA Y FALAR MUITO, PESSOA X(PAPAN) PESSOA Y. // O outro está falando muito, então ele dá papinha para ele se calar um pouco.



Figura 35: Metáfora da LSB: Parece que tem um livro na mente

Descrição: Parece que a pessoa está estudando um livro na mente, para lembrar algo; as duas mãos esplanadas passando uma pela outra em círculo, sobressaindo os olhos e o morfema-boca.

Exemplo: PESSOA X PERGUNTAR QUAL ANO GANHAR PRIMEIRA PRESIDENTA BRASIL? PESSOA Y(ESTUDAR CABEÇA). // A pessoa pergunta qual ano que foi eleita a primeira presidenta do Brasil foi eleita? Então, a outra pessoa faz o sinal acima como que para procurar a resposta num livro imaginário, como se dissesse, espere deixe eu estudar o livro da mente, ou me deixe pesquisar.

Os capítulos iniciais têm a intenção de melhor mostrar o que seja a metáfora, para que possam dar uma maior motivação, para que assim seja possível pensar melhor e ter uma diferenciada compreensão do que seja a metáfora e o seu papel na linguagem e na mente das pessoas que as usam, segundo os autores pesquisados, as metáforas são fundamentalmente conceituais, por natureza.

4. METODOLOGIA DE PESQUISA

Em consonância à metodologia de pesquisa exploratória Gil (2008) abordando diferentes aspectos das gírias e descritiva por léxico, realizada de maneira informal, englobando, levantamentos históricos e bibliográficos, entrevistas e estudos de caso, no intuito de abranger o tema como um todo, face sua dificuldade na elaboração dos conceitos, visto que o tema é de difícil abordagem perante a pouca explanação existente sobre o assunto. Podendo ser dividido em etapas, devem ser amplamente esclarecidos e delimitados quando a abrangência do tema, explicações estas passivas de revisão literária, discussão com especialistas entre outros procedimentos. Será aqui apresentado os procedimentos e aspectos léxicos na gíria da comunidade surda em Natal do Rio Grande do Norte, onde os dados que compõem o corpus de análise deste estudos, foram obtidos por meio de vídeos experimentais e percepções do povo surdos de Natal do Rio Grande do Norte onde utilizam as gírias, sob um quadro gerativista (CHOMSKY, 1957) “com a evolução dos estudos linguísticos, essas interpretações foram sendo aperfeiçoadas, abandonadas e até mesmo retomadas em função de novas descobertas científicas...” (p.44).

Desse modo, o sistema introspectivo do pesquisador aqui circunstanciado, engloba experiências, existência, vivência e significação própria da língua materna que é a LSB, sua convivência com a comunidade surda, especificamente pessoas jovens, onde os aspectos da gíria vem sendo absorvido, os significados apresentando sinais com diversificadas aparências conforme os gêneros dos surdos que a utilizam, dos sigilosos sinais na gíria, da percepção quanto a interpretação dos mesmos e promovendo na pesquisa como um todo o poder auto-reflexivo, realista, naturalista dos utentes da citada comunicação; a linguagem é mostrada sob a perspectiva na visão instrução linguístico, formando a comunicação dos surdos envolvidos nas suas gírias e processos de interfaces referentes a diversas comunidades, ação, fatores reais dos grupos sociais, minorias, que usam gírias e seus signos linguísticos (significante e significado) os quais apresentam-se conforme o entendimento da conversação com a pessoa surda, alcançando grande técnica na execução das gírias quanto as performances dos sinais; no ponto de vista da sociolinguísticas (LABOV,1960) defende suas variações esclarecendo que a maneira de falar de um povo está representada pelos usuários da mesma, conforme a comunicação e usos em contexto, seus domínios, diversas configurações na comunidade de fala, na motivação pragmática segundo Papi

(1996:89) “se situa no mesmo plano das estruturas mentais hipotéticas independentemente dos usos dessas estruturas em circunstâncias comunicativas ou interativas concretas” como a língua natural da comunidade surda interativas subjetividade de sujeito surdos conforme Wilson (2006, p. 88), acrescenta ainda:

Observando os fenômenos de variação e mudança linguísticas, as interações face a face (e de outros tipos) entre falante e ouvinte, as influências sociais e psicossociais na estrutura da língua, a ideologia e a construção subjetividade, os atos de fala no lugar de frases e sentenças verdadeiras e gramaticais, as implicaturas conversacionais, entre outros fatores. Dá-se relevo agora à fala ou ao discurso, e a noção de falante e ouvinte ideais é substituída pela de falante e ouvinte reais, ou seja, interlocutores inseridos num tempo e num espaço determinado.

Aproveito o ensejo faz-se ressaltar a importante contribuição da pesquisa de Capovilla para o dicionário Deit-Libras, visto que serviu para que fossem feitas comparações; nele encontrei significados e elaboração de sinais convencionais.

O método aqui utilizado foi a coleta de dados dos sinais no processo linguístico conforme Charles Fillmore (1992) que denominou “linguista poltrona” aquela pessoa que observa, faz anotações e filmagens e ao chegar em casa, senta na poltrona para repensar tudo o que foi vivenciado na referida pesquisa; seus sinais, fatores reais da comunidade surda de Natal-RN conforme o processo e métodos utilizados; onde podem ser exemplificados conforme as metodologias usadas, filmagens, notebook, vídeos convertidos para JPG, seguidos dos sinais ilustrativos, dissertativos e auto reflexivos, onde denotam que a gíria oferece seus pontos positivos na língua de sinais; até mesmo por serem considerados sociáveis sob o ponto de vista sociolinguístico da citada comunidade..

Norteados do discurso na percepção do espaço dos sinais; tem seus fatores reais adotados na comunidade surda, uso de Natal do Rio Grande do Norte adotando em seu processo de métodos onde utilizam nos exemplos o uso adequado e por vezes aleatórios dos sinais e assim a metodologia fica por conta da criatividade. Porém, ao referir-se ao auto reflexo do surdo, considerando ser LSB a sua língua primeira, ela se sobressai na perspectiva comunicativa, sob o ponto de vista do aspecto

sociolinguístico da comunidade surda e seu processo, conforme citado pelo autor Charles Fillmore (1992).



Figura 36: Metodologia de Pesquisa

O trabalho de gabinete consiste no levantamento de material bibliográfico relevante para o tema tratado pelo citado estudo – estes materiais são: textos, livros, vídeos, internet, rede social e entre outros. Esta etapa se faz relevante, pois será a base que servirá de suporte para o andamento das demais fases.

A etapa seguinte consiste em analisar a situação: vídeos que sinalizados em gírias e LSB os surdos utilizam, levando em consideração a existência de diversos sinais modo de língua sociolinguística na gíria em Natal do Rio Grande do Norte, na segunda etapa apresenta-se sua configuração em notebook e assim, utilizando o programa *FREE* é feita a conversão para JPG e os vídeos para 100 frames para as imagens JPG conforme estão em *PowerPoint 2010* sua formatação é elaborado editar “Remover plano de fundo” editar as imagens sinalizando-as em seguida é feita sua finalização experimental.

Na etapa final, será realizada a análise dos resultados: análise de fonologia e morfema-boca. Que se dará da seguinte forma: após a

interpretação da situação interfaces da língua em LSB e suas gírias serão apresentadas sob a feita a comprovação ótica da interpretação com uso na gíria na comunidade surda.

Seguidamente será com as coletas de dados. A proposta é mostrar uma possível interpretação da gíria das pessoas surdas, criando a consciência de que o uso da gíria faz-se presente no dia a dia da comunidade surda sem, no entanto sem perder informação na língua alvo.

Por motivo de o pesquisador ser surdo, também usuário da LSB, não temos foto das pessoas pesquisadas, não se viu obrigado a aqui relacionar quanto ao código de ética; no entanto, faz-se informar que seu comprometimento quanto a omissão de certos detalhes foram preservados, pois caso contrário, poderia provavelmente expor a comunidade a constrangimentos.

Comitê de ética formal não elaborado, motivo pelo qual, com o citado comitê, a pesquisa poderia incorrer na perda natural da natureza exploratória e espontânea da conversação dos surdos e suas gíria; seguir método de Fillmore (1992), pesquisa auto-reflexivo fazendo recurso nos procedimentos metodológicos. Assim, neste ato, autorizo o uso de minhas imagens aqui relacionadas nos respectivos sinais.

5. PRAGMÁTICA E A FUNÇÃO DA GÍRIA

O estudo descritivo lexical das gírias na forma como a comunidade os utiliza, apresenta duas diferentes tipologias (internas e externas) onde, conseqüentemente, têm a possibilidade de formar a comunicação durante o ato da fala; no entanto, aqui somente será melhor explanada as gírias externas e as internas. As gírias externas são absorvidas através da visão exterior das comunidades surdas, visões estas adquiridas pelos surdos, resolvendo problemas de interpretação na adequação da linguística conforme do autor Leech (1980, p.2)” O estudo da relação entre o significado ou o sentido da expressão linguística e a força comunicativa que ela tem entre falantes e ouvinte em dadas situações da enunciação.” Sua dificuldade com o entendimento deste significado das gírias, suas diversas concordâncias de diálogo entre situação informal do povo surdo, apresenta-se numa correlação de sinais expressos através do movimento das mãos e do corpo dependendo do contexto comunicativo a ser expressado.

Além disso, será abordado o significado de glossinais²⁶ na primeira língua dos surdos, dependendo do jeito de expressar, da situação pragmático na percepção do contexto dentro da interação e suas várias informações fragmentadas ou gravadas, normativamente apresentada sob restrições, por exemplo, de costumes, de aptidões caracterizadas, conforme o autor:

A negociação significa que, dentro da indexicalidade da língua, o uso real pode sempre variar em contexto ou ocasiões diferentes; variações podem surgir porque participantes localizam e elaboram detalhes específicos diferentemente com base na informação oral, visual ou auditiva, na informação biográfica e uma elaboração reflexiva de sua própria memória ou procedimentos cognitivos gerais. (CICOUREL, p. 113)

Será feita demonstração dos exemplos das gírias para amplo entendimento, ressaltando a forma descritivos dos sinais, tentando

²⁶ Autores como Ana Regina Campello e Nelson Pimenta de Castro (2013) criaram novo termo. Glossinais significa a tradução intralingual, interpretação da língua dos surdos em Língua de Sinais para Língua de Sinais em contato com a mesma língua.

abordar a metodologia de Stokoe (1960) na estrutura dos sinais, nas descrições forma, sistema de comunicação, onde não é configurado gesto e sim, uma perspectiva na sociolinguística das gírias segundo Labov (1964), assim falar sobre as variantes na estrutura dos modelos, aspectos de linguístico sócio interacionais.

5.1. Gírias internas

Quanto aos estudos das gírias internas, usadas pelos surdos, estas se caracterizam pelo uso sigiloso e sutil do eufemismo, principalmente quando se referem a assuntos mais intensos, palavrões, humor, sinais ocultos, onde espalham estes sinais para outros surdos da sua comunidade, no caso aqui especificado: Natal-RN, sendo que estes diversos sinais das gírias apresentam-se resumidos, às vezes abreviados, conforme a criação de outros sinais, às vezes com outros sentidos na construção da pragmática, no processo de compreensão da comunidade surda; assim estes grupos sociais independem de idade, cor, raças, opção sexual, classes sociais ou escolaridade.

Do ponto de vista pesquisado, o que torna esta pesquisa mais interessante, é no que tange a linguística da LSB, onde será ressaltado um fato inovador e importante, onde esta nova cultura desponta com suas gírias, fazendo-se necessário seu renovado processo de evolução para que ela possa desenvolver em toda sua graça e beleza.

No que tocante aos conhecimentos linguístico em LSB, ressaltaremos um fato admirável, é que esta alocação cultural, esteja tornando-se tão imperativa, que ela venha a expandir-se entre muitos povos de todas as gerações, incidindo assim, a necessidade de tradução em Língua de Sinais na TV ou em outras hipóteses, legenda de jornais e filmes, para um melhor entendimento ao povo surdo.

E assim, existem uns determinados termos usados por diferentes comunidades que usam seus próprios sinais: Podemos citar grupos: de associações, escolaridades, meio, classe social, onde temos o léxico compoendo a língua, retratando as mudanças e as variações linguísticas; refletindo então, as transformações sociais, no dia a dia, nas conversas rotineiras, em grupos de amigos ou em diversas regiões e assim, este tão peculiar modo de falar do povo surdo, varia conforme a situação e o povo que estão a se comunicar.

Fazendo uma comparação entre o entendimento das pessoas, será aqui relatado o caso do “Cine Holliúdy” (2013) que apresenta peças inusitadas com situações relatadas em forma de gíria especialmente

usada no estado do Ceará. Eles usam um linguajar regionalizado e assim as pessoas de outros estados que passam por lá e assistem seus filmes, elaborados na gíria do nordestino, tendo sua pronúncia diferente pelo regionalismo do povo, onde muitas palavras têm duplo sentido, estas pessoas podem assim dizer, ficam a ver navios (Metáfora) pois não conseguem adaptar a palavra em gírias no contexto da situação, onde no caso de quem conhece a citada gíria dita, entender o real palavreado no contexto às vezes engraçado e quem não conhece, pode ser que até ache sem graça o desenrolar do filme.

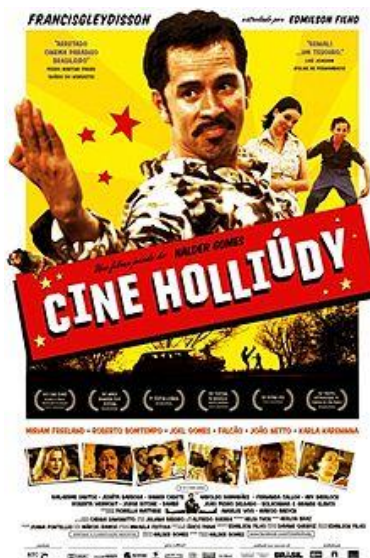


Figura 37: Cartaz "Cine Holliúdy"

Fonte: Wikipedia.

Sinopse da história do Cine Holliúdy:

Interior do Ceará, década de 1970, no período em que a popularização do cinema na TV começava a ser ameaçada nas pequenas cidades, as pessoas da região começaram a desfrutar de um bem ainda não conhecido, porém, o televisor afastou as pessoas dos cinemas. Francis Gleydisson (Edmilson Filho) lutou para manter viva a paixão pela sétima arte (o cinema), com criatividade e o

humor cearense. Ele é o proprietário do Cine Holiúdy, um pequeno cinema da cidade que tem a difícil missão de se manter vivo como opção de entretenimento.²⁷

Visualizando as diferentes denominações, podemos fazer um paralelo ao que pensava Bertland Russel, pois o mesmo defendia uma língua que não possuísse nenhuma parte confusa e incerta, onde para ele, as frases possuíam vida própria; onde todos deveriam ter a condição de entender todas as palavras, como não é no caso do uso das gírias, pois estas não permitem que isto seja realizado.

Contrapondo Russel, temos Ludwing Wittgensten e seus jogos de linguagem, com palavras fora de sentido, com sentido denotativo. Um exemplo disso é a palavra boca, quando ela é usada como gíria (isto é, num jogo linguagem, ou o que John Searle chama de breakdown) significando local onde são vendidas drogas ilícitas (boca de fumo), conforme Preti, 1984 “O aparecimento da gíria, como fenômeno de grupo restrito é uma decorrência dessa dinâmica social e linguística.”

Podemos ressaltar este tema diretamente na vida dos surdos, quando fala em grupo restrito; língua esta que muito tempo teve sua concepção decepada pelo autoritarismo ilógico, irracional, de pessoas que não sabiam o que era a originalidade de seus pensamentos, trancados pelo falta de que os entendesse e de se fazerem entender em sua plenitude, conforme sua diferente forma lexical de comunicação, seu linguajar elaborado pelas mãos, em consonância com as expressões faciais e seus balbucios, muitas vezes chamativo da atenção do ouvinte.

É difícil expressar o sentimento do outro, quando se está inserido no mesmo contexto conceptual. E assim, os surdos continuam sua luta em direção à difusão de sua diferentes família e/ou classes sociais, aparecendo como agente diferencial da comunicação surdo/surdo; surdo/ouvinte, no intuito de jamais perderem a oportunidade de marcarem presença em todo e qualquer grupo aberto a acolhê-los, visto que são pessoas normais e pensantes como os ouvinte e que sua gíria reflete o conteúdo emblemático de sua comunicação, tanto no sentido lógico, quanto no sentido atual do contexto do seu dinâmico grupo que acompanha e evolução do tempo, fazendo-se modificar em suas estruturas do contexto de locação, adquirindo variações, conforme cita

²⁷ In: Wikipedia. Disponível em:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Cine_Holli%C3%BAdy

Preti (1984, p. 11) “Essas variações lexicais estão ligadas aos *dialetos sociais* (variações sócio-culturais da linguagem) e são empregadas para nomear atividades específicas, ou como recursos expressivos.”

Nota-se que esta citação acima parece estar diretamente relacionada à LSB, com seu dinâmico povo a relacionar-se com pessoas de diferentes classe, de diferentes cidades, onde o ir e vir de novos sinais acabam se infiltrando na cultura do grupo através do celular, dos jornais e da TV. Esta difusão, faz tornar popular em todo seu fenômeno linguístico, metafórico e popular do povo surdo, inovando em sua comunicação novos sinais adquiridos conforme observações feitas a partir de seu contexto locativo e comunicativo lexical.

Na comunidade surda em Natal - Rio Grande do Norte são utilizados diversos sinais em gírias, abaixo exemplificados e esclarecidos:

Sinal elaborado com uma mão formando o número zero na altura do queixo e fazendo um movimento para cima e para baixo, juntamente à expressão facial e ao morfema-boca fazendo ressaltar a ironia no sinal.



Figura 38: Gíria: ahh (ironia)

Video original: <<https://www.youtube.com/watch?v=Vr-zMtvdog>>

Descrição: Forma irônica de responder algo, como dizendo; nada a ver isso; pergunta sem sentido, irrelevante;

Exemplo: PESSOA X ENCONTRAR AMIGA Y
 PERGUNTAR: “VOCÊ GRAVIDA?” AMIGA Y RESPONDER (AH IRONICO) EXAGERAR PERGUNTA, SEM GRAÇA. //
 Quando a pessoa X encontra a amiga Y e pergunta: “Ei, você está grávida?” A moça Y responde fazendo o sinal acima como dizendo: Ahh! Que exagerado, pergunta sem sentido, sem graça.

Sinal configurado pela junção de 3 movimentos distintos associados; onde o 1 apresenta a mão em número zero para cima e para baixo; o 2; a letra D apontando para o interlocutor e o 3 as mãos em A com o dedo indicador abrindo um pouco fazendo movimentos na altura do ombro, para direita e esquerda; em junção a estes movimentos estão as expressões faciais e o morfema-boca auxiliando e reforçando o sentido do que está sendo dito.



Figura 39: Gíria: 'ah, não faz isso comigo, tu é malvado!'

Video original: < <https://www.youtube.com/watch?v=eYRU3Osgxc> >

Descrição: Sinal configurado para informar que a ação incomoda o outro. (Exemplo 1) A pessoa X estava contando uma longa história e a pessoa Y não estava prestando atenção, (parece flutuando) distraído, e incomodado pela história desinteressante, Y faz o sinal citado na figura 39.

Exemplo: FILMAR. PARTICIPANTE Y DESTRAIR NÃO PERCEBER GRAVAR PERGUNTAR PARA O CÂMERA X: GRAVAR JÁ COMEÇAR? CÂMERA X RESPONDER: SIM!

PARTICIPANTE Y (FAZ O SINAL FIGURA 39) PORQUE VOCÊ NÃO ME AVISAR! SE ACONTECER ERRAR VOCÊ CULPAR X DEVER TER INFORMAR ANTES FILMAR, CHAMAR ATENÇÃO Y PORQUE ESTAVA DISTRAIR NÃO VER COMEÇAR FILMAR.

// Em uma filmagem, um dos participantes Y num momento de distração não percebeu a gravação e pergunta para o câmera X: A gravação já foi iniciada? Então o câmera X respondeu: Sim!

Assim o participante Y faz o sinal da figura 39 como dizendo, ah, porque você não me avisou! Se algo der errado você é o culpado X deveria ter informado antes de filmar, chamado a atenção de Y, pois este estava distraído e não viu o início das filmagens.



Figura 40: Ah, valeu! (irônico)

Video original: < <https://www.youtube.com/watch?v=28ZNtIkyp4M> >

Descrição: Aconteceu algo e a pessoa X não contou de forma imediata a pessoa Y, deixando Y pensar que X não se importou com Y (como se X tivesse desconsiderado ou esquecido Y).

Sinal configurado pela junção de 2 movimento manuais e 3 expressões faciais diferentes principalmente pelo morfema boca.

Iniciando, 1 mão em configuração o número um apontando para o interlocutor, em seguida e 3 a mesma com mão configuração da letra a como se estivesse batendo no peito, para cima e para baixo, ao mesmo tempo a expressão facial e suas mudanças conforme as figuras 1, 2 e 3 mostrando em evidência o morfema boa em suas transformações.

Exemplo: PESSOA X ONTEM FESTA, ESQUECER CONVIDAR. PESSOA Y RESPONDER (SINAL FIGURA 40). // A pessoa X fala: Ontem fizemos uma festa, esqueci de convidá-la. A pessoa Y responde fazendo o sinal da figura 40, como se dissesse: Ah! Valeu (irônica).

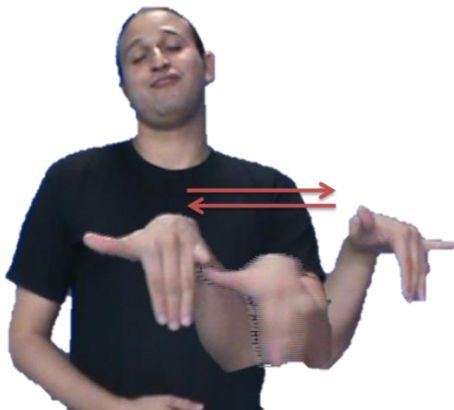


Figura 41: Gíria: Fica tranquilo! Relaxa!

Video original: < <https://www.youtube.com/watch?v=YaGkfsQli8g> >

Descrição: A pessoa está tentando transmitir tranquilidade para o outro, é como se dissesse: calma! relaxe! Fica tranquilo!

Mão espalmada e dedos anelar, médio e indicador virando para baixo, movimenta este sinal para direita e esquerda umas 3 vezes e em conexão apresenta-se os sinais faciais seguidos no morfema-boca compondo a elaboração dos sinais.

Exemplo: GRUPO VAI BAR, PEDIR CONTA, AMIGO FALAR NÃO TEM DINHEIRO AJUDAR PAGAR, OUTRO AMIGO (FAZ SINAL FIGURA 41). // Uns grupos de pessoas vão ao bar, ao pedir a conta, um deles comenta que não tem dinheiro para ajudar nas despesas, então o outro faz o sinal da figura 41 como dizendo: Calma! Relaxe! E falo, eu pago sua parte também.



Figura 42: Gíria: De novo?! (repetição de informação)
 Video original: < <https://www.youtube.com/watch?v=iVCvHwvkteM> >

Descrição: A pessoa X conta uma história diversas vezes, então a pessoa Y faz o sinal da figura 32, como se dissesse, você já contou isto!

Sinal elaborado numa sequência da expressão manual e facial, onde mão com letra em d e dedo indicador flexionado e colocando na ponta do nariz vai subindo do morfema-boca como que prendendo o ar e em seguida soltando o ar numa expressão de cansado.

Exemplo: PESSOA X FALAR PESSOA Y SOBRE HISTÓRIA DE NOVO PESSOA Y (FAZ SINAL FIGURA 42). // A pessoa X fala algo à pessoa Y sobre alguma história inusitada logo em seguida conta de novo, então a pessoa Y faz o sinal da figura 42 como se dissesse: de novo? Você já me falou isso!



Figura 43: Gíria: Não dá! Impossível!
 Video original: < https://www.youtube.com/watch?v=fKVfB_WCARM >

Descrição: A pessoa não consegue fazer algo, impossível ou não tem coragem.

Sinal elaborado com a mão em sinal de 3 e em seguida contrai os dedos médio e indicador batendo no dedo polegar e junção pode-se observar as expressões faciais seguidas pelo morfema-boca como se estivesse soprando e torcendo o rosto.

Exemplo: PESSOA X TENTAR CALMAR PESSOA Y, PESSOA Y RESPONDER (SINAL FIGURA 43). // A pessoa X tenta acalmar a pessoa Y, a pessoa Y responde com o sinal da figura 43, como se dissesse: impossível ficar calmo, não dá!



Figura 44: Gíria: Vai ter que ir mesmo!

Video original: < https://www.youtube.com/watch?v=bhPI_9UNH58 >

Descrição: Configura que está obrigando a pessoa ir algum lugar ou que o outro tem a obrigação de participar ou exigir algo de alguma forma.

Sinal elaborado com a ajuda das duas mãos, onde uma não fica espalmada e a outra em sinal da letra D com o dedo indicador contraído e batendo na mão que está espalmada; juntamente ao sinal manual, segue as expressões faciais com movimento de cabeça para direita e para esquerda e do morfema-boca contraindo os lábios.

Exemplo: PESSOA X VAI FESTA CHAMAR PESSOA Y, PESSOA FALAR NÃO VAI PESSOA X (SINAL FIGURA 44). // A pessoa X vai para a festa e chama a pessoa Y, só que a pessoa Y diz que não vai, então a pessoa X faz o sinal da figura 44 como dizendo: você vai ter que ir mesmo!



Figura 45: Gíria: Concordo! (animado)

Descrição: Configura o poder de persuasão.

Sinal elaborado juntando os dedos polegar e mínimo na altura da cintura e numa sequência de baixo para cima unindo os 5 dedos, ao mesmo tempo pode-se observar a expressão facial fechando os olhos, seguida pelo morfema-boca numa expressão de bico, o sugando o ar.

Exemplo: PESSOA X CONVIDAR PESSOA Y DORMIR MINHA CASA, PESSOA Y RESPONDER NÃO PODER IR PORQUE TEM MARCAR; PESSOA Y FALAR SÓ HOJE, PESSOA Y RESOLVER VAI DORMIR CASA X, PESSOA X (FAZ SINAL FIGURA 45). // A pessoa X convida a pessoa Y para dormir na casa dele, a pessoa Y responde que não pode ir porque tem compromisso; a pessoa X diz: só hoje, (tentando persuadi-lo) por favor, então a pessoa Y resolve, vai mesmo dormir na casa de X, então a pessoa X faz o sinal da figura 45, como se dissesse: Fechou.

Será esplanada aqui, uma breve citação no que se refere a conceito da gíria, conforme: Gramática de Matoso Câmara (*apud* FILOLOGIA,2003) abordam que:

Gíria como sendo vocábulo parasita de um grupo com preocupação de distinguir-se da grande comunidade falante. Este estudioso inclui a linguagem profissional dentro da gíria mas, como aquela é usada por uma classe “culta, ela não tem

“qualquer intenção de chiste ou petulância, que caracterize a gíria de classes populares.

A citação acima explanada ressalta: a gíria que permeia os diferentes espaços dos segmentos trabalhistas conforme suas necessidades, nomeando objetos ou ações num linguajar coerente às suas necessidades e como o autor fala, ela está longe de chegar às classes populares, não que estas a denegrem seu neologismo, ou sua nomeação, mas sim, pelo fato de que esta nomenclatura somente está relacionada aos segmentos a que pertencem; não se padronizariam no curricular mundo social das pessoas.

Referindo-se às gírias internas podemos associá-la às pessoas e seus próprios grupos onde através de suas interações e/ou nível social criam diferentes sinais e passam a usá-lo no seu convívio e assim, podemos caracterizar como sendo uma situação na pragmático envolvendo ação-prática-ação num processo convencional dos sinais das gírias.

Assim sendo, fazendo uma breve explanação, estas geralmente tomam corporificação dentro do grupo que a usa, com seu jeito sigiloso e movimentos rápidos, pois quem está de fora, olha e talvez nem entenda seu real significado, porque às vezes a gíria pode até mostra um significado e sendo que real que dizer outra coisa bem diferente, somente assimilada pelas partes componentes do diálogo.

5.2. Gírias externas

A gíria externa gira em torno de dois tipos de empréstimo linguístico; um dos usuários da comunidade ouvinte e outro da própria comunidade surda, onde estão sempre a utilizar uma forma de comunicação mais despojada, menos técnica; termos do dia a dia do povo. Podemos citar como exemplo da gíria falada, os termos: OUXI, VIXE além de outros aspectos da língua oral, termos estes próprios das comunidades ouvintes, onde os surdos aproveitam estes contextos e passam a adaptá-los em seus vocabulários, transformados para a língua de sinais, perante o qual possam a ter possibilidade de se enquadrarem frente a diversidade de palavras existentes no vocabulário da língua portuguesa.

Assim adaptadas, as palavras através da contextualização dos sinais no processo de interação e organização dos aspectos linguísticos, estão embutidas através da influência de outros estados, contudo,

adquirem diferentes palavras novas, advindas da gíria de outros estados e até mesmo de outros países; aos outros estados em consequência da integração das associações dos surdos do Nordeste, e assim; aproveitamos este empréstimo linguístico, ressaltando as necessidades de inovações que a língua ilustra através do seu povo inovador, que traz os dialetos usados pela maioria das pessoas, onde vez por outra traz em seus conhecimentos a gíria adquirida através do contato externo .

O acervo lexical de todas as línguas vivas se renova. Enquanto algumas palavras deixam de ser utilizadas e tornam-se arcaicas,... outras são criadas pelo falantes de uma comunidades linguística... este processo chama-se NEOLOGIA... e à nova palavra é denominada de NEOLOGISMO... (ALVES,1990, p.5)

Trazendo este perfil para a LSB pode-se perceber a semelhança no contexto, da elaboração de novos sinais, como também nas mudanças dos sinais existente e na sua composição semântica e sintática da palavra ou de sua derivação espontânea onde refaz-se num processo tradutório, e derivacional do estrangeirismo no empréstimo linguístico advindo de pessoas que circulam em espaços diversificados. Estas pessoas tanto levam, quanto trazem os perfis tradutórios dos usuários da LSB e assim, enquanto um grupo está levando seu conhecimento para fora da comunidade, ao mesmo tempo está adquirindo e trazendo novos sinais para serem adaptadas no contexto comunicativo das pessoas envolvidas.



Figura 46: Gíria externa: 007 (esperto)

Video original: < <https://www.youtube.com/watch?v=-zZYyEWOOrOQ> >

Descrição: A pessoa é esperta, sagaz, astuciosa .

A percepção que os ouvintes podem ter é referente ao agente secreto e neste é a sentido mesma situação do contexto da comunidade surda, aspectos de esperto.

Sinal que configura os números zero, zero, sete, elaborados em frente ao peito, reforçado pela expressão facial em conexão ao morfema-boca configurado pelos lábios inicialmente contraídos e posteriormente soltando o lábio inferior soltando o ar.

Exemplo:

– PESSOA X: IX NÃO SABER COMO EVITAR POLICIA BLITZ.

– PESSOA Y: CONHECER ESTRATERGIA EVITAR

– PESSOA X: VIXE! VOCÊ (SINAL 007)

// Pessoa X: Eu não sei como evitar a Blitz Policial

Pessoa Y: Ah! Eu conheço caminhos estratégicos para evitá-los.

Pessoa X: Vixe! Você (sinal de esperto)



Figura 47: Gíria externa: Oxe!

Video original: < <https://www.youtube.com/watch?v=LYhXxbDTJ98> >

Descrição: A pessoa está muito surpresa. O sinal revela o aproveitamento da mesma palavra da língua portuguesa para a gíria em LSB, o sinal mostra soletração (na datilologia) conforme a abreviação da palavra configurando-se em empréstimo linguístico, conforme uso da língua dos ouvintes, os surdos fazem esta adaptação e empregam o uso de certos dialetos em sua conversação.

Sinal configurado datilologicamente conforme as letras OX, juntamente às expressões faciais e o morfema-boca que perceptualmente

inicia com os lábios fechados e termina com os lábios abertos como se falasse *Thi*.

Exemplo:

– PESSOA X: HORAS VOCÊ VEM IX(SI) CASA?

– PESSOA Y: 7 HORAS NOITE

– PESSOA X: ESPERAR AMIGO (PESSOA Y) CHEGAR 7 HORAS NOITE, PESSOA Y CHEGAR ANTES, PESSOA X VER SUSTO CHEGAR CEDO AMIGO X (FAZ SINAL OX) CHEGOU CEDO? PENSAR VOCÊ CHEGAR DEPOIS SI(dem) CASA.

// Pessoa X: Que horas você vem na minha casa?

Pessoa Y: Às 19hs

Pessoa X: Esperando o amigo (Pessoa Y) chegar às 19 horas, no entanto a pessoa Y antes, às 18h, então a pessoa X fica muito surpreso com a antecipação da chegada do amigo e faz o sinal “OXE” já está aqui? Pensei que fosse chegar mais tarde aqui em casa.



Figura 48: Gíria Externa: Vixe (admiração)

Video original: < <https://youtu.be/5yQ7h-2Mmz0> >

Descrição: Gíria com sentido de espanto, surpresa, e também no sentido da palavra “Eita!” estas palavras são termos próprios usados pelos ouvintes, sendo que os surdos aproveitam os empréstimos linguísticos do português, por ser sua segunda língua.

Sinal elaborado com os braços cruzados, ressaltando, principalmente as diferentes expressões faciais, com a cabeça

levantando e baixando, seguidas pelo morfema-boca apresentado com os lábios presos.

Exemplo: PESSOA X EXPLICAR AMIGO BATER CL(carro-arvore); PESSOA Y (Sinal gíria Vixe Morfema-boca). //A pessoa X conta para a pessoa Y que seu amigo acabou com o carro batendo numa arvore; a pessoa Y faz (sinal gíria Vixe morfema-boca) quer dizer horrorizada.

Os sinais externos são adquiridos através de situações percebidas e rapidamente adquiridas através dos fatos sociais, dos eventos das associações. Desse modo, a LSB absorve novos sinais das gírias onde as pessoas mostram nas relações, sua instrução e/ou tradução cultural, adaptando estas percepções sob a ótica dos sinais; como também se apropriando da língua portuguesa, onde os surdos usam como segunda língua; assimilando novos conhecimentos através do convívio e assim, seu contato, com as abreviações na língua envolvida pela mídia, internet, amigos e grupos sociais, entram nos sinais como instrumento pragmáticos dos sinais.

5.3. Tipologia das Gírias

As averiguações referentes às pesquisas das gírias alusivas ao povo de Natal/RN, estão focada numa área com novos estudos e seu uso em contexto, abrangendo novas gírias e suas mudanças na sociolinguística. Existe o dicionário Norte rio-grandense, onde é exposto vasto linguajar usado nas gírias entre as pessoas da comunidade ouvinte. Podendo citar como exemplo *Calepino Potiguar* (1980), de autoria de Raimundo Nonato, nascido em Mossoró/RN.

A gíria, enquanto Língua de Sinais, tem seu campo aberto às novas pesquisas. No que diz respeito ao povo surdos, em toda sua estrutura sinalizada, visto que é um assunto a ser desbravado.

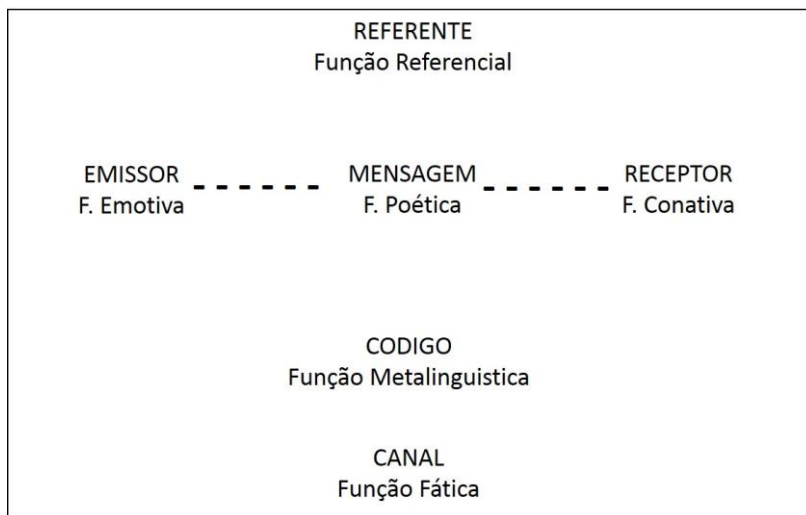
Assim, sem fazer aprofundamento sobre os diferentes tipos de gírias, é aqui ressaltada a importância de explicar que toda gíria tem a marca do falar do seu povo.

5.3.1 Gírias (uso no contexto)

Conforme estudo de Jakobson (1971) que expõe um debate quanto a função da linguagem; seu uso na conversação, noção,

“contexto”, repente adequado, onde os dados têm referência biossocial, onde podem estar englobadas num contexto social, circulando em nossa vida e ao mesmo tempo estão em ênfase no contexto comunicativo. Estas mensagens devem ser de cunho claro e objetivo a quem se destinar, no intuito de concluírem seus pensamentos. Neste contexto, Jakobson (1971) observou seis elementos funcionais para uma boa comunicação aqui abaixo relacionados:

1. *Função Referencial ou Denotativa:* É a difusão do conhecimento do remetente ao destinatário, com intenção uma ansiedade em prestar conhecimentos alusivos a pessoas, objetos ou acontecimentos e assim, pode ser citado como exemplo os jornais.
2. *Função Emotiva ou Expressiva:* Esta torna-se fator preponderante na transmissão de uma mensagem, onde o emissor passa sua emoção cogitada na implicação com a ocorrência. Exemplo: Telefone para surdos em toda repartição comunitária.
3. *Função Conativa ou Apelativa:* Atua no intuito de entusiasmar o desempenho do destinatário; podemos apresentar como exemplo a propaganda, que tem o desempenho de satisfazer os indivíduos de uma sociedade estimulando-os a adquirirem certo produto, consagrar seu voto a certo político entre outros; recursos de cores ou imagens, chamando atenção de crianças.
4. *Função Fática:* Incide na iniciação, ampliação ou consumação de uma conversação, atraindo a atenção de para quem está sendo recebida a mensagem. Em relação ao fato que está acontecendo e conversado através do telefone.
5. *Função Metalinguística:* Função em que predominam os enunciados em que o código ou parte dele se constitui objeto de descrição; podendo citar como exemplo os verbetes dos dicionários e suas elucidações; os livros e outros que venham definir ou explicar algo da língua portuguesa.
6. *Função Poética:* Predominam os enunciados cuja mensagem está geralmente centrada em si; usando figuras de linguagens, metáfora, palavra: sentimentais entre outras formas.



Quadro 7: Construção da Linguagem segundo Kadota (2009)

Relacionando o quadro acima com a gíria, pode ser classificada a mensagem propriamente dita falada em LSB e assim representada pela arte da gíria.

Kadota (2009), ao estudar o processo na comunicação da língua em construção da linguagem, os contextos socioculturais em que ela apresenta os são elementos básicos, e, muitas vezes, determinantes de suas variações, explicando e justificando fatos que apenas linguisticamente seriam difíceis ou até impossíveis de serem determinados e assim, a gíria em LSB apesar de ser uma maneira não formal da comunicação, a mesma contém o contexto sociocultural do povo surdo, onde apresentam todos os mesmo elementos básicos no contexto determinante da comunicação expressando a veia poética através do contexto corporal e facial utilizado pelos sinais.

No caso específico do léxico, esta afirmação é ainda mais verdadeira pois toda a visão de mundo, a ideologia, os sistemas de valores e as práticas socioculturais das comunidades humanas são refletidos em seu léxico. Segundo Barbosa (1992) o léxico representa, por certo, o espaço privilegiado desse processo de produção, acumulação, transformação e diferenciação desses sistemas de valores.

Para apreender, compreender, descrever e explicar a “visão de mundo” de um grupo sócio-linguístico-cultural, faz-se necessário que o

objeto de estudo principal seja as unidades lexicais e suas relações em contextos.

Parte-se da premissa de que as variantes regionais, no caso, as nordestinas aqui analisadas, são direcionadas para um olhar na perspectiva cultural desses falares, podendo ser observadas conforme a linguagem utilizada nestas variações, onde sua marca maior aponta os aspectos socioculturais que revestem estas concretizações.

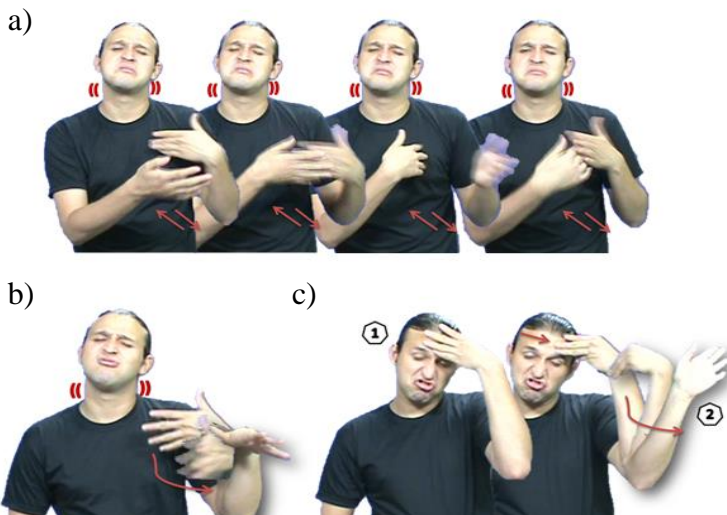


Figura 49: Uso em contexto: (a) Deixe pra lá, (b) Nem ligo, (c) Não tem problema

Videos originais:

< <https://www.youtube.com/watch?v=cWmCkQCcG5A> >

< <https://www.youtube.com/watch?v=xBOCm2VrmU4> >

< https://www.youtube.com/watch?v=wPo66H_ec9g >

Descrição: São três sinais diferentes para um mesmo sentido:

(a) “deixe pra lá”- esta configura a linguagem dos gest, também usada pelos ouvintes, chama-se emblema este movimento de contato com as duas mãos, dando ênfase ao contexto facial, ressaltando que na conversação dos surdos estes fatores são preponderantes no envolvimento da comunicação, num contexto facilitador da mensagem.

Sinal realizado com as duas mãos, esplanadas, passando uma pela outra, na altura do peito, num movimento enquanto uma vai para frente a

outra vem para trás e sobressaindo a expressão facial e o morfema-boca apresentado, lábios presos, ligeiramente caídos no canto da boca e mostrando o lábio inferior em protuberância.

(b) “nem ligo”- O sinal de “deixa pra lá” ou “deixe assim mesmo”, necessitam que sejam empregados conforme o contexto do diálogo, dando ênfase ao morfema-boca “Che” e seu movimento configura “nem ligo”, assim devem ser usados conforme o contexto da situação, sendo que o movimento da boca está incorporado na conversação, durante o momento que acontece a CM, e este deslocamento locativo da mão é também uma forma de mudança fonológica.

Sinal realizado com uma mão espalmada na altura do ombro, elaborando um movimento para frente, como se estivesse afastando algo, em junção está a expressão facial com o rosto ligeiramente olhando para cima, com os olhos fechados e dando ênfase, ao morfema-boca com os lábios presos no canto externo e o lábio inferior para frente.

(c) este sinal não tem problema, em gíria configura que a pessoa não se importa com o que aconteceu, porém, ele pode ser confundido com a configuração de mão do sinal “Esquecer” por ter a mesma CM, no entanto, que sua abertura configura-se para fora, que quer dizer “deixe pra lá, esqueça isso!”; e assim são utilizados, conforme a situação e contexto no momento da interação com a outra pessoa; esta gíria interna, evidencia o morfema-boca “Che”, onde percebemos nas figuras distintas acima apresentadas, no entanto apresentam-se com sinais de diferentes combinações quanto a fonologia e localização.

Sinal elaborado somente com uma mão em forma da letra “B” imitando o sinal esquecer, elaborado na testa; seguido da expressão facial e em junção ao morfema-boca, apresenta-se os lábios abertos como que dizendo “che”.



Figura 50: Uso em contexto: Vergonha (sinal e gíria)

Videos originais:

< <https://www.youtube.com/watch?v=Ygu6Yy4-9q0> >

< <https://www.youtube.com/watch?v=IfL3A7BKj74> >

Descrição: Dois sinais com configurações diferentes, que expressam a mesma palavra vergonha.

(a) Utilizando as duas mãos nas laterais do rosto, formato o número 5 com movimento, de baixo para cima do rosto e prendendo os lábios.

(b) mão configurando a letra C sendo que o dedo polegar fica por fora do rosto, e passando o dorso do dedos na face, com movimento de baixo para cima e pronunciando o morfema-boca “pow”.

Estes sinais utilizados são usados em diferentes situações e divergem quanto: sinalização não-manual, fonologia; CM e L, só que o mesmo apresenta movimento utilizado conforme diferentes contextos, configurando um mesmo significado em contexto diversificado: (a) situação em que fica encabulado ou que está com vergonha, sinal com pluralidade; (b) ficou com vergonha na hora, numa situação onde demonstra que a pessoa não esperava tal coisa acontecer; a interpretação pode ser confundida conforme a figura (b) sinal parecido com o de “safado”, podemos perceber o morfema-boca mostrando a palavra POW, numa situação constrangedora pelo que aconteceu.



Figura 51: Uso em contexto: Sem palavras.

Vídeos originais:

< <https://www.youtube.com/watch?v=mLaiunhIiMg> >

< <https://www.youtube.com/watch?v=hGNJWV363II> >

Elaboração do sinal:

(a) Discriminação: com um mão formado a letra “V” bate no pescoço e em consequência, apresenta-se a expressão facial com o morfema-boca mostrando a língua para fora.

(b) Mão configurando o número 4 com os dedos separados, fazendo meio arco na altura do ombro para o peito e em seguida, fazendo movimento transversal voltando para cima, próximo a orelha, em sequência pode-se observar a expressão facial e o morfema-boca com os lábios abertos.

Esses sinais são difíceis de serem interpretados por quem está só a observar, por motivo de sua complexidade na elaboração; podemos ver no primeiro sinal como se a pessoa fosse defender outra, nesse sentido a pessoa ficou calada, sem palavras. O segundo sinal representa uma pessoa quando fica sem palavras, e representa em sua pluralidade as diferenças quanto a CM e L; primeiramente com o sinal perpassando pelo pescoço e segundo com a localização neutra, num diferente contexto do momento, que podem ser realizados para explicar brigas, defender, convencer, etc. dependendo do momento, da situação e ou do humor conforme seu uso em contexto.



Figura 52: Uso em contexto: Sacrifício (sinal e gíria)

Videos originais:

< <https://www.youtube.com/watch?v=L4xKf6Ku57k> >

< https://www.youtube.com/watch?v=8I6R_NCpt3I >

Elaboração do sinal:

(a) Mão fechada configurando o número “um” na altura do nariz à boca e de um lado ao outro fazendo o sinal da cruz, em junção está a expressão facial com a boca fechada.

(b) Mão espalmada elaborando o sinal da cruz do nariz ao peito e da um lado ao outro do ombro; sua expressão facial difere do anterior, este mostra em evidência o morfema-boca emitindo o saíu “th” e colocando a língua para fora.

Descrição: Configuração de sinal onde remete a “sacrifício”, padronização esta, pela influência religiosa. A imagem (a) constitui-se na elaboração de uma cruz com a mão fechada, do nariz à boca; já a imagem (b) que também configura sacrifício, formando uma cruz do nariz ao peito, este com a mão aberta, e localização diferente, onde remete a expressão “ai, eu aguento mesmo”; os dois sinais são semelhantes só que a diferença está no morfema-boca; onde na primeira a boca fica fechada e faz-se sinal da cruz, dando ênfase não-manual, e a segunda mostra “th” boca + língua para fora, onde demonstra que a

peessoa vai ter muito trabalho, sentindo que pode suportar mais, suar muito, se esforçar para que a interpretação transmita sua mensagem de forma a expressar sua comunicação ou situação dependendo do dialogo serio ou com humor.

5.3.2. Sinais Novos

É perceptível as diversas mudanças na sociedade quando o assunto é a gíria e este enriquecimento também se sobressai na evolução da língua, visto que toda língua sofre suas mudanças culturais com a chegada de novas palavras e gírias que se incorporam em seu cotidiano. A língua como fator social vai adaptando-se dependendo das necessidades do grupo inerentes a cada região do país. Evidencia-se também a entrada de novos sinais quanto a evolução do turismo, tanto de quem entra, quanto de que sai e voltar trazendo novidades na propagação de novos sinais.

5.3.3. Sinais novos e Neologismo

Em se tratando de novas palavras, conforme Carvalho (1987), pude ressaltar o léxico a respeito do neologismo, e fala de expressões antigas empregadas com novo sentido. Também distingui dois tipos de neologismo:

1 - **Neologismo conceptual** – são os novos pensamentos sobre certo conceito já existente.

2 - **Neologismo Formal** – são as novas palavras introduzidas no mesmo idioma. Podendo ser um termo nacional ou até mesmo um empréstimo estrangeiro.

5.3.4. Mudança de Sinal

A língua é um objeto flexível, transformando-se regularmente (PETTER, 2006, p. 12); sendo assim, ela é considerada um canal vivo e em transição face a globalização, pois as pessoas em sua busca evolutiva deixam para trás alguns termos ou dão novos sentidos a termos já existentes e até mesmo inovando os sinais em sua total comunicação e assim como é notório as criações e as mudanças de novas expressões materiais, mentais, científicas, tecnológicas, poéticas e outros, dando origem a novas acepções da língua, adquirindo novos significados a

novas palavras ou expressões já existentes, como falado anteriormente. E, assim com o acelerado crescimento do país surgem novos neologismos, sejam léxicos, ou semânticos, com diferenças na comunicação regional e/ou popular.

Na fisiologia da articulação as transformações dão-se através de fatores externos e o contato com outras línguas. Essas mudanças são lentas e ao mesmo tempo são dinâmicas que os falantes da mesma, nem percebem suas mudanças, as quais dependem de fatores externos e internos e somente vêm a perceber quando em alguma pesquisa eles comparam textos escritos em épocas anteriores aos de hoje e assim percebem nitidamente suas mudanças, no bilinguismo (CALVET,2002), nos empréstimos e nos preconceitos linguísticos (WEINREICH, LABOV E HERZOG , 968).

Nos dias de hoje podemos perceber os empréstimos das línguas de sinais, suas mudanças (FARACO,2005) observadas em todos os segmentos; as transformações dos sinais quanto a dinâmica dos contatos entre surdos de diferentes países, graças as novas tecnologias de comunicação, como o uso da webcam para comunicação virtual, que permitem aos surdos de todo mundo, interagirem entre si.



Figura 53: Mudança de sinal: (a) superior, (b) inferior, (c) alimento ou pessoa que não gosta.

Vídeos originais:

< <https://www.youtube.com/watch?v=wQq4-oNcMfg> >

< <https://www.youtube.com/watch?v=JzUh0vB24iA> >

< https://www.youtube.com/watch?v=ZuP51uvh_tk >

Elaboração do sinal:

(a) superior as duas mãos espalmadas, palmas das mãos para dentro, dedos menino, anela, médio e indicador, levemente contraídos na altura do ombro, elevando-as verticalmente para cima dos ombros.

(b) inferior as duas mãos espalmadas, a baixo (ativa) girando em círculo, a de cima e passiva, fica parado inferior espalmada, palmada mão para baixo, dedo médio para frente,

(c) elaborando movimento transversal descendo e abrindo a mão na altura do peito.

Os três sinais são elaborados juntamente às expressão facial e ao morfema-boca prendendo os lábios soltando o ar e aparecendo o lábio superior em protuberância.

Observação: O sinal “a” é usado para coisas superiores os sinais “b” e “c” são usados para coisas inferiores e sua aplicação se dá conforme a contextualização panorâmica, pois “b” é usado para num

sentido ameno de adjetivar algo inferior e “c” é fortemente um termo pejorativo, na intensão de realmente machucar o outro.

Descrição: Sinais elaborados com as duas mãos configurando a localização quanto:

- (a) elemento para cima (superior), seguido da expressão facial;
- (b) elemento para baixo (inferior), seguido da expressão facial e
- (c) elemento a nível de transição, de cima para baixo, onde juntamente com as expressões faciais configura-se em sua pluralidade o sinal para dizer que você não gosta de certo alimento ou de certa pessoa.



Figura 54: Mudança de sinal: Maturidade e Imaturidade
Vídeos originais:

< <https://www.youtube.com/watch?v=ahLQRPJur> >

< <https://www.youtube.com/watch?v=gwyFtPqIRac> >

Elaboração do sinal:

(a) Mão espalmada na altura do rosto, dedo indicador um pouco à frente, batendo na testa e mão com movimento para trás e para frente. Expressão facial com olhos quase fechados e morfema-boca comprimindo os lábios.

(b) O mesmo formato da mão, sendo que o dedo indicador está batendo no queixo elaborando o mesmo movimento (para trás e para frente) aqui a expressão facial apresenta-se com os abertos e o morfema-boca com os lábios presos e ao mesmo tempo com o lábio inferior em protuberância.

Descrição: Configuração onde mostra a mudança de sinais na sua configuração semântica. (a) Será abordado com o dedo indicador na parte superior da cabeça, seguido da expressão facial denotando algo superior, com maturidade ou de alto nível; (b) O dedo indicador na parte inferior do rosto (no queixo), seguido de expressão facial significando algo inferior, imaturo, de baixo nível ou referente a alguma maledicência.

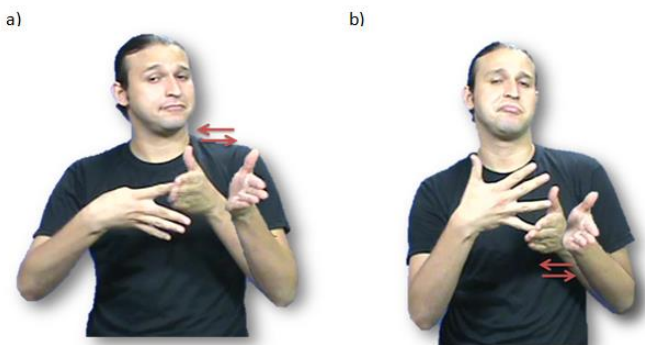


Figura 55: Mudança de sinal: Nível alto e nível baixo
Vídeos originais:

< <https://www.youtube.com/watch?v=-7Ps2yCAKSU> >

< <https://www.youtube.com/watch?v=gwyFtPq1Rac> >

Elaboração do sinal:

(a) Sinal elaborado com as duas mãos onde um faz o sinal do número 4 com os dedos na horizontal e a outra mão espalmada na perpendicular batendo no dedo indicador sinalizando primeiro lugar juntamente a expressão facial, com os olhos abertos demonstrando felicidade o morfema-boca em representação de sorriso.

(b) Mão espalmada com dedos abertos e a outra espalmada com os dedos fechados e batendo no dedo mínimo indicando lugar inferior juntamente a expressão facial com os olhos fechados e o morfema-boca com os lábios presos e o lábio inferior em protuberância demonstrando insatisfação.

Descrição: Sinal elaborado pela utilização das duas mãos, seguido da expressão facial onde a pessoa classifica algo como sendo:

(a) Na parte superior dos dedos, de alto nível, citando como exemplo: a pessoa faz este sinal dizendo que algo é muito bom, que está em 1º lugar.

(b) Na parte inferior dos dedos, de baixo nível, citando como exemplo: a pessoa faz este sinal dizendo que algo para foi ruim, que ficou em classificação inferior.

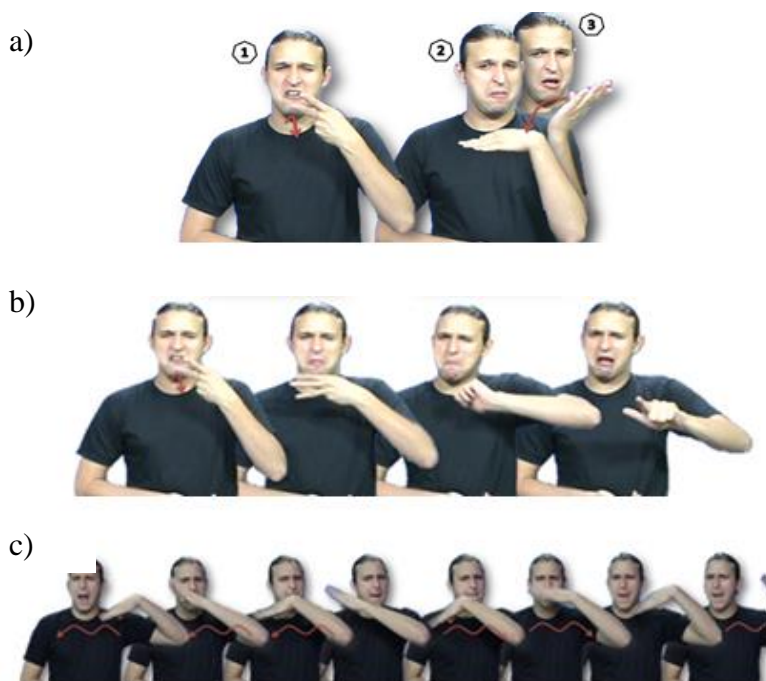


Figura 56: Mudança de sinal: Falando mal

Vídeos originais:

< https://www.youtube.com/watch?v=_Na8uW4nds >

< <https://www.youtube.com/watch?v=7aIAOuZ3SWY> >

< <https://www.youtube.com/watch?v=HmcDCpW18wA> >

Elaboração do sinal:

(a) com uma mão formando a letra “P” na altura da boca, em seguida a mesma mão faz um semicírculo posicionando-se espalmada e

abaixo do queixo, seguido das diferentes expressões faciais de espanto, de horror que apresenta-se com o morfema-boca de lábios abertos.

(b) Sinal elaborado datilologicamente iniciando na altura do queixo soletrando as letras M-A-L e terminando na altura do ombro, seguido das diferentes expressões faciais inicialmente com os olhos semifechados e o morfema-boca iniciado com a boca semiaberta, fechada e aberta de horror.

(c) Sinal elaborado com uma mão espalmada, na altura da lateral do ombro, formando ondulações para o outro lado, seguido das expressões faciais e morfema-boca fechando e abrindo os lábios com expressão.

Descrição: Sinal apresentando diferentes configurações através de suas mudanças.

(a) Com os dedos formando a letra P e posteriormente abrindo a mão abaixo do queixo, seguido da expressão facial;

(b) Sinal soletrando as letra M A L seguido da expressão facial

(c) Sinal representando ondulações para um lado e para outro, na altura do rosto, seguido de expressão facial, todos em seu contexto representando falar mal de outra pessoa.

Fazendo uma síntese quanto as figuras 53, 54, 55 e 56 , são percebidas suas influências na semântica dos seus sinais em todas suas mudanças, sendo então diferenciados pela CM (configuração de mão), M(movimento) e L (Localização) e assim os fazem de maneiras tão sutis conforme seus contextos , onde somente quem os melhor absorve são as pessoas que estão no contato da conversa, quanto às expressões faciais e os morfemas-boca, apresenta-se assemelhados e ao mesmo tempo diferenciados conforme a contextualização representada.

6. ANÁLISE DOS DADOS

É nas descritivas colocações das tipologias da gíria, que será aqui apresentada as análises dos dados em conjunto, de forma a demonstrar as precedências contemporâneas nas análises em LSB e gíria. Será aqui ressaltado que essa classificação é apenas para fins de esclarecimentos, onde tais fonologias e expressões manuais ou não-manuais constituídas de morfemas ou lexemas; não será aqui representada a finalização deste como ponto final, mas como o princípio de um longo e imprescindível estudo, com finalidades de melhor explorar fonologicamente seu morfema gramatical nas línguas de sinais.

Os dados se apresentarão decompostos sob a luz das características fonológicas segundo Stokoe (1960) quanto ao morfema-boca. Pêgo (2013). Em consonância com o autor mencionado anteriormente, acredita-se que as mudanças fonológicas dos morfemas-boca possuem propriedades explícitas que as diferem dos sinais não manuais afetivos ou linguísticos (no nível fonológico), apresentando-se com suas específicas distinções.

Para fins de melhor compreensão e de forma delineada, estarão aqui atribuídas as fonologias e morfemas-boca, dissertados nas entrelinhas posteriores.

6.1. Disparidades do sinal

São apresentados os sinais em mudanças fonológicos, cujos traços linguísticos sofreram pequenas mudanças em parâmetros fonológicos: a configuração de mão (CM), o movimento (MOV), a locação (LOC), a orientação da palma da mão (OP). Revela-se exemplos de sinal da LSB onde a gíria representa cada parâmetro fonológico sendo alterados no decorrer do tempo. Conforme Figura 1 abaixo:

Glosa: ALÍVIO**Dicionário**

(Capovilla, Raphael, & Mauricio, 2009)

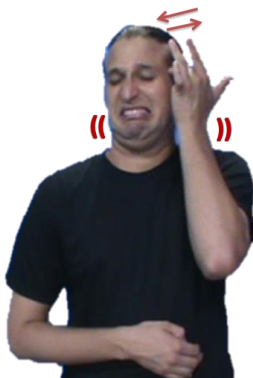
**Gíria**

Figura 57: Disparidades de Configuração de Mão: Alívio
Vídeos originais:

< https://www.youtube.com/watch?v=7I16SM8F_Xg >

< https://www.youtube.com/watch?v=M_3GoAfNRT8 >

Elaboração do sinal: A CM formando o sinal com o dedo polegar juntando-se ao dedo indicador no meio da testa, seguida da expressão facial e do morfema-boca com os lábios inicialmente fechados e em seguida emitindo um sopro; a mesma teve mudança gradual para a gíria na CM, Localização e expressão facial, e melhor explanando, a LSB mostra o contato na testa dando ênfase a expressão facial, com movimento da cabeça para baixo conforme foto acima = ALÍVIO e na gíria o sinal de ALÍVIO apresenta-se com a mão espalmada e o dedo médio para a frente batendo na fonte, a cabeça sem movimento, e o morfema-boca apresenta-se com os lábios aberto

dizendo “Xi”, conforme o sinal nos e assim pode-se citar como exemplo: quando a pessoa está muito apertado querendo ir ao banheiro, depois que vai sente grande alívio; ou com muita fome, quando a pessoa termina de comer, sente grande alívio no estômago ou sentindo muita saudade de alguém e quando reencontra a pessoa, sente grande alívio, assim, este sinal configura-se como se a pessoa estivesse embriagado, com a cabeça rodando.

Exemplo: PESSOA X ENCONTRAR PESSOA Y / ABRAÇAR / PESSOA X (sinal GÍRIA ALIVIO) SAUDADES IX(dem) // Pessoa X, encontra a pessoa Y; abraçam-se e logo ao se desvencilhar do abraço, dizem um para o outro, que alívio ter-lhe encontrado, eu estava com saudades de você.

A análise do sinal “Alívio” está relacionada ao dicionário de Capovilla, explicando seu sentido de alívio pela dor, diminuir o peso, o fardo, a carga, minorar, atenuar, abrandar e suavizar no sentido de expressar maneira de minimizar a dor e o sinal da gíria que expressa alívio quanto a sensação de sentimento de saudade, onde a pessoa percebe que a expressão facial e o morfema boca mostram-se embriagados e o que está sentido é no momento da situacional tem diferentes contextos no dicionário de Alívio.

6.1.1. Disparidades do Movimento

Glosa: CORAÇÃO

Dicionário
(Capovilla,
Raphael, &
Maurício, 2009)



Gíria



Figura 58: Disparidades de Movimento: Coração

Vídeos originais:

< https://www.youtube.com/watch?v=Onr_IDjK9Y0 >

< <https://www.youtube.com/watch?v=ZemNOgRBH4A> >

Descrição: Esta forma de sinal é produzida a partir do movimento da LSB com contato com o corpo, fazendo o movimento como se estivesse esfregando o coração na localização do peito, perto do CORAÇÃO, configurando sinal arbitrário e na segunda figura acima ao lado direito, o sinal de CORAÇÃO na gíria, configura o sentimento, o movimento do pulso em contato com a batida do coração, seguido do olhar como se estivesse olhando o coração e batendo no peito demonstrando que gosta da pessoa, com saudades da pessoa apresentando-se em diversos contextos da situação; assim, resumindo, pode-se dizer que os sinais na LSB são abstratos pois apresentam a configuração aleatória da mão e o movimento característico de cada sinal, suas expressões faciais e seus diversificados morfema-boca.

Elaboração do sinal: com uma mão espalmada, pulso colado ao peito, cada contrário da mão, movimentando a mão para cima e para baixo, seguido da expressão facial de felicidade e o morfema-boca apresentando-se com o sorriso nos lábios.

Exemplo: PESSOA X faz (SINAL GÍRIA) VAMOS FESTA PESSOA Y (rindo) VAMOS // Pessoa X encontra a pessoa Y e X bate no coração como que dizendo: oh meu amor, e chama para ir à festa.

A diferença dos sinais e também dos movimentos “Coração” o dicionário explica: órgão muscular oco, localização na parte esquerda da caixa torácica e que sem funcionamento do coração não podemos sobreviver, nesse sentido, sinal coração apresenta-se através do sentimento e suas emoções, que demonstra sentido para outra pessoa e

formando elementos sentimental, e o sinal da gíria que expressa “ você está morando no meu coração” como também mostra que gosta da pessoa e tem outro significado, parece que esta enfartando, onde o movimento do sinal da gíria é iconicidade por imitar a pulsação do coração com movimentos de bater no peito, mostrando seu significado na contextualização da expressão facial e do olhar. A semelhança significativa dos sinais no dicionário e na gíria.

6.1.2. Disparidades da Localização

Glosa: EVITAR

Dicionário

(Capovilla, Raphael, & Mauricio, 2009)



Gíria



Figura 59: Disparidades de Localização: Evitar

Vídeos originais:

< <https://www.youtube.com/watch?v=4xB286BY9Ho> >

< https://www.youtube.com/watch?v=SIZsa_8RN7Y >

Este sinal passou por um processo de mudança locativa e expressão facial da língua de sinal para a gíria e assim ele tem sua mudança para outra localização, como também mudança na expressão facial; mantendo a mesma CM na LSB e na Gíria, mostrando que o sinal EVITAR na LSB é feito em contato a testa, e o sinal EVITAR na gíria é sinalizado na localização neutra do espaço, mostrando seu fator de discricção e sutileza juntamente com a expressão facial; resumindo, o sinal EVITAR na LSB nos mostra o contato da mão na testa e o sinal de EVITAR na gíria é executado num espaço neutro em frente ao peito numa sinalização estratégica e ao mesmo tempo significativamente discreta.

Elaboração do sinal: Evitar em LSB convencional mão formando a letra Y na altura testa, o dedo polegar batendo na lateral da testa e faz um movimento com o pulso girando para fora; em conexão ao sinal manual, mostra-se a expressão levemente levantadas, o olhar um pouco atravessado e morfema-boca de lábios fechados e um pouco contraídos; na gíria este sinal é elaborado também com a mão configurando a letra Y ao lado do corpo fazendo um pequeno movimento par direita e para esquerda e a o palma na mão virada para baixo, no entanto a expressão facial mostra-se carregada fortalecendo o sinal manual, apresentando-se com as sobrancelhas contraídos e o morfema-boca com os lábios fortemente contraídos e ar nas bochechas, numa forma discreta de despistar a compreensão de quem não está no contexto da situação.

Exemplo: PESSOA X CONVERSAR PESSOA Y / PESSOA X faz (sinal gíria EVITAR) e a PESSOA Y PERCEBENDO, MUDA DE ASSUNTO, DESCONVERSA.

A diferença dos sinais e também a localização onde é executado o sinal de “Evitar” no dicionário; a explicação refere-se a desviar-se de, fugir, evadir. Esquivar-se à convivência, ao trato ou encontro de alguém; esse sinal tem sentido de evitar a pessoa, não contato com a pessoa, contato através do lado da testa, mostrando através da expressão dos olhos um sinal de: fique atento, conforme o contexto da situação, e o sinal da gíria expressa “esquivar o assunto” e também mostrar sentido de cuidado, seja sigiloso, aviso: vamos mudar para outro assunto, onde percebe-se que a expressão dos olhos e da boca presa já mostra o significado de esquivar e/ ou aviso. Disparidade dos sinais no dicionário e na gíria.

6.1.3. Disparidades da Orientação de mão

Glosa:

SUPERIOR

INFERIOR

Sinal de Natal



Gíria



Figura 60: Disparidades de Orientação da Mão: Para Cima / Para Baixo

Esses sinais mostram a orientação da mão para cima e/ou para baixo, conforme apresentação “superior e/ou inferior”; configurando formalização convencional da LSB, enquanto que na gíria é representando o nível superior ou alto nível, sendo apresentado pelo dedo indicador de uma mão apontando para a palma da outra; e o dedo mínimo, nível inferior em contato aos dedos da outra mão, em sentido semântico da gíria, juntamente a expressão facial; sintetizando, o movimento executado na LSB onde mostra o ponto de articulação

superior para cima e inferior para baixo, generalizando também o aumentativo ou o diminutivo, conforme o ponto de articulação, sendo apresentado pelos 5 dedos, onde o de baixo configura-se do menor para o maior em sua representação influenciada pelos níveis de 1 a 5.

Elaboração do sinal superior (nível alto) em LSB convencional, em Natal – as duas mãos espalmadas, dedos levemente flexionados, apresentando-se com o dedo polegar em frente ao corpo, na altura do peito; fazendo uma elevação na vertical, para acima do ombro; em sequência apresenta-se a expressão facial num nível de satisfação; o morfema-boca apresenta-se com as bochechas cheias de ar e os lábios apertados.

O nível inferior (nível baixo) apresenta-se com uma mão espalmada para baixo, na altura do peito e a outra mão também espalmada e com a palma da mão para baixo, na altura da cintura fazendo círculo; juntamente, apresenta-se a expressão facial de insatisfação; o morfema boca, por sua vez, apresenta-se com as bochechas cheias de ar, lábios apertados e as sobrancelhas levemente franzidas, confirmando o grau de inferioridade

. Em gíria, este sinal de grau superior/ nível alto apresenta-se com uma mão configurando o número 4, dedos entreabertos, em frente ao corpo, com a palma da mão virada para dentro e a outra mão aberta batendo no dedo indicador, para lá e para cá; seguido pela expressão facial de satisfação, apresentando o morfema-boca com um leve sorriso nos lábios.

O sinal de grau inferior/ nível baixo, em gíria apresenta-se com uma mão espalmada, dedos abertos, palma da mão virada para o corpo, na altura do peito; a outra mão também espalmada, dedos juntos e somente o dedo polegar separado; batendo no dedo mínimo, para lá e para cá; a expressão facial de insatisfação e o morfema-boca prendendo fortemente os lábios.

Exemplo: PESSOA X IX(dem) MULHER PESQUISAR É (sinal gíria SUPERIOR); PESSOA Y NÃO É, IX(dem) É (sinal gíria INFERIOR) // A pessoa X fala para a pessoa Y (segredo – em gíria) observei que Fulana (fazendo apontação) é muito importante, tem nível superior e a pessoa Y responde, não, ela não é importante, é de nível inferior.

A diferença dos sinais apresenta-se conforme a orientação da mão “Superior/Inferior”; assim sendo, no dicionário Capovilla é explicado o significado superior, que significa qualidades que torna efetivamente ou pretensamente melhor, mais eficiente a determinada escala de valores;

no sentido da pessoa ser mais importante, ter curso superior; no entanto, o sinal apresentado no Capovilla, apresenta-se conforme a variação do sinal em diferente região e assim, observa-se as diferenças, visto que o movimento das mãos, com os dedos inicialmente, levemente flexionados, abrem-se à medida que os abraços são elevados, conforme diferença mostrada no dicionário; o morfema-boca soprando como que tendo uma boa impressão e o sinal da gíria mão ativa aberta batendo a mão passiva em contato com o dedo indicador, como apresentando que a pessoa é eficiente, número 1; juntamente com a expressão facial e o morfema-boca onde mostra o significado acredita, no sentido de estar afirmando “é isso mesmo”; no dicionário, o sinal inferior apresenta-se em duas formas diferenciadas, onde o primeiro sinal inferior (1), configura que está abaixo, tem pouco valor e representa-se com a mão aberta, palma para baixo, ao lado direito do corpo, baixar mão até à altura do quadril e com movimento circular na horizontal para direita no sentido horário e segundo sinal inferior (2) significa cargo inferior numa empresa, onde a configuração das mãos em B, palmas para baixo, tocando a lateral do dedo indicador e movendo a mão direita para baixo, sendo que, o sinal inferior é elaborado em conjunto (1) e (2), em unísono, onde a pessoa representa inferioridade.

6.1.4. Disparidade no contexto, duplicação de palavras ou frase Morfológica composta

Glosa: CONVERSA BOA, LÁBIA

Sinal de Natal



Gíria



Figura 61: Disparidades no contexto "Conversa boa", "Lábia"

Este sinal expõe a duplicação das palavras no sentido morfológico composto “CONVERSA, BOA LABIA”. A LSB mostra em sua apresentação convencional, a elaboração do sinal de “Conversa boa” nas mãos : 1- onde uma mão, a mão passiva, apresenta-se fechada, configurando a letra S, dorso da mão para cima e a outra mão, a mão ativa, espalmada, alisando, em círculo, o dorso da mão passiva; 2 - em outra modalidade, é apresentado com os 5 dedos juntos em frente à boca passando para o lado, configurando convencer o outro, juntamente com as expressões faciais com os olhos semicerrados e as sombrancelhas franzidas e o morfema-boca emitindo a sílaba “pa”.

Na gíria mostra a CM representado pela mão aberta, dedos levemente flexionados na altura da boca, conforme o sinal acima exposto em sua configuração de conversa + boa lábia, sendo usado num contexto panorâmico da conversação dos surdos e assim, este morfema composto nos mostra na gíria, somente um sinal, expondo prioritariamente a expressão facial, englobando nas mesmas expressões o morfema-boca, conforme citado na configuração convencional; apresentando assim, sua pluralidade na definição do referido sinal, de um bom papo.

Exemplo: PESSOA X NOSSA, IX(dem) PROFISSIONAL SABER CONVERSAR MULHER (sinal gíria Conversar boa Lábia) / PESSOA Y VERDADE! W // A pessoa X fala para a pessoa Y : a pessoa Z tem uma boa conversa, passando a lábia em W; faz com que a pessoa Z fique prestando atenção só a ele e tudo que Z fala, convence a pessoa W.

A classificação do sinal constituído por dois sinais é morfologia composta; no entanto “Conversa boa / lábia” não está apresentado no dicionário de Capovilla; mas tem sinal de conversar, bater papo, produzindo a fala, e o sinal da gíria é no sentido de esperto, sabe xavecar e seduzir o outro pela conversa. O morfema-boca expõe o significado de pessoa sagaz, que sabe convencer o outro.

Dicionário

(Capovilla, Raphael, & Mauricio, 2009)

ESPERA, DEIXA EU EXPLICAR

Gíria



Figura 62: Disparidades no contexto "Espera, deixa eu explicar"
 Vídeo original: < <https://www.youtube.com/watch?v=tnNKMHRNauw> >

A figura acima remete ao sinal da gíria e em sua formação é percebida a disparidade diferenciada em sua elaboração, visto que no português, a sequência é composta de duas ou mais palavras ou frases para um só sinal na gíria em LSB, onde engloba em sua composição: CM, MOV, L e EF e assim, conforme a frase :“ESPERA, DEIXA EU EXPLICAR” é apresentado em sua morfologia uma complexa representação de configuração, conforme explicação: quando através de uma conversa interrompida, numa forma polida e taxativa de informar: espere, deixe eu terminar de explicar; referendando os aspectos no contexto da situação não-manual (sobrancelha, olho e boca) e não representando fielmente o sinal de cada palavra “ESPERA, DEIXA EU EXPLICAR”; o mesmo em decorrência da utilização em gíria,

apresenta-se em sua complexa morfologia, somente através de um sinal, onde apresenta-se como uma solicitação para que a outra pessoa pare, para que ela continue com a explicação, configurado num só sinal de PARE, conforme iconicidade.

Elaboração do sinal: sinal apresentado com apenas uma mão ativa, espalmada, com a palma da mão voltada para frente, dedos unidos, posicionando-se na frente do corpo, na altura do peito, elaborando a letra “Z”; terminando à sua frente, acima do peito; em conjunto, mostra-se a expressão facial com a cabeça levemente inclinada para trás e o morfema-boca contraindo os cantos da boca e o lábio inferior apresenta-se em protuberância.

Exemplo: PESSOA X EXPLICAR ASSUNTO IMPORTANTE / PESSOA Y INTERROMPER CONVERSAR / PESSOA X (faz sinal da gíria “espera, deixa eu explicar”)

A diferença dos sinais do dicionário e da gíria é que “ESPERAR, DEIXAR e EXPLICAR” no dicionário temos 3 sinais sequenciados e melhor explicando o sentido de Esperar é que a pessoa está aguardando; deixar significa abandonar e explicar e significa detalhar alguma coisa e na gíria, formando a configuração da mão no sentido de “PARE,” no intuito de chamar atenção para que o interlocutor perceba que não terminou a conversa e este tem a orientação da mão no espaço neutro e num só movimento traceja a letra Z até o contato com o peito conforme explicado acima.

6.1.5. Sinais em mudança lexical no mesmo sentido

Glosa: PARE COM ISSO!

Dicionário
(Capovilla,
Raphael, &
Mauricio, 2009)



Gíria



Figura 63: Sinais em mudança lexical no mesmo sentido: Pare com isso!

Vídeos originais:

< <https://www.youtube.com/watch?v=VcD73oWvNYs> >

< https://www.youtube.com/watch?v=U0AdcD_VI2Q >

Os sinais aqui agrupados, estão evidenciados em glosa distinta e sua mudança apresenta-se conforme elaboração. No tocante à configuração lexical do sinal convencional e do sinal em gíria, com mesmo significado; sua transformação dá-se de forma gradual, e assim, na LSB é convencionalizado conforme as duas primeiras figuras; sendo inovado para gíria conforme as figuras ao lado do sinal convencional; concomitantemente as mudanças das expressões faciais, tanto do sinal da LSB quanto da gíria são concretas, nos mostra a expressão facial de muito brava, como se estivesse perguntando: O que está fazendo? Pare com isso!

Elaboração do sinal: O sinal convencional, apresenta-se com a mão passiva configurando um “S”, palma da mão para baixo, na altura da cintura, na frente do corpo e a outra mão, a mão ativa, também configurando a letra “S” na altura do queixo fazendo um movimento no dorso da mão passiva e assim, apresentando a expressão facial com os olhos semifechados, as sobrancelhas levantadas e franzidas; o morfema-boca inicialmente com a boca fechada e em seguida emitindo o som “Pa” (expressão de bravo).

No sinal da gíria sua configuração apresenta-se somente com uma mão configurando a letra “B” na frente e para trás e em conjunto apresenta-se a expressão facial com sinal de bravo e morfema-boca inicialmente com a boca fechada e em seguida emitindo o som “Pa”.

Exemplo: PESSOA X diz: VOU CONTAR PARA A PROFESSORA IX(dem) QUE VOCÊ FALTOU A AULA PORQUE

DORMIU TARDE; VOCÊ FICOU NA FESTA A NOITE TODA /
PESSOA Y (sinal gíria Pare com isso!) NÃO FAZ ISSO COMIGO!

Um mesmo sinal apresentado para dois contextos diferentes: “Pare com isso!” no dicionário, o sinal Pare (5) significa interjeição, pedindo para parar de brigar, chamar a atenção e em outro sentido, numa forma de interromper, apresenta-se sem expressão facial, conforme o dicionário. Em outro contexto, na gíria de Natal-RN, esse sinal apresenta-se englobando a expressão facial e o morfema- boca “Pa”. 1 - na gíria o sinal representa: pare com isso! Solicitando que pare com a brincadeira chata, pedindo a uma pessoa teimosa que pare; quando a outra pessoa está provocando, incomodando, fazendo brincadeira de mal gosto ou outras indelicadezas; apresenta-se a expressão facial e o morfema-boca denotando seriedade, bravo, no intuito de avisar ao outro que não faça isso de novo.

6.1.6. Sinais com mesmos lexicais e mudança de localização

Glosa: AÇÃO INTERNA (não expressa) SOBRE UMA SITUAÇÃO

LSB



Mudança de sinal



Gíria



Figura 64: Sinais com mesmos lexicais e mudança de localização: Ação interna (não expressa) sobre uma situação

Vídeos originais:

- < <https://www.youtube.com/watch?v=VxVSeY8Lufo> >
- < https://www.youtube.com/watch?v=J5lAH3U_8GQ >
- < <https://www.youtube.com/watch?v=gFK3-0l4ki4> >

Observação: Por motivo sigiloso, foi solicitado não expor nenhuma situação de exemplo para este sinal.

Este sinal configura “SITUAÇÃO INTERNA (NÃO EXPRESSA) EM RELAÇÃO A OUTRA SITUAÇÃO” o qual mostra a mesma CM e expressões faciais diversificadas pela expressão da boca; seus aspectos nas mudanças da L do sinal da LSB expõe mudanças na expressão idiomática conforme a mudança do sinal em seus aspectos; substituindo a informação que era representada pelo sinal do dedo médio na cabeça, pela mesma CM no dorso da outra mão fechada, como forma de despistar o contexto da história às demais pessoas ao redor, ocultando a conversa, e este mesmo apresenta-se em forma diferenciada na gíria atual, porque ele se expõe de forma mais discreta em sua diferenciação, onde se exhibe no espaço neutro ao lado do ombro.

Elaboração do sinal:

1º sinal convencional elaborado somente com uma mão ativa, mão espalmada e dedo médio para dentro, tocando no centro da cabeça, na parte de cima. Sinal com mudança de localização da cabeça para a mão:

2º Uma mão passiva configurando a letra “S”, na altura do peito (representando a cabeça) e a outra mão (mão ativa) elaborando o sinal anteriormente explicado sendo que com mudança de localização, neste, apresenta-se com a mão ativa acima da mão passiva; ambos os sinais apresentam-se seguidos pela expressão facial com os olhos semifechados, a cabeça balançando para um lado e para o outro e o morfema-boca fortemente representado pelos lábios cerrados e o lábio inferior em protuberância.

3º Na gíria apresenta-se este mesmo sinal numa convenção sigilosa, na qual a cabeça não é representada oficialmente e o sinal é somente elaborado por uma mão ativa espalmada na altura do ombro, dedo médio para dentro e o movimento para um lado e para o outro é elaborado no espaço neutro. A expressão facial toma uma forma menos chamativa (mais suave) e o morfema-boca ligeiramente em forma de um pequeno sorriso nos lábios.

Citando outro exemplo, conforme apresentação da foto abaixo e em seguir sua análise:

Glosa: PRESUMIR

Dicionário

(Capovilla, Raphael, & Mauricio, 2009)



Mudança de Sinal



Gíria



Figura 65: Sinais com mesmos lexicais e mudança de localização: Presumir
Vídeos originais:

< <https://www.youtube.com/watch?v=UfETDzG4WiQ> >

< <https://www.youtube.com/watch?v=TjZzW2GFcLw> >

< https://www.youtube.com/watch?v=XittIIHl_4o >

Sinais apresentados com a mesma CM e diferença em sua L, onde se explica que sua expressão idiomática muda conforme configuração do 1º sinal, onde os dedos das duas mãos se fecham e se unem, na altura do coração; na 2ª figura, somente os dedos abertos de uma das mãos partem da cabeça e se unem para tocar a palma da outra mão aberta; na 3ª figura é apresentado o citado sinal na gíria, onde uma mão partindo da altura do ombro para o peito, fecha os dedos num espaço neutro.

Os sinais aqui percorridos, não mostram padronizações quanto a localização em que é elaborado, visto que seguem o ritmo de quem o executa, outrossim, seu uso é favorecido pelo contato da cabeça com as mãos e depois apresenta-se com mais uma mudança para seu conforto linguístico, advindo assim uma maior rapidez e sigilo, envolvido pela percepção dos sinais convencionais, expondo mudanças de localizações e redução fonológica.

Elaboração do sinal: 1º sinal anteriormente elaborado com as duas mãos inicialmente espalmadas e dedos abertos, uma na altura da cabeça e a outra na altura da cintura, seguidamente unindo os cinco dedos das suas mãos e tocando uma na outra na frente do corpo na altura abaixo do peito.

2º Este mesmo sinal teve uma pequena mudança onde é apresentado da mesma forma que o primeiro sinal explicado, sendo que ele é elaborado de uma maneira mais rápida e tomando menos espaço neutro, que somente é percebida pelos dois interlocutores da comunicação. A expressão facial e o morfema-boca, também apresenta-se sem muita atração para não chamar atenção de terceiros.

3º O sinal, em gíria apresenta-se em sua sua configuração formada somente com uma mão espalmada, os dedos separados, na altura dos ombros, em seguida unindo os dedos e baixando a mão até a altura do peito, na lateral do corpo. A expressão facial dos três sinais explicados apresenta-se com o rosto levemente voltado para um lado, as sobrancelhas franzidas e expressão de dúvida. O morfema-boca apresenta-se de boca fechada e com um leve sorriso nos lábios.

Faz-se necessário ressaltar alguns aspectos na mudança dos sinais quanto sua localização, pois apesar de um pouco diferentes, continuam com o mesmo significado assim, o 1º sinal representa o sinal convencionalmente utilizado, já o 2º sinal, representa mudança, sinal reduzido no processo fonológico e o 3º sinal em gíria, um sinal com configurações sigilosas, elaborados de maneira ágil no contexto da situação, com intuito de que terceiros, mesmo que o visualizem, não venham a entender o que está sendo dito; também deve ser esclarecido

que o dicionário não aborda as figuras 65 e 66, conforme suas diferentes contextualizações, diminutivo dos sinais convencionais, mudanças e a gíria.

6.1.7. Economia linguística dos sinais

Glosa: NÃO DÁ

Dicionário
(Capovilla,
Raphael, &
Mauricio, 2009)



Gíria



Figura 66: Economia linguística: Não dá!

Vídeos originais:

< <https://www.youtube.com/watch?v=5pVk0qyPYgg> >

< https://www.youtube.com/watch?v=fKVfB_WCARM >

Este sinal na LSB mostra duas configurações; uma convencional elaborado com mão em U fazendo círculo ao lado da cabeça, seguida de outro sinal “NÃO DÁ” com dois dedos no pescoço, acompanhado pelo movimento da cabeça para trás e novamente fazendo a mesma configuração inicial seguida da expressão facial e morfema-boca.

O outro sinal apresenta CM diferente, harmonizando-se com o sinal “NÃO DÁ”, elaborado na forma da gíria, onde é representado conforme a configuração do N°6, Nestas circunstâncias o dedo polegar representa a pessoa em miniatura e o dedo indicador e médio, fazendo o

sinal não dá e assim, o meio do polegar representa o pescoço, seguido da expressão facial com a cabeça levemente para trás.

Elaboração do sinal: sinal elaborado com uma mão, primeiramente configurando a letra “U”, fazendo um círculo no espaço neutro na altura da fonte, em seguida, esta mesma mão em configuração da letra “V” desse para o pescoço, toca-o e novamente sobe para a fonte, configurando a letra “U”. A expressão facial apresenta-se fortemente com os olhos bem aberto, a cabeça levantada para trás e o morfema-boca apresentando inicialmente a boca fechada, em seguida aberta para novamente fechar-se como se estivesse fazendo um sopro, soltando o ar, numa expressão da pronúncia da letra U.

Este mesmo sinal na gíria apresenta-se também elaborado somente com uma mão, na altura da cintura, sendo que, da ponta do dedo polegar até a falange do dedo, representa a cabeça e os dedos médio e indicador flexionados unem-se ao dedo polegar. A expressão facial continua como na elaboração anterior, com a cabeça levemente para trás e o morfema-boca também igualmente apresentado como no sinal anterior como que fazendo um sopro, soltando o ar, apresentando-se numa forma rápida e graciosa ao seu interlocutor.

Exemplo: PESSOA X EI NAMORAR IX(dem) MENINA; PESSOA Y faz (sinal “não dá!”) // A pessoa X fala para a pessoa Y, vá namorar e a pessoa Y responde com sinal (não dá) como se dissesse de jeito nenhum.

As diferenças nos aspectos dos sinais estão na redução fonológica “Não dá”. O dicionário não apresenta este sinal não dá, mas registra 2 outros sinais NÃO PODER + NÃO TEM JEITO juntos, onde, NÃO PODER significa não ter disponibilidade ou não ter oportunidade para fazer ou deixar de fazer algo e NÃO TEM JEITO significa que não é possível resolver algo, a assim, quando os 2 sinais apresentam-se juntos, representam o significado de não ter coragem, impossível, com sentido de tô fora; no entanto o sinal da gíria aqui representado faz-se útil para que numa conversa, a pessoa possa comunicar-se dizendo ao outro que algo não é possível, numa maneira graciosa, sigilosa e sutil.

Glosa: OCUPADO!

Dicionário

(Capovilla, Raphael, & Mauricio, 2009)



Gíria



Figura 67: Economia linguística: Ocupado!

Vídeos originais:

< https://www.youtube.com/watch?v=q_7qIJj130w >

< <https://www.youtube.com/watch?v=mU7xwpbPAc4> >

Esse sinal de OCUPADO na LSB, é apresentado pelo sinal da letra V no pescoço, enquanto que o mesmo na gíria é apresentado conforme uma abreviação linguística, onde configura-se a pessoa em miniatura, nos dedos da mão, seguido da expressão facial.

Elaboração do sinal: Sinal elaborado com uma mão em configuração da letra “V”, batendo no pescoço. A expressão facial fortemente carregada, olhos semifechados; morfema-boca apresentando-se com os lábios fortemente presos um ao outro, o lábio inferior em

protuberância e a cabeça levemente inclinada para trás fazendo um movimento de negação.

Na gíria, este sinal apresenta-se também elaborado somente com uma mão na frente do corpo, na altura do ombro, sendo que esta representa a cabeça através do dedo polegar e os dedos médios e indicador flexionados, fazendo um movimento de vai e vem na falange do dedo polegar; a expressão facial, mostra-se carregada, a cabeça fazendo um sinal de negação e o morfema-boca apresenta-se com os lábios cerrados e em protuberância, tudo isto executado num movimento rápido para não constranger seu interlocutor.

Glosa: ASNAT

LSB



Gíria



Figura 68: Economia linguística: ASNAT

Vídeos originais:

< https://www.youtube.com/watch?v=O4pv6UCIG_E >

< <https://www.youtube.com/watch?v=OXLXukwb7o8> >

Elaboração do sinal: sinal elaborado com as duas mãos, onde uma mão passiva configurando a letra “A” de associação apresenta-se com o polegar aberto para um lado e a outra mão, a mão ativa, configurando a letra “N” representando o sinal de Associação de Natal.

Este mesmo sinal em gíria é configurado somente com uma mão, representando tanto a mão passiva, quanto a mão ativa, onde o polegar representa a mão passiva e o os dedos médios e indicadores flexionados, representam a mão ativa, por sua vez representando a letra “N”. Aqui, também a expressão facial e o morfema-boca complementam o sinal em gíria da associação de surdos da cidade de Natal – RN

Elaboração do sinal: Estes dois sinais acima representados na LSB, configura o sinal da Associação de Surdos de Natal - “ASNAT”. O 1º - de representação convencional, mostra sua elaboração através das duas mãos, onde uma mão, a mão passiva, apresenta-se configurando o Nº 1, com o polegar ligeiramente inclinado para o lado e a outra mão, a mão ativa, apresenta-se conforme a letra N em cima do polegar da mão passiva. O 2º - na gíria, apresenta-se elaborado somente com uma mão, apresentando diferenças do sinal convencional, visto que em gíria, ele é elaborado somente com uma mão, onde o polegar representa uma mão e os outros 4 dedos se fecham, sendo que o indicador e o médio formam a letra N na mesma mão e esta apresenta-se com a palma da mão voltada para cima, configurando o conforto linguístico através de convenção discutida, analisada e aceita pelo grupo.

A mesma forma de redução é observada conforme o processo fonológico dos sinais “Ocupado” e “ASNAT” onde é utilizado o espaço neutro para o sinal em gíria e assim é elaborado numa contextualização mais rápida conforme conversação situacional dos utentes da LBS; advindo assim, no processo pragmático a possibilidade de maior absorção do significado nos sinais dos grupos sociais.

6.2. Morfema-boca LSB nas gírias

Tema analisado quanto sua classificação e ponderado quanto ao morfema boca, comparando na pesquisa, os sinais convencionais.



Figura 69: Caráter dinâmico do morfema-boca (pow) e o fato dele exigir tempo coordenado com o sinal manual EXPLODIR, formando o “SINAL EXPLODIR+BOCA EM POW”

Pêgo (2013) “Nesta figura observamos a produção do morfema-boca ilustrado, em que seu início (boca com lábios pressionados) e seu fim (boca em O); ocorrem coordenadamente com o sinal manual estourar. Esse morfema-boca caracteriza-se como um morfema preso, e pode ocorrer com sinais manuais com características explosivas (carro bater, por exemplo)” é o mesmo sentido da gíria passou vergonha em que seu início boca com lábios pressionados e seu fim (boca em O) incidem o sinal manual explodir com o mesmo sentido deste. Sinal de Passou muita vergonha ou passou mico.

Elaboração do sinal: este sinal é elaborado na gíria com uma mão, dedos levemente flexionados e o dedo polegar para cima, na altura o peito fazendo um movimento de semicírculo para cima do ombro, ressaltando aqui a expressão facial com os olhos semi-fechados, as sobrancelhas franzidas e destacando, ainda, o morfema-boca dizendo a expressão “Pow”, mostrando espanto.

Exemplo: PESSOA X VER PESSOA Y ANDAR-CAIR (CL) SALA AULA AMIGOS RIR / PESSOA Y faz (sinal Fig. 70) AMIGOS VER TUDO. HEHE. // A pessoa X vê a pessoa Y caindo e a pessoa Y vê os amigos de classe rindo de sua queda e Y com vergonha pelo mico de ter caído, faz o sinal acima.

O principal sentido da execução do morfema-boca “pow” é quando acontece alguma coisa extraordinária, grande estrondo (barulho de uma bomba), pagou mico, sentindo-se constrangido.

Fazendo uma análise, é observado que no dicionário o sinal de VERGONHA apresenta-se com a boca fechada e aqui, na gíria PASSAR VERGONHA ou PASSAR MICO ele apresenta-se seguido do morfema boca POW.

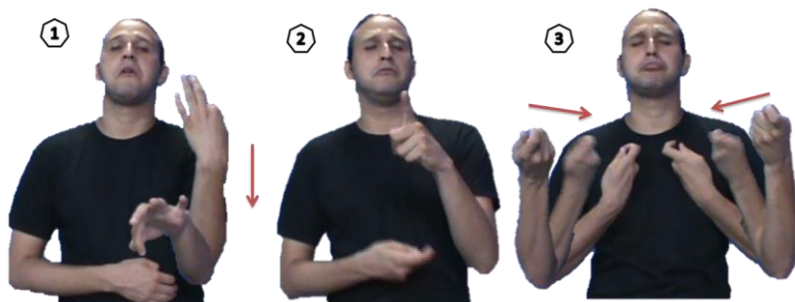


Figura 70: Ah, não faz isso comigo!

Vídeo original: < <https://www.youtube.com/watch?v=eYRU3Osgxc> >

- (1) BALANÇO DE CABEÇA+ELEVAÇÃO DE SOBRANCELHAS+LABIOINFERIR PARA BAIXO < AHH>
 (2) < VOCÊ>
 (3) SOBRANCELHA FECHADA + BOCA ASSPOBRAR PARA BAIXO < NÃO FAZ ISSO COMIGO>

Pêgo (2013) “Os sinais elaborados pelas figuras: 12 e 13 correspondem aos seguintes: O Que? e Uva, onde percebe-se que a configuração da boca articulando a letra U, associado ao balanço da cabeça representa um morfema que denota determinação,” por sua vez, a gíria também representa sua própria conotação, dando ênfase aos morfemas-boca, conforme figura 63, onde expõe os morfemas-boca na sentença de uma frase correspondente < Ah, não faz isso comigo>.Figura 70.

Elaboração do sinal: sinal elaborado numa sequência de movimentos tanto manuais, quanto faciais e morfema-boca; onde no início apresenta-se com uma mão espalmada, junta o dedo polegar ao indicador, na altura do ombro, baixando a mão até a altura da cintura, em seguida elabora a mão configurando a letra “D” (como apontando “você”) e por último, com as duas mãos configurando a letra “A” com o dedo indicador em apontação, na altura acima do ombro, fazendo

movimento para dentro; a expressão facial de ironia mudando conforme o movimento da cabeça para trás e para frente; o morfema boca fortemente apresentado com os cantos da boca para baixo e finalmente soltando o ar e deixando o lábio inferior em protuberância.

Morfema-boca formando movimento de sopro nos lábios, configurando zombaria, sem graça alguma, numa forma de brincadeira chata, apontando para o interlocutor, como se mostrasse que este está fazendo maldade de propósito, obrigando-o a fazer algo que ele não quer, aqui entra a expressão facial de “NÃO FAZ ISSO COMIGO”, 4 palavras, (uma frase) para um sinal múltiplo em conexão ao morfema-boca.



Figura 71: Tranquilo!

Vídeo original: < <https://www.youtube.com/watch?v=YaGkfsQli8g> >

Conforme sinal da **Fig 14** <SENTIR> associado ao morfema-boca, é apresentado aqui o mesmo sentido da gíria quanto a **Fig 71** <TRANQUILO> apresentado acima, onde o morfema-boca demonstra “não se preocupe” em conexão ao sinal manual.

Elaboração do sinal: “tranquilo” em gíria com uma mão aberta, espalmada, palma da mão para baixo e os dedos indicador, médio e anelar unidos e ao mesmo tempo levemente retraídos, na altura da cintura, parte da frente ou lateral do corpo; fazendo movimento para um lado e para o outro; a expressão facial apresenta-se relaxada, olhos como se estivesse olhando para frente ou para baixo; com a cabeça levemente inclinada para trás e o morfema-boca como se estivesse soltando o ar, modificando conforme o contexto comunicativo..

Exemplo: PESSOA X IX(dem) VAI TRABALHAR AMANHÃ?; PESSOA Y NÃO, FICAR EM CASA faz (sinal

“tranquilo”) DORMIR CASA // A pessoa X pergunta à pessoa Y : vai trabalhar amanhã? A pessoa Y faz o sinal de TRANQUILO, como se dissesse, amanhã vou ficar tranquilo em casa.

O Morfema-boca apresenta-se com diferentes aspectos, conforme cada situação: seu significado pode estar no sentido de tranquilidade Ah; boca aberta exclamando Ah! Como se estivesse surpreso; num contexto de que entendeu ou não entendeu algo. Outra exclamação é “HUM” – boca com os lábios presos e ligeiramente caídos para um lado, como se estivesse com raiva, desconfiado ou desconfiando; chateado; “TO LIGADO, FIQUE TRANQUILO”, outro tipo de morfema-boca é o que apresenta-se com os lábios presos e com os cantos da boca levemente para baixo, como se descordasse; “PODE SER, RELAXE”, boca levemente aberta e com lábio superior puxado para um lado, significando desdém; “TO LIGADO” sensação de ironia, boca com os lábios presos e assim, conforme cada maneira de se expressar, o morfema-boca faz sua diversificação, dependendo da situação e assim, um mesmo sinal pode apresentar sua variação, seu diferente significado conforme a variação do morfema-boca.



Figura 72: Sinal convencional ‘rico’

Vídeo original: < <https://www.youtube.com/watch?v=3JXfMWpq-E8> >

Elaboração do sinal convencional “rico”: sinal elaborado com uma mão espalmada, palma da mão para o lado, dedos abertos, levemente flexionados; batendo diversas vezes com a unha do dedo polegar acima do peito; a expressão facial demonstrando orgulho, com os olhos bem aberto, como se estivesse olhando de soslaio e o morfema-boca apresenta-se com um sopro e lábio em protuberância.



Figura 73: Gíria 'Tem muito dinheiro'

Vídeo original: < <https://www.youtube.com/watch?v=cON1jvoBwec> >

Observando a comparação dos sinais, será esclarecido que as **Fig 15 e 73**, possuem uma só padronização quanto ao morfema-boca “lábios apertados,” sendo que na **Fig 16**(escrever desleixadamente) o sinal configura-se com a boca em “th” e a **Fig 74** apresenta-se inicialmente com os lábios apertados e em seguida boca em “th” mostrando os dois aspectos da boca em um só sinal.

Pêgo (2013) “Concluiu nesses exemplos, que o morfema-boca “th” constitui-se num morfema preso, quer dizer: sempre estão acompanhados aos sinais manuais, juntamente às expressões faciais” porque geralmente se caracterizam para o lado ruim, desleixado, dependendo do sinal em contexto.

Elaboração do sinal: uma mão espalmada, palma da mão para cima, dedo polegar passando pelo dedo médio, como se estivesse contando dinheiro, a expressão facial com o olhar para baixo e o morfema-boca inicialmente com a boca fechada, cantos da boca para baixo, em seguida como se fosse soprar e finalizando, emitindo um som, soltando o ar com a língua para fora, num sinal de exclamação: nossa! sinal de surpresa.

O morfema-boca dos sinais “rico”, do dicionário expõe sopro, confirmando que é realmente rico, tem dinheiro, dando ênfase à expressão facial; e assim, o sinal na gíria apresenta o morfema-boca mostrando a língua para fora, fortalecendo a expressão no sentido de ter muito dinheiro “GANHAR DINHEIRO MUITO BEM,” mostra-se aqui interligado à expressão facial visto que o próprio sinal já apresenta-se claramente em seu significado.



Figura 74: Expressão 'muito sacrifício'
 SINAL < SACRIFICIO> + LÁBIOS APERTADOS
 Vídeo original: < <https://www.youtube.com/watch?v=L4xKf6Ku57k> >

Estes sinais mostram os mesmos morfemas-boca com os lábios apertados, cujos sinais convencionais se expressam obrigatoriamente nos aspectos linguísticos dos parâmetros não manuais aqui visualizados, no entanto se fossem apresentados sem expressão facial não significariam nada, outrossim, conforme nota-se na **Fig 76** – onde mostra o sinal no sentido da gíria, e assim este sinal de “Sacrifício” é elaborado conforme parâmetros à seguir:

Elaboração do sinal: sinal elaborado com uma mão em configuração do nº 1, fazendo o sinal da cruz, nariz, peito, um lado para o outro da bochecha, em sequência apresenta-se a expressão facial como se estivesse preocupado, com as sobrancelhas franzidas e o morfema-boca apresentado com os lábios cerrados, fortalecendo todo contexto do sinal não manual.

Exemplo: PESSOA X EXPLICAR PESSOA Y JESUS SOFRER MUITO faz (sinal fig. 75) // A pessoa X explica para a pessoa Y Jesus sofreu muito na cruz.

O morfema-boca preso nos mostra uma sequência significativa de sinais, interligado pelo sinal da cruz, lembrando a crucificação de JESUS, mostrando o quanto é doloroso; a expressão facial com as sobrancelhas para baixo significando que é muito difícil ter paciência e/ou renunciar, conforme esclarecimento feito no dicionário quanto ao seu significado.



Figura 75: Sinal 'aguento mais adulando'

Vídeo original: < https://www.youtube.com/watch?v=8I6R_NCpt3I >

Sinal apresentado com parâmetros diversificados do anterior, apesar de a mão realiza movimento similar ao anterior.

Elaboração do sinal: sinal elaborado com a mão espalmada. Palma da mão voltada para o corpo, dedos abertos, fazendo o sinal da cruz, nariz, peito, um lado e outro do ombro; em conjunto, apresenta-se a expressão facial serena, olhos abertos e o morfema-boca, sinalizando a expressão “the” com a língua para fora como se estivesse cansado, mas ainda aguenta, pode falar mais.

Exemplo: PESSOA X IX(dem) VAI TRABALHAR HOJE? / PESSOA Y SIM VOU (sinal fig. 75) // A pessoa X pergunta à pessoa Y: vai trabalhar hoje? A pessoa Y responde, sim e faz o sinal 76, como se dissesse: é o jeito, fazer o que?

Morfema-boca configurado pela posição da língua para fora e o sinal da cruz, no entanto com significado diferente, de que aguenta mais, paciência no bom sentido, pode também ter sentido negativo exemplo quando a pessoa não gosta de alguém, faz o sinal aguenta, mas não gosta da pessoa ou essa vida está muito difícil; também que expressa: fazer o que? Tem que se esforçar mais; mostrando a língua também pode ter sentido de que está trabalhando muito, suando muito, mas continua toda trabalhada e assim, o morfema-boca depende de cada situação panorâmica da conversação.

Fig 76 – Sinal apresentando o realce principalmente do morfema-boca representando na gíria a expressão “muito bonito, belíssimo”, como abordado conforme ilustração.

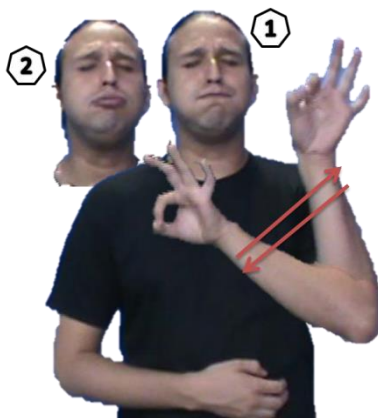


Figura 76: Sinal 'belíssimo'

SINAL < BELISSIMO> + BOCA SOPRO DOS LÁBIOS.

Vídeo original: < <https://www.youtube.com/watch?v=RBspgJJTyEs> >

Observação dos sinais **Fig. 76 e 77** com um mesmo sentido, elaborando sopro nos lábios, conforme o morfema-boca.

Elaboração do sinal: sinal executado com uma mão espalmada, palma da mão para frente, dedo polegar unido ao indicador; fazendo um movimento do peito para o ombro, voltando ao peito, no mesmo lado do braço; em sequência apresenta-se a expressão facial com os olhos fechados e o morfema-boca fortemente apresentado com a boca cheia de ar, os lábios cerrados e finalmente soltando todo ar da boca, como se tivesse sido pego de surpresa e ficando como se estivesse sem fôlego.

Morfema-boca do sinal convencional com sopro dando ênfase à expressão facial, configurando um sentido de achando muito bom, que até tirou o fôlego e assim é representado o sinal de PERFEITO. Na gíria é feito um empréstimo do sinal PERFEITO virando a mão para frente. Em seguida elabora o sinal de BONITO com localização no espaço do rosto e numa sequência entra em ação o morfema-boca com significado de exagero conforme a situação.

Exemplo: PESSOA X VER PESSOA Y / PESSOA X (faz sinal Fig.77) // A pessoa X vê uma pessoa Y passar. Então a pessoa X faz o sinal da fig 77 como se dissesse: “MUITO BONITO(A), GATO(A), BELA(O),BELÍSSIMO(A)”, geralmente visualizando na pessoa a beleza exterior.



Figura 77: Sinal 'cuidado, evitar que a outra pessoa veja'
SINAL <EVITAR> + MORFEMA-BOCA APERTANDO OS LÁBIOS
CURVADOS PARA BAIXO

Morfema-boca apresentando apreço nos sinais de aspectos sigilosos, sutís e utilizando outros espaços de localização.

Elaboração do sinal: sinal elaborado com uma mão em configuração da letra “Y” na altura do peito, na lateral do corpo, elaborando um movimento para um lado e para o outro na altura do peito.

Aqui sobressai a expressão facial, olhos abertos, sobrancelhas franzidas, bochechas cheias de ar e o morfema-boca fortemente representado pelo lábios presos e logo em seguida soltando todo o ar.



Figura 78: Morfema boca 'olha aí'
Vídeo original: < <https://www.youtube.com/watch?v=cbLxQCEmZhE> >

Elaboração do sinal: sinal elaborado somente com a representação facial, utilizando o olhar em diferentes direções e em unísono, apresenta-se o morfema-boca, com a boca aberta, representando a vogal “O”, por sua vez, a língua apresenta-se para fora num movimento de vai e vem, numa sequência lógica para o sinal visual da expressão “olha aí”.

A gíria aqui, fortemente representada pelo Morfema-boca elaborando movimentos da língua para cima e para baixo num sentido sigiloso, sem precisar de apontação, já que o significado dá-se pelo olhar o qual elabora um mapeamento na direção da situação e do local que está acontecendo algo, vendo algo, mostrando o acontecimento para outra pessoa sem que terceiros percebam tal situação. Por sua vez, o dicionário apresenta o sinal OLHA PARA LÁ!(CL) significa locução interjetiva de comando ou ordem. Ver algo para o interlocutor, olhe para determinada direção e assim, a configuração tem a seguinte elaboração: Mão em V, palma para frente. Mover a mão em direção ao que se quer mostrar, virando a palma para baixo e/ou para frente.

6.2.1. Morfema boca e aspectos linguísticos na pragmática

Conforme **Fig 78**, observamos diversos aspectos do morfema-boca com a língua para fora, representando com aparências linguísticas e situações na pragmática; abordando diversas formas de boca.

Podemos observar a importância da identificação do sinal e sua expressão facial com os morfemas-boca dando ênfase a todas as características que nos fornecem informações dentro do contexto da situação na pragmática, envolvendo a subjetividade da interpretação da comunidade surda; sua intuição, tradução cultural, seu signo linguístico e a lógica experimental humana de diversos grupos sociais que atuam utilizando seus próprios objetivos e consequentemente na situação da interação dos surdos no momento da conversação espontânea. É uma língua natural e decidida onde seu cognitivo transcende na percepção dos significados e dos significantes, focando então os morfemas-boca dependendo do contexto.

Na comunicação é dada ênfase à percepção visual, sua importante interpretação conforme a **Fig 79** visualizando a expressão facial, dando ênfase ao morfema boca, levando em consideração a observação das expressões visuais do outro no momento da conversação.

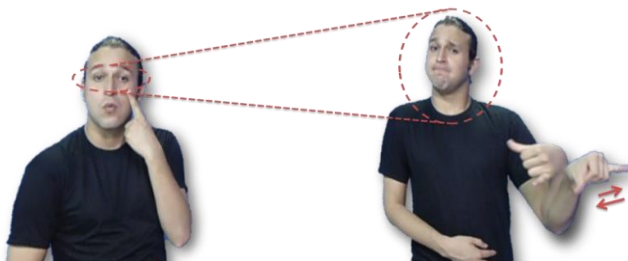


Figura 79: Aspectos da interpretação das gírias associados a sinais não-manuais e a morfemas-boca

Elaboração do sinal: Esta figura pretende mostrar a importância da expressão facial e do morfema-boca numa conversação entre pessoas que são familiarizadas com os sinais utilizados dentro do grupo, pois assim, não precisam necessariamente elaborar o sinal tal qual ele é convencionalmente apresentado e assim sendo, no limiar das expressões nos sinais elaborados em suas formas mínimas e em diferentes localizações, apresentam-se em suas formas sigilosas com trejeitos rápidos e precisos, constituindo assim, novas representações e ao mesmo tempo, com os anteriores significados.

6.3. Discussão sobre os resultados

Falar sobre a fonologia, morfema boca e fazer a análise dos dados aqui apresentados é como fazer uma retrospectiva das observações deste tão precioso tema, considerando assim, uma maior investigação no campo da gíria, voltada para a análise de alguns aspectos gramaticais e morfológicos dos sinais aqui pesquisados onde apontam para as seguintes considerações:

Existem diferentes tipos de sinais em gírias na LSB, tendo em vista que os sinais padronizados também sofrem mudanças conforme as influências fonológicas e morfológicas; tais mudanças, afetam também os sinais realizados enquanto gírias: As expressões faciais reforçam a significação do sinal em elaboração. De igual modo, o Morfema-boca tem grande significado para a elaboração do sinal em seu contexto significativo.

A pragmática em sua forma de auxílio, ajuda no estudo da interpretação dos sinais em seu segmento social, a sua importância contribui para que usuários e intérpretes vejam as gírias e as

perspectivas de seus aspectos na comunidade surda, apontando os grupos sociais usuários da língua aqui pesquisada e das gírias que as compõem, ressaltando os significados e significantes adquiridos através das diferentes comunidades, auxiliando no conhecimento formal e/ou informal da comunicação na interpretação de seus interlocutores, no uso e na tradução cultural.

Reavaliando as palavras de Saussure quando diz “a língua é heteroclítica e multifacetada”, e assim, faz-se concordar com todos seus aspectos distintos aqui reunidos, suas formas icônicas, arbitrárias e datilológicas de se apresentarem, ressaltando em todo seu corpo, suas alterações dentro do seu contexto e sinalizações correntes; a dinâmica das mãos, das expressões faciais e corporais, sua simultaneidade em conjunto com todo seu aspecto social, corporal e visual, dando origens à fonologia comunicativa do povo surdo, tentando descrever da melhor maneira o trabalho ora registrado e os estudos feitos quanto às explicações propostas pelos autores pesquisados; encontrando através da interação com seu par, o contexto ideal de sua comunicação total, através dos sinais icônicos, metonímicos e metafóricos das línguas de sinais. Para finalizar, é imperante realizar a seguinte citação:

...Está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Não só no sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza (LAKOFF e JOHNSON, 2002 [1980], p. 45).

Como todo mundo, o surdo também tem sua comunicação sigilosa na qual quem não está inserido no contexto, não entende seu discurso; e assim grupos formam seus sinais sigilosos entre eles e dependendo do segredo e da ética abrangente no grupo, estes sinais que permanecem na obscuridade do grupo fechado, sem deixarem se fazer entender e assim, reservadamente conversam e se comprometem em não expor aqui seus sinais sigilosos, respeitando a ética dos grupos sociais.

7. CONCLUSÃO

Fazendo um breve relato do que foi aqui pesquisado, fez-se informação da fundamentação teórica dos sinais e suas gírias; a fonologia, morfologia, as expressões faciais e os morfemas-boca; entre outros; neste íterim, foram apresentadas a contextualização da gíria do dicionário Capovilla e da gíria usada em Natal do Rio Grande do Norte, visto isso, é aqui apresentada as disparidades na elaboração do sinal, principalmente pela falta de detalhes da expressão facial no citado dicionário o que fica uma lacuna à desejar. Fazendo uma importante ressalva, muitos, sinais em gíria são tão comumente elaborados que naturalmente é utilizado no dia a dia dos utentes da LSB e assim, fica aqui registrado suas diversificações, visto que nenhum sinal da gíria pode ser fielmente padronizado nem comprovado quanto seu processo de constituição, visto que o Capovilla não tem registrado nenhum sinal da gíria e por falar em Capovilla tornar-se necessário registrar que existem certas descrições especificando o sinal como sendo elaborado com a mão direita e mão esquerda, lado direito e lado esquerdo e assim, fica a apreciação de que não deve ser especificado qual lado é a mão ativa, nem a mão passiva, visto que sobrevém pessoas canhotas e pessoas destros, elaboram o sinal conforme a especificação de usar primeiro a mão direita ou a esquerda.

Há comprovações que a variação linguística faz parte da vida das pessoas surdas em seu dia a dia. Assim sendo, elas estão dispersas entre as classes sociais e, construindo suas próprias inconstâncias na descrição da fala. Esta pesquisa muito contribuiu conforme dados adquiridos do estudo supracitado; ajudando a fazer registro dos sinais das gírias e assim, deixo minhas solicitações quanto à necessidade da criação de novos dicionários que contenham tão significativo assunto; para que os próximos pesquisadores possam ter melhores fontes de pesquisa. Muito gratificante é poder contribuir para que novas pessoas tenham maiores incentivos.

As orientações adquiridas muito ajudaram no melhoramento das estratégias, em perceber as diferenças no uso da gíria em contexto, com suas diversificadas etapas de expressão facial e morfema-boca em face da utilização da língua de sinais.

A produção dos sinais em LSB da comunidade surda que a pesquisa revela, traduz-se na culminância de esforços coletivos aqui relacionados e abre novos caminhos dentro da cultura surda, no contexto do discurso das muitas mãos que colaboraram para a análise de gírias produzidas em Natal.

Apresentado como trabalho científico, a presente dissertação configura-se também como registro de aspectos sociolinguísticos de uma comunidade específica ao congregar interações comunicativas que até então estavam entregues ao ocaso de sua produção espontânea. Doravante, encontra-se sobre o olhar científico e analítico na busca por permanecer validando a LSB como língua dos surdos com todos os seus aspectos que lhe confere o estatuto de língua.

A partir de discussões aqui testadas, esta pesquisa toma seu devido rumo, com as gírias peculiares do povo surdo de Natal em sua configuração, onde seus traços coletivos e característicos estão sendo avaliados. Inicia-se, portanto, uma investigação com lacunas em aberto, para que outras pessoas venham, posteriormente, trazer também questões relacionadas aos estudos surdos, à gíria, ao povo surdo em geral.

A maioria das pessoas utilizam geralmente a parte convencional e esquecem de observar os sinais, sem levar em consideração o seu contexto, não explorando, assim, as expressões faciais nem tampouco o morfema boca. Outrossim, sempre é argumentado que as pessoas precisam ter relações com diferentes comunidades para uma maior divulgação cultural, pois sem o contato externo terão dificuldades em entender tão peculiar cultura e seu jeito surdo de falar.

Registra-se, nessa pesquisa, elaborada análise de levantamento de dados, pesquisa bibliográfica, pensamentos, cultura e marca da comunidade surda. Assim, englobam-se também os desafios presentes, deixando aberto o espaço para novas pesquisas, diferentes reflexões, avolumando as possibilidades de contextos sobre este tão novo e antigo assunto: a gíria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANATER, Gisele Iandra Pessini. **As marcações linguísticas não-manuais na aquisição da língua de sinais brasileira (LSB): um estudo de caso longitudinal**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

BAGNO, Marcos (org.). **A lingüística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.

_____. **Pesquisa na escola: o que é, como se faz**. 23ª ed. São Paulo: Loyola, 2009

_____. **Não é errado falar assim! Em defesa do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2009.

_____. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 1999. v. 1.

BAHAN, B. **Non-manual realization of agreement in American Sign Language**. Tese de doutorado (Filosofia), Boston University, 1996.

BAKER, Anne; BOGAERDE, Beppie van den. *Interactie en Discourse [Interaction and Discourse]*. In: Baker, Anne/Bogaerde, Beppie van den/Pfau, Roland/Schermer, Trude (eds.), **Gebarentaalwetenschap. Een Inleiding [Sign Linguistics. An Introduction]**. Deventer: Van Tricht, 83_98. 2008

BARBOSA, Gustavo & RABAÇA, Carlos A. **Dicionário de Comunicação**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

BATTISON, R. (1974). *Phonological Deletion in American Sign Language*. In: **Sign Language Studies**, v. 5, p. 1- 19.

BRAEM Boyes, Penny; SUTTON-SPENCE, Rachel (eds.) **The hands are the head of the mouth: The mouth as articulator in sign languages**. Hamburg: Signum-Verlag, 2001

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Lei Nº. 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências.

BRENNAN, Mary. *Word Formation in British Sign Language.* Stockholm: The University of Stockholm. 1990.

BRIEN, D. BRENNAN, M. *Sign Language dictionaries: issues and development.* In: **Sign Language Research 1994: International studies on sign language and communication of deaf.** Germany: Signum, 1995.

BICKFORD, J. Albert; FRAYCHINEAUD, Kathy. *Mouth morphemes in ASL: a closer look.* In: **Sign language the past, present and future.** TISLR9, forty five papers and three posters from the **9th Theoretical Issues in Sign Language Research Conference.** Florianópolis, Brazil, December 2006, Ronice Müller de Quadros (ed.), pages 32-47. **Theoretical Issues in Sign Language Research 9.** Petrópolis, RJ: Editora Araya Azul.

CABELLO, A. R. **Gíria: Vulgarização de um signo de grupo?** Assis, 1989. Tese de (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.

CABRAL, Leonor Scliar. **Introdução à Linguística.** 7 ed. Rio de Janeiro: Globo, 1988.

CALVET, L. **Sociolinguística: uma introdução crítica.** Tradução de M. Marcionillo. São Paulo: Parábola. 2002.

CAMPELLO, A. R. S. ; CASTRO, N. P. . *Introdução da Glosinais como Ferramenta de Tradução / Interpretação das Pessoas Surdas Brasileiras.* **Revista Escrita (PUCRJ. Online)** , v. 17, p. 01-14, 2013.

CAMACHO, R. *A variação linguística.* In: **Subsídios à proposta curricular de Língua Portuguesa para 1º e 2º graus.** São Paulo: Secretaria da Educação do Estados de São Paulo, 1988.

CARDONA, Giorgio Raimondo. **Diccionario de linguística**. Barcelona: Ariel, 1991.

CAPOVILLA, Fernando César (Ed.); RAPHAEL, Walkiria Duarte (Ed.); MAURICIO, Aline Cristina L. (Ed.). **Novo Deit-Libras: dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em linguística e neurociências cognitivas**. 2ª ed. rev. e ampl.. São Paulo: EdUSP, 2012. v.1. 1- 1401 p.

_____. **Novo Deit-Libras: dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em linguística e neurociências cognitivas**. 2a ed. rev. e ampl.. São Paulo: EdUSP, 2012. v.2. 1421- 2759 p.

CICOUREL, Aaron. **Method and Measurement in Sociology**. New York: The Free Press, 1964.

_____. *Three Models of Discourse Analysis: The Role of Social Structure*. **Discourse Processes**, Vol. 3, 1980. Pp. 101-131.

CORINA, David; BELLU Ursula; REILLY, Judy. *Neuropsychological studies of linguistic and affective facial expressions in deaf signers*. In: **Language and Speech**. Thames Ditton: Apr-Sep 1999. Vol 42. Part 2/3. Pg. 307.

CHOMSKY, Noam. **Syntactic structures**. The Hague: Mouton. 1957.

DALCIN, Gladis. *Um estranho no ninho: um estudo psicanalítico sobre a constituição da subjetividade do sujeito surdo*. In: QUADROS, Ronice (Org.) . **Estudos Surdos I**. Petrópolis: Arara Azul, 2006.

DINIZ, Heloise Gripp. **A história da língua de sinais dos surdos brasileiros: um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais da Libras**. Petrópolis: Arara Azul, 2011.

FARACO, C.A. **Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola. 2005.

FARIA, S. P., **Metáfora na LSB: Debaixo dos panos ou a um palmo de nosso nariz?** Campinas: Educação temática digital, v.7, p. 179-199, jun 2006.

_____. **A metáfora na LSB e a construção dos sentidos no desenvolvimento da competência comunicativa de alunos surdos.** Dissertação (Mestrado). Brasília: UnB, 2003.

FELIPE, Tanya A. **Libras em Contexto: Curso Básico: Livro do Professor.** 6ª ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006.

_____. **A coesão textual em narrativas pessoais na LSCB.** Monografia de conclusão da História da Análise do Discurso do curso de doutorado em Linguística. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.

_____. **Por uma tipologia dos verbos na LSCB. Anais do VII Encontro Nacional da ANPOLL.** Goiânia. [s.n.] 1993. pp. 726-743.

_____. **A valência dos verbos na LSCB. Anais do II Congresso da Assel-Rio. Faculdade de Letras.** Rio de Janeiro: UFRJ. 1993. pp. 216-231.

FERNALD, Theodore B./Napoli, Donna Jo. *Exploitation of Morphological Possibilities in Signed Languages.* In: **Sign Language & Linguistics** 3(1), 3_58. 2000.

FERREIRA BRITO, L. *Os direitos linguísticos do surdo.* **Revista Cultura Vozes**, n.5 jun/jul. 1985.

FERREIRA BRITO, L. **Por uma gramática de língua de sinais.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FILLMORE, C. *'Corpus linguistics' or 'computer corpus linguistics'.* In: J. SVARTVIK (org.). **Directions in Corpus Linguistics. Proceedings of Nobel Symposium 82.** Stockholm, 4-8 August 1991. Berlin, New York: De Gruyter.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa? crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda.** São Paulo: Parábola, 2009.

GRICE, Paul. *Logic and Conversation*. In: Cole, Peter/Morgan, Jerry L. (eds.), **Studies in Syntax and Semantics III: Speech Acts**. New York: Academic Press, 183_198. 1975

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

Hall, Edward. **Beyond Culture**. New York: Anchor/Doubleday, 1981. 1976.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Tradução de I. Blikstein e J. P. Paes. São Paulo: Cultrix, 1971.

_____. **Selected Writings II: Word and Language**. The Hague: Mouton, 1971.

Johnston, Trevor; Schembri, Adam. *On Defining Lexeme in a Signed Language*. In: **Sign Language & Linguistics** 2(2), 115_185. 1999.

_____. *A estrutura metafórica do sistema humano conceitual*. Universidade da Califórnia. Berkeley. A ciência cognitiva 4. 195-208 (1980).

JUNIOR, Gláucio de Castro. **Variação Linguística em Língua Brasileira de Sinais, Foco no léxico**. Dissertação (Mestrado). Brasília: UnB, 2011.

KADOTA, Neiva Piita. **A construção da linguagem: introdução à linguística, semiótica e comunicação**. São Paulo: LCTE Editora, 2009.

KLIAN, Carina. FLORÊS, Claro Onice. **Leitura, interpretação e compreensão: uma visão pragmática**. 2012. ISSN: 1516-8492. Link disponível <
<http://jararaca.ufsm.br/websites/l&c/2126aa06463930747e9d0d25adf1ac82.htm>>

LAKOFF, George; Johnson, Mark. **Metaphors we Live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LAMBOV, Willian. **Padrões sociolingüísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Perreira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LEITE, Tarcísio de Arantes. **A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): Um estudo lingüístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos.** São Paulo, 2008. 280 p. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês). São Paulo: Universidade de São Paulo – USP, 2008.

LEVINSON, S.C. **Pragmatics.** London, New York, New Rochele, Melbourne Sydney: Cambridge,1983.

LIDDEL, S. K. **Grammar, Gesture, and Meaning in American Sign Language.** Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LIDDELL, S. K. *Indicating verbs and pronouns: Pointing away from agreement.* In: **The signs of language revisited: An anthology to honor Ursulla Bellugi and Edward Klima,** ed. K. Emmorey and H. Lane, 303-320. Mahway, N. J.: Erlbaum, 2000.

LIDDELL, S. K. *Think and Believe: Sequentiality in American Sign Language.* In: **Language,** v. 60, nº 2, p. 372 – 399. .1984.

LILLO-MARTIN, Diane. *The Point of View Predicate in American Sign Language.* In: Emmorey, Karen/Reilly, Judy (eds.). **Language, Gesture, and Space.** Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 155_170, 1995.

MADEIRA, Marcelo Sivano. *Pragmatismo ou Pragmaticismo? Considerações sobre o conceito pragmatismo a partir da análise o que é pragmatismo.* **Revista Eletrônica Espaço Teológico.** Vol. 6, n. 10, Jul/dez, 2012, p.61-69. ISSN 2177-962X. link disponível < <http://revista.pucsp.br/php/reveleteo>.

MARTELOTTA, E.M. (org.) **Manual de Linguística, 2ª ed.** São Paulo: Contexto, 2012.

MASUTTI, Mara Lúcia. **Tradução Cultural: Desconstruções logofonocêntricas em zonas de contato entre surdos e ouvintes.** Tese (doutorado). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

MIRANDA, Wilson. **A experiência e a pedagogia que nós surdos queremos.** Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

MOUNIN, Georges. **Dictionnaire de la linguistique**. Paris: Quadrige; PUF, 1993

PERLIN, Gladis, **O ser e o estar sendo surdos: alteridade, diferença e identidade**. Tese(doutorado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de pós-graduação em educação. Porto Alegre.BR-RS,2003.

PERLIN, Gladis; QUADROS, Ronice. *Ouvinte: O outro do ser surdo*. In: QUADROS, Ronice(org.). **Estudos Surdos I**. Petrópolis: Arara Azul, 2006. p. 166-185.

PETTER, M. (2006). *Linguagem, Língua, Linguística*. In: FIORIN, J. L. (Org.) (2006). **Introdução à Linguística I - Objetos Teóricos**. 5ª ed. São Paulo: Contexto.

PFAU, Roland & QUER, Josep. *Nonmanuals: their prosodic and gramatical roles*. In: Brentari, Diane (ed.), **Sign Languages (Cambridge Language Surveys)**. Cambridge: Cambridge University Press,2010,381-402.

PRETI, Dino. *Gíria: um capítulo da história social da linguagem*. In: BARROS, K. de.(org). **Produção textual – interação, processamento, variação**. Natal: EDUFRN,1999.

PRETI, Dino. **Sociolinguística: Os Níveis de Fala: Um Estudo Sociolinguístico do Diálogo da Literatura Brasileira**. 9ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

PRETI, Dino. *Transformações Fenômeno sociolinguística da gíria*. **Rev. ANPOLL**, N.9, p.213- 226, Jul/Dez 2000.

PÊGO, Carolina Ferreira. **Sinais não manuais gramaticais da LSB ns traços morfológicos e lexicais. Um estudo do morfema-boca**. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília. 2013

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de Surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre. Artes Médicas. 1997.

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RECTOR, Mônica. **A linguagem da juventude: uma pesquisa geosociolinguística**. Petrópolis: Vozes, 1975.

RIBEIRO, Simone Nejaim. **A língua do adolescente linguagem especial ou gíria?** Disponível em <<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/12/04.htm>>

SACKS, Oliver. **Vendo vozes: uma viagem ao mundos dos surdos**. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Campanha das letras, 1999.

SANDLER, Wendy. *Cliticization and Prosodic Words in a Sign Language*. In: Kleinhenz, Ursula/Hall, Tracy (eds.). **Studies on the Phonological Word**. Amsterdam: Benjamins, 223_254. 1999^a

SANDLER, Wendy. **Phonological Representation of the Sign: Linearity and Nonlinearity in American Sign Language**. Dordrecht: Foris. 1989.

SANTANA, A. P. **Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas**. São Paulo: Editora Plexus, 2007.

SANTOS, Caroline Reis Vieira. **A tradução de gírias em Harry Potter: um estudo com base em corpus**. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, 2014.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. Petrópolis: Vozes, 1978.

SCHERMER, T. HARDER, R. *Lexical variation in dutch sign language: some implications for language planning*. In: TEVOORT. B (Ed.). **Signs of life: Proceeding of the second european congresso on sign language research**. Amsterdam: University of Amesterdam and National Foundation dor the Deaf and Hard of Hearing Child, 1986.

SILVA, A. F. da. *Gíria: Linguagem ou vocabulário?*. **Revista Philogus** 14(41), 2008. Disponível em <<http://filologia.org.br>>. Acesso em 10 mar 2010.

SILVA, Rodrigo Custódio da. **Indicadores de formalidade no gênero monológico em Libras**. Dissertação (Mestrado). Florianópolis, 2013.

SKLIAR, Carlos,(2003). *Perspectivas políticas e pedagógicas da educação bilíngue para surdos*. In: SILVA, S. & VIZIM, M. (orgs.). **Educação especial: múltiplas leituras e diferentes significados**. São Paulo: Mercado de Letras.

STOBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis. Ed do UFSC,2008.

STOKOE,W. C. **Sign Language Structure: An Outline of the visual Communication Systems of the American Deaf**. New York: University of Buffalo Press.

STROBEL, Karin Lilian; FERNANDES, Sueli. **Aspectos Lingüísticos da Língua Brasileira de Sinais**. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

SERRA e GURGEL, J. B. **Dicionário de gíria**. 5ª ed. Brasília (ed. Do A.).

TRASK, R. L. **Dicionário de Linguagem e Lingüística**. São Paulo: Contexto, 2004.

VILHAVA, Shirley. **Mapeamento das línguas de sinais emergentes: um estudo sobre as comunidades lingüísticas Indígenas de Mato Grosso do Sul**. Dissertação (Mestrado de Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis/SC, 2009.

VIOTTI, E. (2006). **Introdução aos Estudos Lingüísticos**. Curso de Letras/Libras – UFSC.

WEINREICH, U., LABOV, W. e HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.